

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Teresa Margarida Araújo Louro Alves

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Teresa Margarida Araújo Louro Alves

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, sob orientação da
Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, agosto de 2012

Ser criança

É descobrir a magia

Colorir o mundo com um pincel.

Ser criança

É ouvir a melodia

De um desenho em papel.

Serei criança

No meu dia-a-dia

Viajando no seu carrossel.

A realização deste trabalho resulta de um grande esforço pessoal, de uma enorme motivação e empenho, mas também de muitos obstáculos que apenas foram ultrapassados por ter a meu lado todas as pessoas que me acompanharam com a sua presença direta ou indiretamente. Desta forma quero apresentar o meu profundo agradecimento a todas essas pessoas.

Agradeço à Escola Superior de Educação João de Deus, ao seu corpo docente, e, em particular ao Professor Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, diretor desta ESE, que me formaram e transmitiram todo o Método com rigor e autenticidade.

À Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo, pela sua sabedoria e conhecimento científico na orientação deste trabalho, pela amizade e disponibilidade que demonstrou ter sempre em todas as minhas dúvidas.

Ao Professor Jaime Santos, pelo seu contributo, pelo seu saber e apoio. Pela sua presença sempre que necessitei da sua ajuda.

À Inês que esteve sempre comigo nos bons e nos momentos mais difíceis, ajudando-me a ultrapassá-los.

À Instituição e equipa da “Formiguinha”, em especial à minha Diretora Isabel, pela sua compreensão e por acreditar no meu trabalho, convidando-me para integrar a sua equipa de docência.

A todas as educadoras e crianças, com quem tive o privilégio de contactar.

À minha família e amigos, que estiveram ao meu lado desde o início, demonstrando uma grande força e amizade.

À minha mãe, ao meu pai e irmão pelo apoio emocional, pela motivação, dedicação, coragem e compreensão que sempre me deram.

Ao meu marido, pelo seu incentivo, compreensão, paciência e dedicação deste percurso da minha vida.

E em especial ao meu filho, Martim, que compreendeu todas as minhas ausências, e nos momentos mais difíceis apenas o seu abraço me devolvia a confiança e me fazia acreditar que valia a pena!

A todos, muito obrigada...

ÍNDICE GERAL

Índice de Quadros	xiv
Índice de Figuras	xv
Lista de abreviaturas	xv
Introdução	1
1. Identificação dos locais de estágio	5
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	7
3. Importância da elaboração do Relatório do Estágio Profissional	7
4. Identificação do grupo de estágio	8
5. Metodologia utilizada	8
6. Pertinência do estágio	9
7. Cronograma do estágio	10
CAPÍTULO 1: Relatos Diários	11
1. Descrição do capítulo	13
1.1. Enquadramento teórico	14
1.1.1. Rotinas	15
1.2. 1.ª Secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	19
1.2.1. Local e data do estágio	19
1.2.2. Caracterização da turma	19
1.2.3. Caracterização do espaço	19
1.2.4. Horário	20
1.2.5. Bibe Azul (5 anos)	20
1.2.6. Relatos diários	22
1.3. 2.ª Secção: Bibe Encarnado B	29
1.3.1. Local e data de estágio	29
1.3.2. Caracterização da turma	29
1.3.3. Caracterização do espaço	29
1.3.4. Horário	29
1.3.5. Bibe Encarnado (4 anos)	30
1.3.6. Relatos diários	30
1.4. 3.ª Secção: Bibe Azul	40
1.4.1. Local e data de estágio	40
1.4.2. Caracterização da turma	40
1.4.3. Relatos diários	40
1.5. 4.ª Secção: Bibe Amarelo B	53

1.5.1. Local e data de estágio.....	53
1.5.2. Caraterização da turma	53
1.5.3. Caraterização do espaço.....	53
1.5.4. Horário	53
1.5.5. Bibe Amarelo (3 anos).....	54
1.5.6. Relatos diários	55
1.6. 5.ª Secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.....	67
1.6.1. Local e data do estágio.....	67
1.6.2. Caraterização da turma	67
1.6.3. Caraterização do espaço.....	67
1.6.4. Horário da Sala dos 4 anos	68
1.6.5. Relato semanal.....	69
1.7. 6.ª Secção: Bibe Encarnado A – Estrela e Albarraque	71
1.7.1. Local e data de estágio.....	71
1.7.2. Caraterização da turma (Bibe Encarnado A Estrela)	71
1.7.3. Caraterização do espaço (JEJD-Estrela)	71
1.7.4. Horário (Bibe Encarnado A Estrela)	72
1.7.5. Caraterização da turma (Bibe Encarnado A Albarraque)	72
1.7.6. Caraterização do espaço (Bibe Encarnado A Albarraque)	73
1.7.7. Horário (Bibe Encarnado A Albarraque).....	73
1.7.8. Relatos diários	73
1.8. 7.ª Secção: Bibe Encarnado A - Albarraque e Bibe Azul B - Estrela	78
1.8.1. Local e data do estágio.....	78
1.8.2. Caraterização da turma	78
1.8.3. Caraterização do espaço.....	79
1.8.4. Horário	79
1.8.5. Relatos diários	80
1.9. 8.ª Secção: Semana de estágio intensivo	92
1.9.1. Local e data de estágio.....	92
1.9.2. Relato Semanal	92
CAPÍTULO 2: Planificações.....	95
2. Breve descrição do capítulo	97
2.1. Enquadramento teórico	97
2.2. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.	104
2.3. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.	107
2.4. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio das Expressões - Expressão Plástica.....	110
2.5. Planificação realizada na área de Conhecimento do Mundo PPACP.....	113
2.6. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita PPACP.	116
2.7. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática PPACP.....	118
2.8. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora PPACP	121

CAPÍTULO 3: Dispositivos de Avaliação	126
3. Breve descrição do capítulo	127
3.1. Fundamentação teórica	127
3.1.1. A avaliação numa dimensão diagnóstica	130
3.1.2. A avaliação numa dimensão formativa.....	131
3.2. Dispositivo de Avaliação da Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	133
3.2.1. Contextualização da Atividade	133
3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	135
3.2.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações	136
3.2.4. Descrição da Tabela de Avaliação	136
3.2.5. Apresentação da Grelha de Correção de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	137
3.2.6. Descrição da Grelha de Correção	137
3.2.7. Apresentação dos resultados em Gráfico	138
3.2.8. Análise do Gráfico	138
3.3.1. Contextualização da Atividade	139
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	141
3.3.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações de Conhecimento do Mundo.....	142
3.3.4. Descrição da Tabela de Avaliação	142
3.3.5. Apresentação da Grelha de Correção da Atividade de Conhecimento do Mundo	143
3.3.6. Descrição da Grelha de Correção	144
3.3.7. Apresentação dos resultados em Gráfico	144
3.3.8. Análise do Gráfico	144
3.4. Dispositivo de Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática	145
3.4.1. Contextualização da Atividade	146
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	146
3.4.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações do Domínio da Matemática.....	147
3.4.4. Descrição da Tabela dos parâmetros e critérios de avaliação.....	147
3.4.5. Apresentação da Grelha de Correção da Atividade de Domínio da Matemática.....	148
3.4.6. Descrição da Grelha de Correção	148
3.4.7. Apresentação dos resultados em Gráfico	149
3.4.8. Análise do Gráfico	149
Reflexão Final.....	151
1. Considerações finais	153
2. Limitações.....	153
3. Novas pesquisas	154
Referências Bibliográficas	155

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos diferentes momentos de estágio	10
Quadro 2 – Horário do Bibe Azul B - Albarraque.....	20
Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado B - Albarraque	30
Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo B - Albarraque	54
Quadro 5 – Horário da Sala dos 4 anos – A Formiguinha.....	68
Quadro 6 – Horário do Bibe Encarnado A - Estrela.....	72
Quadro 7 – Horário do Bibe Encarnado A - Albarraque	73
Quadro 8 – Horário do Bibe Azul B - Estrela	79
Quadro 9 - Direitos da Criança	83
Quadro 10 - Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	100
Quadro 11 - Capacidades / Destrezas.....	101
Quadro 12 - Valores / Atitudes.....	102
Quadro 13 - Exposição de conceitos	103
Quadro 14 - Plano de aula na área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	104
Quadro 15 - Plano de aula na área do Domínio da Matemática.	107
Quadro 16 - Plano de aula no Domínio da Expressão Plástica	110
Quadro 17 - Plano de aula no Domínio do Conhecimento do Mundo.....	113
Quadro 18 - Plano de aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	116
Quadro 19 - Plano de aula no Domínio da Matemática.....	118
Quadro 20 - Plano de aula no Domínio da Expressão Motora	121
Quadro 21 - Escala de “Likert”	133
Quadro 22 - Tabela de Avaliação da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. ..	136
Quadro 23 - Grelha de Correção da turma.....	137
Quadro 24 - Tabela de Avaliação da Atividade de Conhecimento do Mundo.....	142
Quadro 25 - Grelha de Correção da turma para a Atividade de Conhecimento do Mundo	143
Quadro 26 - Tabela de Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática	147
Quadro 27 - Grelha de Correção da turma na Atividade do Domínio da Matemática.....	148

Índice de Figuras

Figura 1 - Sala do APTL preparada para o jogo do bingo.....	36
Figura 2 – Exercícios de escrita	40
Figura 3 – Aula assistida de Conhecimento do Mundo	45
Figura 4 – Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	45
Figura 5 – Leitura de palavras na Cartilha Maternal	46
Figura 6 – Espaço exterior do Jardim-Escola de Albarraque	49
Figura 7 – Árvore para colorir	62
Figura 8 – Atividade realizada com carimbos e papel crepe.....	62
Figura 9 – Atividade experimental da pena	84
Figura 10 – PPACP – Domínio da Matemática	90
Figura 11 – PPACP- Jogo	90
Figura 12 - Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	134
Figura 13 - Resultados da Avaliação da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	138
Figura 14 - Proposta de Atividade para o Conhecimento do Mundo	140
Figura 15 - Resultados da Avaliação da Atividade de Conhecimento do Mundo	144
Figura 16 - Atividade do Domínio da Matemática	145
Figura 17 - Resultados da Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática	149

Lista de abreviaturas

Acompanhamento Para Tempos Livres.....	APTL
American Psychological Association	APA
Escola Superior de Educação João de Deus	ESEJD
Jardins-Escolas João de Deus	JEJD
Jardins-Escolas.....	JE
Organização das Nações Unidas	ONU
Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	OCEPE
Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional	PPACP

Introdução

Introdução

O presente Relatório de Estágio Profissional tem como finalidade a apresentação de registos e experiências baseados na Prática Pedagógica I e II efetuada em Educação Pré-Escolar. Surge ainda no decorrer de um estudo pessoal e científico das práticas efetuadas durante o meu estágio entre 13 de setembro de 2010 a 15 de julho de 2011.

O estágio aqui relatado foi acompanhado pela Equipa de Supervisão Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus e pelas crianças dos Jardins-Escolas João de Deus (em geral) que permitiram a sua observação e implementação de atividades.

Este trabalho encontra-se dividido por três capítulos, nomeadamente, Relatos Diários, Planificações e Dispositivos de Avaliação. No final é feita uma Reflexão onde exponho algumas considerações finais, limitações e novas pesquisas.

Por uma questão de privacidade omito os nomes das educadoras e das crianças com quem efetuei as minhas observações e desenvolvi este estudo.

1. Identificação dos locais de estágio

Neste relatório irá ser mencionado, apenas e de forma sintetizada, os dados que considere mais relevantes sobre as instituições onde estagiei, numa dimensão descritiva dos recursos físicos e humanos, da população escolar e do funcionamento/organização dos Jardins-Escolas. Faço também uma breve caracterização do Jardim-Escola A Formiguinha, Instituição na qual desempenho funções profissionais há catorze anos e onde realizei uma semana de estágio intensivo.

Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

Relativamente ao meio, o Jardim-Escola João de Deus de Albarraque situa-se na rua Alfredo da Silva, n.º 35, na localidade de Albarraque, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra e distrito de Lisboa.

O Jardim-Escola está situado num local calmo e tem um amplo espaço exterior, onde as crianças podem brincar em segurança. Aqui existe berçário, uma sala de Bibe Azul-Turquesa (1 ano), uma sala de Bibe Verde (2 anos), uma Sala de Bibe Amarelo (3 anos) com duas turmas, uma sala de Bibe Encarnado (4 anos) com duas turmas e uma sala de Bibe Azul (5anos) também com duas turmas. Este Jardim-Escola tem ainda um ginásio; uma sala de televisão; uma sala de apoio ao Bibe Amarelo; duas casas de banho para uso das crianças; casas de banho para uso de funcionários; uma secretaria; uma sala de informática; uma sala de música; um espaço reservado ao Acompanhamento Para Tempos Livres (APTL), também com televisão e sanitários e como já foi mencionado, um espaço exterior em que as crianças têm baloiços e outros brinquedos.

As salas estão organizadas com quantidade de material suficiente para um bom funcionamento. Existem aços para leitura e brincadeira adequados às idades.

As salas do Bibe Amarelo, Encarnado e Azul são comuns às duas turmas, no entanto, porque são muito grandes e estão devidamente organizadas, ambos os grupos têm as atividades alternadas de forma a não se perturbarem mutuamente.

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

O Jardim-Escola João de Deus da Estrela fica situado na Avenida Álvares Cabral, junto ao Jardim Guerra Junqueiro (Jardim da Estrela), perto da Basílica da Estrela. As acessibilidades de transportes são bastante diversificadas, visto tratar-se de uma zona central da cidade. Junto ao Jardim-Escola, podemos encontrar o Museu Bibliográfico e a Escola Superior de Educação João de Deus.

O espaço físico do Jardim-Escola é composto por dois edifícios, sendo um deles constituído por um salão amplo, quatro salas de aula, uma biblioteca, a secretaria, casas de banho, uma cozinha e um refeitório. No outro edifício existem oito salas de aula e casas de banho. Existem dois espaços no exterior para o recreio.

Jardim-Escola A Formiguinha

Esta Instituição Escolar tem o nome “ A Formiguinha” e é uma Instituição particular Está dividida em dois edifícios próximos um do outro: “Jardim-de-Infância A Formiguinha” e o “Jardim-Escola A Formiguinha”. A caracterização que se segue refere-se ao Jardim-Escola, pois foi onde realizei o estágio que consta neste Relatório.

O Jardim-Escola A Formiguinha está localizado no distrito de Lisboa, pertence ao concelho de Sintra, à localidade de Chão-de-Meninos e fica na Rua Luís de Camões.

É destinado a crianças a partir dos 3 anos até aos 9/10 anos que corresponde ao final do 1.º Ciclo do Ensino Básico Possui uma sala dos 3 anos; uma sala dos 4 anos; uma sala dos 5 anos, uma sala de 1.º ano; uma sala de 2.º ano, uma sala de 3.º ano e uma sala de 4.º ano. Para além das salas apresentadas de acordo com as respetivas classes, existe um refeitório que está ligado à cozinha. Pátios para o recreio (três no total) cobertos e exteriores. Um ginásio equipado com instalação sonora e mobiliário adequado à prática de atividades físicas. Tem ainda, mais quatro salas, três dirigidas para os alunos e uma para os docentes e visitas. Uma sala que funciona como biblioteca, outra sala dirigida a toda a comunidade escolar, ainda uma sala polivalente que está equipada com jogos didáticos. A sala dirigida aos docentes e visitas possui sanitários e está referenciada como sala de trabalhos e/ou reuniões. Existem quatro zonas de casas de banho adequadas a cada idade.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O presente Relatório está dividido após esta primeira fase de Introdução, por três capítulos, denominados de Relatos Diários, Planificações, Dispositivos de Avaliação. Termina com uma Reflexão Final seguida das Referências Bibliográficas.

No capítulo referente aos Relatos Diários, foram criadas Secções para apresentar os diferentes momentos de estágio. É feito um enquadramento teórico em que são descritas as rotinas das crianças de 3,4 e 5 anos. Depois é efetuado o registo do dia observado, fundamentando o que considere mais pertinente em cada dia. No segundo capítulo, que diz respeito às Planificações, apresento sete planificações de aulas para expor algumas estratégias para que apliquei durante a Prática Pedagógica com uma justificação teórica sobre os procedimentos adotados. Segue-se o terceiro capítulo, Dispositivos de Avaliação, no qual apresento três propostas de trabalho, permitindo realizar a avaliação dos resultados obtidos com base em escalas e tratamento de dados imprescindíveis para essa avaliação.

A última parte deste trabalho consiste numa Reflexão Final sustentada pela importância do estágio profissional como contributo para a minha docência, a experiência com as várias classes infantis, as minhas expectativas no futuro e o quanto foi importante a pesquisa de autores para a elaboração deste relatório. Faço também uma referência a todas as limitações que encontrei no decorrer deste estudo.

Por último é referida toda a pesquisa bibliográfica efetuada.

3. Importância da elaboração do Relatório do Estágio Profissional

A elaboração deste Relatório assume uma importância fundamental na concretização da minha profissionalização. Após a Licenciatura em Educação Básica e a frequência Curricular neste segundo ciclo de estudos é a Defesa Pública deste Relatório que me permitirá finalizar o Mestrado em Educação Pré-Escolar, abrindo portas para o exercício da docência.

Considero que todas as pesquisas e investigações que realizei ajudaram a completar os conhecimentos que adquiri ao longo da minha formação teórica e prática. No entanto, de acordo com Pires (2007), “a formação não aparece como um fim em si mesmo, porque dentro desta podem existir sempre momentos, oportunidades e novas necessidades de formação” (p.80). A partir destas informações, parece-me pertinente dizer que um educador está e estará sempre em formação, ainda que com “leituras” da própria sala de aula e do seu envolvimento com os alunos. É desta forma que encaro o quanto foi importante ler e encontrar a concordância com o que me identificava, e sentir nas afirmações de vários autores, um comprovativo da veracidade das minhas palavras ou por outro lado, desvendar e interpretar o que já foi estudado.

4. Identificação do grupo de estágio

O meu grupo de estágio funcionou de forma muito positiva durante o primeiro momento, correspondente à Prática Pedagógica I. Foi bastante positivo o facto de estar com uma colega de turma, pois partilhámos críticas e elogios, envolvemos o nosso trabalho e experiências em fatores importantes para ultrapassar dificuldades e corrigir estratégias, procurando sempre a melhor metodologia a ser utilizada. Como refere Alarcão (2001), “(...) ser professor-investigador implica desenvolver competências para investigar, sobre e para a acção educativa e para partilhar resultados e processos com os outros, nomeadamente com os colegas” (p.24).

No segundo momento de estágio e nos restantes, integrei grupos já formados por outras colegas, sendo de igual modo enriquecedora essa experiência. De acordo com Pires (2007), “o colega de estágio favorece a integração já que, entre eles, se desenvolvem relações de apoio e cumplicidade” (p.157). Ainda assim, parte do estágio foi concretizado individualmente, mas também de forma positiva. De acordo com a autora, por vezes, o facto de o estagiário estar sozinho faz “sentir o grupo mais receptivo à sua acção” (p.157).

5. Metodologia utilizada

A metodologia adotada para a realização deste Relatório incide na sua maior parte numa metodologia de recolha de dados (notas de campo), através da observação participante e também da análise documental dos registos e dispositivos elaborados. São vários os autores que se situam nos pressupostos da investigação qualitativa, atribuindo-lhe características específicas que a transformam numa importante metodologia de investigação em Educação. Tem como instrumento também a narrativa tipo diário de acompanhamento do processo referida por Zabalza (1994) e elaborada enquanto observação participante.

Com base em Bogdan e Biklen (1994), apresento algumas características principais da investigação qualitativa: a fonte de dados ser constituída pelo ambiente natural, o que atribui ao investigador um papel fundamental na recolha de dados; a prioridade da descrição, seguida da análise dos dados; a valorização do processo e do produto final; o recurso ao método indutivo e por fim, a preocupação com o significado, procurando perceber o “porquê” e “o quê” dos problemas levantados.

Este Relatório assume também uma metodologia reflexiva, que atende ao reconhecimento e análise de diferentes perspetivas, sendo importante e imprescindível como refere Flick (2005), “a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção do saber; e a variedade dos métodos e perspectivas” (p. 5).

Quivy & Campenhoudt (1992) declaram que “no decorrer das observações são reunidas inúmeras informações que serão analisadas numa fase posterior” (p.157). Isto acontece essencialmente na elaboração do capítulo I. Os dados observados foram registados,

contextualizados e datados, por forma a permitir compreendê-los, numa fase posterior. Quando realizamos uma observação devemos ter sempre em consideração o grau de inferência do observador e a forma empregue para recolher os dados. Bell (1997) afirma que “(...) o seu papel consiste em observar e registar da forma mais objectiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos” (p.143).

Existiu também alguma consulta de documentação, facultada por algumas educadoras cooperantes, Bogdan (1994) refere que “(...) a consulta dos Projectos Curriculares de Sala constituiu uma oportunidade de aceder a uma perspectiva oficial” (p.180), o que me permitiu inteirar-me dos grupos e conhecer as suas realidades com mais facilidade.

De referir ainda que as regras cumpridas para a redação e apresentação deste estudo estão de acordo com as normas APA – *American Psychological Association*, tendo sido seguidas as sugestões de Azevedo (2008), para a estruturação e formatação da escrita.

6. Pertinência do estágio

O envolvimento dos alunos no estágio assume um importante papel na sua formação, atendendo a todas as experiências que dele fazem parte na medida em que proporciona, como referem Alegria *et al.* (2001) “diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia” (p.57). Ainda segundo os mesmos autores, é nesta altura que “o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão” (p. 57).

De uma forma abrangente e segundo Canário (1999), “a prática profissional, no quadro da formação profissional inicial, ganhará em ser entendida como uma tripla e interactiva situação de formação” (p.18), que envolve não só os alunos estagiários, como os educadores cooperantes e toda a comunidade associada a esta formação.

Ao longo do estágio contactei com várias formas de intervenção perante situações e diferentes posturas em sala de aula, o que enriqueceu a minha formação, mesmo perante uma só realidade educativa.

Depende do aluno estagiário a forma como interpreta a informação que recebe. Segundo Baptista (2005) a experiência profissional “converte-se em sabedoria quando é problematizada, refletida, e partilhada num contexto entre pares” (p. 116). Destas afirmações obtenho um balanço positivo, em que o estágio foi muito significativo, mesmo que a minha experiência profissional já constituísse algum saber nesse sentido.

CAPÍTULO 1

Relatos Diários

1. Descrição do capítulo

Este capítulo está dividido em oito secções de acordo com diferentes momentos de estágio. Cada secção apresenta o local, data, classe, caracterização da turma, horário e os relatos diários do respetivo momento, é acompanhado de inferências fundamentadas cientificamente e relacionadas com o contexto observado e vivido por mim e pelas crianças no dia-a-dia escolar.

Apresenta ainda um enquadramento teórico relativo à Educação Pré-Escolar, seguido de uma abordagem à dinâmica dos Jardins-Escolas João de Deus.

Porque mudei de mestrado no segundo semestre, ao longo das secções serão mencionadas turmas repetidas, pois estive duas vezes na mesma classe infantil, nomeadamente na classe dos 4 anos (Bibe Encarnado), no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque. Também no Jardim-Escola João de Deus da Estrela estagiei nas classes infantis dos quatro anos (Bibe Encarnado) e novamente nos cinco anos (Bibe Azul). Após o término oficial do estágio fiz ainda, uma semana intensiva de compensação no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, no Bibe Azul.

Na **secção 1** apresento um momento de estágio de grande importância para mim, com carácter facultativo, mas muito pertinente para qualquer educadora e o qual resolvi fazer constar deste meu Relatório de Estágio Profissional: uma semana de Seminário de Contacto com a Realidade Educativa presenciada na classe infantil B dos 5 anos (Bibe Azul) do Jardim-Escola de Albarraque realizada de 13 a 17 de setembro de 2010.

Na **secção 2** iniciei a Prática Pedagógica referente ao primeiro momento de estágio, com início a 12 de outubro até ao dia 15 de novembro de 2010. Como grupo a acompanhar tive a classe infantil B dos 4 anos (Bibe Encarnado), do Jardim-Escola João de Deus de Albarraque.

A **secção 3** diz respeito ao segundo momento de estágio, em que voltei a encontrar o mesmo Bibe referido na secção 1 (Bibe Azul B) e que teve início a 16 de novembro 2010, terminando a 4 de janeiro de 2011.

A **secção 4** relata o estágio na classe infantil B dos 3 anos (Bibe Amarelo), iniciado a 10 de janeiro e terminado a 14 de fevereiro de 2011, também no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque.

Na **secção 5** apresento, de forma sumária, uma semana de observação e reflexão referente ao segundo Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, realizado de 28 de fevereiro a 4 de março de 2011, no jardim-escola "A Formiguinha".

Apresento na **secção 6** o meu regresso ao estágio, após um período de interrupção por motivos pessoais e profissionais. Esta secção atende apenas a quatro dias observados, devido a uma correção posterior por parte da Equipa de Supervisão Pedagógica. Estaguei do dia 9 de maio ao dia 23 de maio de 2011, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela (Bibe Encarnado) às segundas-feiras e no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque (Bibe Azul) às terças-feiras.

Na **secção 7** exponho o meu penúltimo momento de estágio realizado no Jardim- Escola João de Deus, na Estrela à segunda-feira no Bibe Azul, a par do estágio que realizava no Bibe Encarnado à terça-feira em Albarraque. Este período teve início a 24 de maio de 2011, finalizando a 28 de junho de 2011.

Na **secção 8** relato a semana intensiva de compensação (relativa meu período de ausência), no Jardim-Escola João de Deus da Estrela no Bibe Azul de 11 a 15 de julho de 2011.

1.1. Enquadramento teórico

A Educação de Infância orienta e apoia a criança na aprendizagem e compreensão do mundo que a rodeia. O Jardim-de-Infância (também denominado Jardim-Escola) é um local privilegiado porque é aqui que a criança, brinca com outras crianças quando está em grupo, começa a ser seletiva acerca dos seus companheiros, gosta de imitar as atividades dos adultos, aprende a partilhar, aprende a aceitar as regras e começa a respeitar a vez do outro.

Neste contexto, não poderia deixar de referir a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei N.º 5/97, de 10 de Fevereiro), constituindo um princípio geral por onde todos os educadores se regem. Ali se estabelece que:

(...) a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Art.º 2.º).

Com base em leituras de Papalia *et al.* (2001), é dos três aos seis anos que se observa uma grande evolução nas habilidades motoras gerais e um especial desenvolvimento das áreas sensório-motoras, o que permite à criança adquirir uma maior coordenação entre aquilo que quer fazer e aquilo que consegue realizar. Tem maior consciência do certo e do errado, preocupando-se maioritariamente em fazer o que está certo.

A criança nesta idade aprende através de rimas, canções, contos, lengalengas, travalínguas que, acompanhados por gestos e repetições, a ajudam a fixar as construções sintáticas e as

fórmulas gramaticais próprias de um discurso mais enriquecido. Cordeiro (2008) afirma que a linguagem pode ser desenvolvida pela música, pois “(...) a musicalidade das palavras torna-as doces e as crianças entendem. E assim, dia após dia, vai interiorizando as palavras como tradução dos objectos e das situações” (p. 313). O mesmo autor aponta que a criança através da linguagem expressa “emoções, sentimentos, ideias, valores, factos e pensamentos” (p.314).

Cordeiro (2008) também nos diz que:

(...) a Educação Pré-Escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua auto-estima e auto-confiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos. (p.18)

No seu desenvolvimento emocional os pesadelos são comuns. Tem amigos imaginários e uma grande capacidade de fantasiar. Procura frequentemente testar o poder e os limites dos outros. Exibe muitos comportamentos desafiantes e opostos. Os seus estados emocionais alcançam os extremos: é desafiante e depois bastante envergonhada. Tem uma confiança crescente em si própria e no mundo.

Na Educação Pré-Escolar, a área de Formação Pessoal e Social tem como objetivo promover o conhecimento de si, a autonomia e a relação com os outros. Devido à sua grande preocupação em fazer as coisas bem e em agradar, poderá por vezes mentir ou culpar os outros dos seus comportamentos.

1.1.1. Rotinas

Para a estabilidade emocional das crianças são muito importantes, as rotinas. Sendo que as crianças estão cada vez menos tempo em casa, o jardim-de-infância desempenha um papel relevante nesta área. Assim, apresento de seguida as rotinas observadas e vivência em estágio.

As rotinas nos Jardins-Escolas João de Deus

Nos Jardins-Escolas João de Deus (JEJD) onde estagiei as rotinas que pude observar em todas as classes infantis são semelhantes. Assim, o acolhimento no salão, no ginásio ou no recinto exterior, a higiene, as atividades não curriculares, as refeições, a sesta e o recreio são comuns nos dois Jardins-Escolas (JE) onde estive e apresentam uma grande uniformidade dentro da especificidade de cada JE.

As rotinas são um fator muito importante no contexto escolar. Como nos diz Zabalza (1998), “as rotinas costumam ser um reflexo fiel dos valores que regem a ação educativa” (p.52). Cordeiro (2008), partilha da mesma opinião e refere que “é essencial criar rotinas, pois, o próprio elemento

repetitivo é inerente à securização. Saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e a tranquilizar a criança” (p. 286).

A rotina diária permite à criança antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhe um grande sentido de controlo sobre o que fazem em cada momento do seu dia. São pontos de referência que a ajudam a variar as suas atividades, favorecendo o desenvolvimento de distintas experiências.

Existem aspetos relevantes que fazem parte das rotinas, tendo o docente um especial papel na concretização desses momentos. Como referem Bassedas *et al.* (1999), são estes aspetos que surgem como situações, que proporcionam “atividades que se realizam a cada dia, de maneira estável e muito pautada por parte da pessoa adulta” (p. 148), estabelecem comportamentos e atitudes organizados e fazem com que a criança obtenha mais segurança em si e nos outros.

Post e Hohmann (2004) sugerem que as rotinas, para além de integrarem os cuidados personalizados de cada criança, devem ser objeto de um plano consistente e apontam uma planificação que tem por base um horário com diferentes atividades a executar diariamente.

De seguida apresento essas mesmas rotinas individualmente caracterizadas e fundamentadas.

Os Bibes

Na metodologia João de Deus, cujos primórdios da sua aplicação surgiu por via de João de Deus Ramos (filho de João de Deus, o poeta) a cada classe infantil é atribuído um tipo de Bibe com xadrez diferenciado por uma cor de base – amarelo para os três anos, encarnado aos quatro anos e azul nos cinco anos. Também o 1.º Ciclo dos Jardins- Escolas João de Deus obedece a esta utilização de bibes, utilizando outras cores. O uso do bibe tinha uma estratégia de cariz social pois, citando Saraiva (2003), “para João de Deus Ramos as crianças ao entrarem na escola, deveriam ser iguais, independentemente da sua classe social” (p.130).

Acolhimento

Todos os dias as crianças são entregues pela manhã às docentes dos Jardins-Escolas João de Deus e reúnem-se no ginásio (Albarraque), ou no salão (Estrela). Por vezes no verão este acolhimento é realizado no recreio, ao ar livre. Independentemente do espaço onde se realize, as crianças tomam os seus lugares, dirigindo-se para junto dos seus colegas, educadoras e estagiárias presentes, que se organizam em rodas e cantam canções até à ida para as respetivas salas.

O acolhimento é talvez um dos momentos mais importantes para as crianças. Por vezes nem sempre é pacífica a despedida dos pais, havendo em alguns casos, choro e instabilidade emocional. Como referem Bassedas *et al.* (1999), “é necessário que a professora possa fazer uma acolhida pessoal a todas as crianças ainda que seja breve” (p.156). Utilizando ainda palavras dos autores acima citados, “é preciso compreender” que para muitas crianças em idade Pré-Escolar o momento da separação dos pais pode ser doloroso, pois existe um grande vínculo afetivo. Este facto verifica-se mais intensamente nas idades inferiores a três anos. É no início do ano letivo que se faz sentir mais este comportamento, ele vai desaparecendo ao longo do primeiro mês de escola à medida que aumenta a segurança e a confiança, quer em relação ao espaço quer em relação aos seus educadores.

Higiene

Os cuidados de higiene são elementares na educação. Para tal, é desde cedo importante e imprescindível estabelecer com regularidade regras para a utilização das casas de banho. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), (OCEPE), afirma-se mesmo que “a educação para a saúde e higiene faz parte do dia-a-dia do Jardim-de-Infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer” (p. 84). Citando Bassedas *et al.* (1999), “a criança vai progressivamente, incorporando algumas aquisições pela consecução dos cuidados que lhe são dedicados em relação à limpeza de seu corpo” (p.151).

Atividades não curriculares

Os Jardins-Escolas João de Deus têm como atividades não curriculares a Educação Física, o Inglês, a Expressão Musical, a Informática, o Ballet e Karaté que são lecionadas por professores da área e não pela educadora da turma.

No jardim-escola “A Formiguinha”, onde também realizei estágio, para além destas atividades também há Judo, Yoga e Espanhol.

Recreio da manhã

A meio da manhã, a realização de uma pausa é muito bem recebida por parte dos mais pequenos, uma vez que a sua concentração ainda está em evolução, havendo necessidade de mudar de ambiente e brincar. Ao brincarem estabelecem relações sociais. Bettelheim (1988), diz-nos que “através da brincadeira, mais do qualquer outra atividade, a criança conquista domínio sobre o mundo externo (...) aprende sobre relações sociais, quando começa a entender que deve

ajustar-se aos outros” (p.171). A convivência com outras faixas etárias também é neste contexto que acontece.

Refeições

As refeições acontecem de modo tranquilo, no qual a criança se alimenta e aplica os seus conhecimentos de saber estar junto dos outros, ao mesmo tempo desenvolve uma postura autónoma. De acordo com Cunha e Nascimento (2008), “a refeição serve para alimentar, mas também para criar uma maior autonomia nas crianças, saber respeitar o ritmo do grupo e transmitir noções de alimentação e nutrição” (p. 373). Refere ainda que a criança aprende “a aceitar o menu do dia sem reclamar” (p.373), atitude que favorece uma alimentação equilibrada praticada nas escolas nos dias de hoje.

O momento da refeição nos Jardins-Escolas João de Deus de Albarraque ocorre no refeitório, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, ocorre no Salão, devidamente modificado para tal. De acordo com as OCEPE (1997), “(...) o conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo” (p.37). Acompanhei várias refeições e foi possível verificar que estes conhecimentos estão presentes no dia-a-dia das crianças. Também ainda com este acompanhamento observei que as refeições são confeccionadas de forma equilibrada e variada, sendo adequadas às várias idades das crianças.

Sesta

A sesta acontece no Bibe Amarelo, nas crianças de três anos. Como existem diferentes ritmos de criança para criança, o importante, como referem Bassedas *et al.* (1999), é conhecer as características de cada uma, respeitar o seu ritmo de descanso para as ajudar numa situação sensível como é a hora de dormir que deverá ser tranquila. Depois do almoço e da respetiva higiene, as crianças dormem em catres na sua sala. Ainda de acordo com o mesmo autor, nesta idade é importante o descanso para o bem-estar físico e psicológico.

Após apresentar as rotinas mais importantes da Educação Pré-Escolar, passo a apresentar a 1.^a secção onde relato o estágio intensivo com uma breve fundamentação teórica sobre a classe onde estagiei (Bibe Azul).

1.2. 1.ª Secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

1.2.1. Local e data do estágio

O presente estágio aconteceu no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque, no Bibe Azul B entre o dia 13 e o dia 17 de setembro de 2010, com uma carga horária de seis horas diárias.

Atendendo que voltei a estar com a presente turma uns meses mais tarde, esta caracterização não será efetuada na 3.ª secção respeitante ao Bibe Azul B do JEJD de Albarraque, uma vez que os dados serão agora apresentados.

1.2.2. Caracterização da turma

Relativamente à caracterização do Bibe Azul B, o grupo é composto por doze meninas e doze meninos, sendo que dois fazem seis anos em janeiro de 2011. De acordo com informações dadas pela educadora, a turma é interessada, não revela dificuldades, nem problemas de comportamento. Há apenas o caso de uma criança com mais dificuldades de aprendizagem, mas sem estar, até ao momento, referenciada com relatório psicológico.

1.2.3. Caracterização do espaço

A sala é muito ampla e acolhe duas turmas de Bibe Azul. É neste espaço comum, que as crianças desenvolvem as suas atividades. Existem mesas duplas que nem sempre estão dispostas da mesma forma. Como divisão da área há armários que servem para arrumação de material. Existe um quadro de ardósia e outros com placares para exposição de trabalhos, a organização do espaço é importante para que o processo de aprendizagem seja compreendido e interpretado pelas crianças, compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado participando também na sua organização. Como refere Zabalza (2001), “uma distribuição da sala por zonas ou por núcleos de interesses é muito sugestiva para as crianças” (p.134). Sabem onde o material se encontra, e como podem utilizar o espaço reservado para as diferentes atividades, como por exemplo o “cantinho da leitura”.

Em cima da mesa da educadora encontra-se o livro *Cartilha Maternal*. É em relação a este livro que Viana (2002) afirma: “O uso de um livro grande (...), [é] uma estratégia que encontra eco nas actuais propostas para o desenvolvimento da literacia” (p.118). A *Cartilha Maternal* tem uma importância fulcral nesta idade, já que é aos 5 anos que, na Metodologia João de Deus, se inicia a leitura, para além de outras atividades que mais à frente serão referidas.

1.2.4. Horário

No horário do Bibe Azul B (Quadro 2) podem ver-se todas as áreas curriculares e as não curriculares e a forma como se distribuem ao longo da semana.

Quadro 2 – Horário do Bibe Azul B - Albarraque

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira				
9:00	Acolhimento – Rodas e canções								
9:30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à matemática	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à matemática	Iniciação à leitura e escrita		
		10.00	Iniciação à escrita matemática		10.00	Iniciação à escrita matemática			
10:30	Atividades ao ar livre								
11:00	Educação pelo Movimento	11.00	Estimulação à leitura e escrita	11.00	Iniciação à matemática	11.00	Estimulação à leitura e escrita	11.00	Iniciação à matemática
11:45	Iniciação à matemática			11.30	Iniciação à escrita matemática			11.30	Iniciação à escrita matemática
12:30	Jogos livres e orientados	Cantinho da leitura		Jogos livres e orientados	Cantinho da leitura		Jogos livres e orientados		
13:00	Higiene e Almoço								
13:30	Atividades de ar livre								
14:30	Conhecimento do mundo	Informática		14.30	Estimulação à leitura e escrita	Conhecimento do mundo		Educar para a cidadania/ Experiências/Área projeto	
15:00	Estimulação à leitura e escrita	Ditados gráficos / Desenhos em série				15.00	Expressão plástica	Estimulação à leitura e escrita	
15:45	Biblioteca de turma	Estimulação à leitura e escrita		15.30	Música	15.30	Inglês	Conclusão e arrumação de trabalhos	
16:00	Lanche								
16:45	Jogos livres e orientados	Jogos livres e orientados		17.00	Ballet	17.00	Karatê	Jogos livres e orientados	

Presenciei as manhãs de segundas e terças-feiras. A aula de informática é dada por um professor com formação na área das TIC, e a turma é dividida em dois grupos com a duração de 30 minutos para cada um. Não presenciei nenhuma destas aulas, pois durante a sua ocorrência ficava na sala com um dos grupos. Presenciei sempre as restantes atividades, ainda que a área de Conhecimento do Mundo tenha sido a menos abordada pela educadora durante todo o estágio.

Após a apresentação do horário, faço um sucinto enquadramento da classe infantil dos 5 anos, bem como das principais atividades que caracterizam este Bibe na realidade educativa dos Jardins-Escolas João de Deus.

1.2.5. Bibe Azul (5 anos)

Antes de iniciar os relatos diários, pretendo caracterizar, através de duas atividades, a dinâmica da turma do Bibe Azul (5 anos). Uma das atividades prende-se com o ensino mais formal da leitura através do Método de leitura João de Deus, como suporte físico das lições é utilizada a *Cartilha Maternal*, e a outra está relacionada com o uso dos materiais manipulativos da Matemática.

O que caracteriza o Bibe Azul do Jardim-Escola João de Deus é a iniciação da leitura e da escrita. Na verdade, esta estimulação da leitura é feita logo desde o início do ano letivo. De acordo com Mata (2008), a aprendizagem da leitura “não se desenvolve espontaneamente, necessitando de ensino directo e intencional” (p.65).

Como refere Ruivo (2009), “o uso de um livro grande na sala de aula é uma ideia original de João de Deus e permite que a criança tenha uma maior e mais activa participação no acto de ler em voz alta, desenvolvendo-lhe o conceito de leitura e habilidades pró-leitoras” (p.3).

A contextualização da leitura de palavras que acontece nas lições da *Cartilha Maternal* leva as crianças a compreender o seu sentido e o mundo à sua volta. Tal importância é referida por Freire (1976), “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (p.21).

Referente ao Domínio da Matemática, direi que é no Bibe Azul que as atividades são mais complexas. É aqui que aprendem a representar o número e onde os cálculos e as situações problemáticas são mais difíceis, (embora adequadas à idade) estas estão, na sua maioria, relacionadas com a utilização de materiais manipulativos (Cuisenaire, Geoplano, Tangram, e Dons de Fröbel). As atividades são uma continuação dos anos anteriores, aumentando o grau de dificuldade para que desenvolvam outras competências. Com o Calculador Multibásico, que normalmente se inicia no Bibe Azul, são aplicadas as regras do jogo das torres e as operações aritméticas. Assim, ao usar este material a criança trabalha, além de conceitos matemáticos, outras estruturas físicas como a estruturação espacial (pois a importância da compreensão do posicionamento de uma peça em relação a outra é fundamental) e a lateralidade (já que a criança terá de interpretar o posicionamento do seu corpo em relação aos seus membros superiores para optar por uma das mãos em certas situações de manipulação das peças).

São estas duas vertentes do Domínio da Expressão e Comunicação que tomam um lugar de destaque. No entanto, todas as outras áreas do conhecimento são desenvolvidas durante a passagem por este Bibe.

Ainda referindo algumas características desta idade, Papalia *et al.* (2001), consideram que a criança está mais calma, não sendo tão exigente nas suas relações com os outros; é capaz de brincar apenas com outra criança ou com um grupo de crianças, manifestando preferência pelas crianças do mesmo sexo. Brinca de forma independente, sem necessitar de uma constante supervisão. Começa a ser capaz de esperar pela sua vez e de partilhar. Conhece as diferenças de

sexo. Aprecia conversar durante as refeições. Está numa fase de maior conformismo, sendo crítica relativamente àqueles que não apresentam o mesmo comportamento.

1.2.6. Relatos diários

Segunda- feira, 13 de setembro de 2010

A manhã começou com as habituais canções de roda no ginásio.

Já na sala a educadora fez a apresentação de um livro (a Cartilha Maternal), dizendo às crianças que era um “livro mágico”. Começou por explicar que no livro se encontravam várias letras e que as primeiras que iriam aprender se chamavam vogais. A letra /i/, tem uma história: “Era uma vez uma menina chamada Ivone e um menino chamado Ivo. Eles eram irmãos e adoravam brincar às escondidas...Foi então que Ivone começou a contar até 10...” Neste ponto da história a educadora perguntou qual a cor da peça do Cuisenaire que tem valor 10. Continuou: “Ivo escondeu-se atrás de um móvel e Ivone nunca mais o viu. Ele ria-se muito, sabem como? - hi,hi,hi,hi,hi...”

De seguida, pediu a dois meninos que fossem junto da “*Cartilha Maternal*” e que, numa determinada página, descobrissem a letra /i/. Cada menino apontou a letra pedida nas várias palavras daquela página, o que fizeram sem problema. De seguida fizeram um jogo: cada fila seria uma equipa e ganhariam cinco pontos se encontrassem todos os /ii/ na página que a educadora pedisse. Todos responderam corretamente.

Numa fase seguinte, pediu a cada criança que pensasse se o seu nome tinha a letra /i/ e questionou-os individualmente. Escreveu no quadro com *letra bicuda* o nome de cada aluno e foi rodeando sempre a vogal /i/.

Após este exercício de identificação da vogal /i/, a educadora fez um retorno à calma, onde as crianças brincaram com os braços e com o indicador “desenhando a letra no ar”. A educadora explicou que se fazia primeiro um traço e depois uma pintinha em cima, não uma bola.

Seguiu-se o intervalo. Na segunda parte do período da manhã, começaram com a área de matemática. A educadora distribuiu o 3.º Dom de Fröbel e começou por perguntar quais as construções que podiam fazer com o material. As respostas foram várias: muro alto, banco do jardim, cadeirão do avô, etc.

A educadora começou por lembrar como se abria a caixa. Questionou a forma das peças que estavam dentro da caixa, quantas eram, a forma e o número de faces. Quando surgiram dificuldades na identificação das faces, foi riscando as faces com giz para que se visualizasse

melhor, facilitando a contagem. Perguntou também que nome tem a parte onde se juntam as faces (arestas). E um menino respondeu: “são arestas”. Acrescentou que onde se juntam as arestas são os vértices. Explicou de que era feito o material e de onde vinha a matéria-prima para o fazer. Ainda lembrou conceitos como: opaco e transparente no contexto da caixa onde é guardado o Dom. Acabou por realizar a construção do muro alto com o seu material para que todos vissem e de seguida pediu às crianças que, cada um com os seus oito cubos realizassem também o muro alto.

Inferências e fundamentação teórica

No início do ano letivo são apresentados alguns materiais a esta faixa etária, outros são abordados como revisão. Neste dia, a *Cartilha Maternal* foi um dos momentos mais importantes neste dia para as crianças. A atividade que presenciei para anunciar a iniciação à leitura foi muito interessante porque ao contar uma história a educadora cativou a turma.

Relativamente ao 3.º Dom de Fröbel é um material com o qual as crianças já vêm mantendo algum contacto e o que realizaram neste dia serviu para rever alguns conceitos relacionados com o mesmo. Para ser trabalhado corretamente, os alunos têm que estar bem sentados e conseguir trabalhar com as duas mãos em simultâneo com os dedos em pinça, de forma a construir as figuras pretendidas pelo educador. Caldeira (2009) defende que ao trabalhar com este material, existe na criança um “desenvolvimento corporal, motricidade fina, lateralização” (p.255).

A educadora esteve sempre atenta e disponível para todas as dúvidas dos seus alunos e também denotou preocupação por todas as minhas dúvidas. Referindo Pires (2007), “a educadora-cooperante constitui-se como uma formadora que proporciona informação, analisa dados e desenvolve estratégias para interagir com o educador estagiário. Em diferentes momentos, apresenta-se como mediador, um colaborador, um co-aprendiz, um mestre” (p.197). A educadora demonstrou ser uma pessoa muito dinâmica e afetiva para com as crianças do seu grupo.

Terça-feira, 14 de setembro de 2010

Neste dia a educadora começou a manhã novamente com Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A educadora lembrou a letra /i/, que já tinha sido trabalhada no dia anterior. Introduziu então a letra u, explicou aos meninos que se escrevia como se fossem dois /ii/ juntinhos, mas sem pintinhas. Deu início à história dos dias anteriores, “...a Ivone e o Ivo tinham uma amiga “sabem o seu nome? - Ucha” e que também brincava às escondidas com eles. Quando se escondia fazia u...u...u...para dar pistas, pois nunca a encontravam...”. Depois, abriu a *Cartilha Maternal*,

perguntou a todos os alunos como se chamava a letra que apontava, todos responderam /u/. Posteriormente a educadora traçou uma linha no quadro com o giz e nela começou por escrever o /i/ e /u/. Como fez no dia anterior, consolidou a matéria através de atividades relacionadas com a memorização da letra /u/.

Os alunos não realizaram mais atividades durante a manhã, porque estiveram a ensaiar canções para cantarem numa apresentação do Jardim-Escola.

Da parte da tarde alguns alunos tiveram informática, outros permaneceram na sala. Fiquei na sala e ajudei algumas crianças a terminarem trabalhos de Expressão Plástica.

Inferências e fundamentação teórica

A *Cartilha Maternal* constitui um instrumento de trabalho em todos os Jardins-Escolas João de Deus e tem revelado excelentes resultados na aprendizagem das crianças. Como refere Mira (1997, citada por Ruivo 2009 p.121), a *Cartilha Maternal* “analisada à luz do saber atual, demonstra uma riqueza surpreendente de instituições científicas, confirmadas posteriormente, que só um pensamento e uma sensibilidade excepcionais poderiam conceber”.

As atividades de Expressão Plástica implicam muitas vezes a ajuda por parte da educadora para a sua finalização. Segundo as OCEPE (1997), “tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado” (p.63).

Quarta-feira, 15 de setembro de 2010

A educadora iniciou a manhã com Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, desta vez com duas vogais a serem lembradas e introduzindo a letra /o/. A continuação da história que a educadora tinha iniciado na segunda-feira trazia uma outra amiga, a “Olga” que era muito esquecida. Contava a educadora que, “... quando a Olga se esquecia de alguma coisa as amigas diziam: Oh! Olga!” e várias vezes este som foi repetido.

Neste dia, um grupo de meninos foi ler, pela primeira vez, na *Cartilha Maternal*. A educadora começou por lhes pedir para se colocarem direitinhos e com as mãos atrás das costas. Perguntou-lhes individualmente como se chamavam as letras que já tinham aprendido e pediu-lhes que as identificassem noutras palavras na lição. Eles foram ouvindo as regras que a educadora lhes foi dando e, durante este período de tempo, o resto da turma trabalhava em diferentes tarefas no lugar.

Chegada a hora do intervalo da manhã, o chefe da turma distribuiu o pão a todos os seus colegas. Brincaram no recreio, não sendo este orientado, apenas vigiado pelas educadoras e estagiárias.

A entrada para o segundo tempo da manhã deu-se depois de uma ida à casa de banho para a realização da higiene das crianças.

Como está referido no horário, o segundo tempo é dedicado ao Domínio da Matemática e neste dia trabalharam os Calculadores Multibásicos. A educadora começou por relembrar as regras enquanto distribuía o material às crianças. Levantou questões sobre a apresentação do material, o número de placas, a quantidade de furos, a forma geométrica das placas e também sobre as peças que estão dentro da caixa, quanto às respetivas cores e à quantidade. Deu indicações para a utilização das placas, nomeadamente como as iriam colocar na sua frente. Fez ainda revisão de noções de lateralidade e de seguida começou por pedir que retirassem uma peça amarela e que a colocassem no primeiro furo do lado direito; depois, dizendo que a peça vizinha da amarela era a verde, solicitou que retirassem uma peça verde e que a colocassem junto da amarela, uma vez que a verde também tinha uma cor vizinha. Disse-lhes que a próxima peça era a encarnada e que quem morava junto da encarnada era a cor azul. Perguntou então quantos furos estavam sem peças. Apenas restava um e explicou que neste ano esta casa iria ficar sempre vazia. Ao conjunto de peças da mesma cor, disse que se iria chamar torre. Formaram então torres e foram dadas noções quanto ao número de peças pares e ímpares que tinham nas torres.

Aproximando-se a hora de almoço, as crianças foram para o refeitório fazendo uma pausa para a refeição seguida de intervalo para brincar.

Na parte da tarde houve uma atividade de Conhecimento do Mundo, que aconteceu no ginásio, os alunos fizeram uma experiência sobre “o que flutua e o que não flutua”. A educadora utilizou para esta atividade água, dois recipientes transparentes e vários objetos, contaram esses objetos e fizeram a comparação dos mesmos quanto ao tamanho, forma e constituição, observaram os que flutuavam e os que não flutuavam.

Inferências e fundamentação teórica

Desempenhar o papel de chefe e distribuir o pão, como neste dia aconteceu, é dar a oportunidade à criança de um conjunto de valores e atitudes a pôr em prática. Haver chefes de turma com tarefas específicas ensina e transmite sentido de responsabilidade. Um dos aspetos importantes no contexto educativo da metodologia João de Deus, é o facto de se envolverem as crianças em atividades onde aprendem a ganhar autonomia, respeito e ao mesmo tempo a

desenvolver capacidades de liderança. Desta forma ser chefe de turma por uma semana, um dia, ou por simplesmente um momento é um ato de responsabilidade que todos encaram de forma muito empenhada.

Ao chefe de turma, ou chefes (por vezes são dois), são-lhes atribuídas tarefas ou responsabilidades que os levam a adquirir valores e ao mesmo tempo permitem uma construção social da moralidade. Neste contexto, Formosinho (1998, citando Marques, 1990, p.77), refere que “a criança em construção da moralidade é aquela que progressivamente acede a uma construção sociopessoal interior de normas, regras e princípios culturalmente partilhados que regulam a sua perspectiva sobre as acções, acontecimentos, situações, decisões e problemas”.

Faço também uma inferência ao material “Calculador Multibásico” utilizado neste dia, ao qual as crianças mostraram interesse e curiosidade, nesta fase de aprendizagem o material deve ser explorado, por isso a educadora começou por conduzir o pensamento das crianças dando a conhecer de forma lúdica as principais características do mesmo. Saliento que este material é, normalmente, trabalhado precisamente nesta idade.

De acordo com Caldeira (2009), o interesse pedagógico deste material passa pela

(...) exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (e actividades com outras bases); operações aritméticas (e provas); situações problemáticas. (p.188)

Quinta-feira, 16 de setembro de 2010

Neste dia a educadora começou pelo Domínio da Matemática, onde observei uma aula de Tangram. As questões que colocou às crianças incidiram na forma das peças e quanto ao número de triângulos que constituem o Tangram. Recapitulou a lenda que conta a origem deste material. Posteriormente pediu para que concretizassem a figura do “espelho da princesa”. Surgiram dificuldades e a educadora recorreu a algumas pistas para os ajudar na orientação espaço-temporal. Após a realização da tarefa por todas as crianças, a educadora alertou para observarem e verificarem que existiam cores diferentes nos vários Tangrams, este aspeto serviu para uma contagem, agrupando-os por cores. Foram colocadas questões como: qual a cor que mais se repetia e qual a que menos se repetia.

A educadora ainda colocou uma situação problemática. *“Tenho oito Tangrams verdes, seis amarelos. Sabendo que não posso mexer nos amarelos, mas quero ficar com o mesmo número de verdes e amarelos, o que posso fazer?”* Esperou um pouco para que fosse feito o raciocínio e começaram a surgir respostas. Por fim deixou que explorassem o material livremente.

Depois da pausa da manhã regressaram para a sala e foi-lhes apresentada outra vogal, o /a/. A educadora apresentou-lhes outra amiga para se juntar às letras anteriores. Desta vez a educadora perguntou ao grupo se tinham alguma ideia de um nome para a nova amiga da sua história. Foi então que uma respondeu: - Ana. E a personagem desta vez chamava-se mesmo Ana, e era muito vaidosa. As suas amigas diziam: - Ah, Ana! Estás tão linda!

De tarde deram Conhecimento do Mundo, com o tema do corpo humano. Houve um diálogo sobre alguns nomes dos ossos que formam o crânio.

Inferências e fundamentação teórica

O material Tangram é um quebra-cabeça de origem chinesa sendo objeto de várias lendas e histórias contadas por quem o apresenta. Ao contrário de outros quebra-cabeças, ele é formado por, apenas, sete peças, com formas geométricas resultantes da decomposição de um quadrado: 2 (dois) triângulos grandes; 2 (dois) triângulos pequenos; 1 (um) triângulo médio; 1 (um) quadrado; e 1 (um) paralelogramo.

Alguns autores como Kishimoto (1999), partilham a opinião de que com o uso do Tangram podemos trabalhar a identificação, comparação, descrição, classificação e desenho de formas geométricas planas, visão e aspeto de figuras planas, exploração de transformações geométricas através de decomposição e composição de figuras, abrangência das propriedades das figuras geométricas planas, reprodução e resolução de problemas usando padrões geométricos.

O que na verdade é importante é que através da fantasia e da imaginação a se leva às crianças um contexto lúdico fazendo com que percebam qual a intensão do educador quando solicita uma atividade desta natureza. Caldeira (2009, citando Santos 2008, p.391), diz-nos que “ o Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio”.

Os alunos também gostaram muito de manipular o material de forma livre. Sem que lhes fossem pedidos exercícios e resultaram várias construções interessantes que eles explicaram.

Serrazina (2002) afirma que

É importante que o educador parta do que as crianças já sabem, tenha em conta as suas experiências anteriores e aproveite as oportunidades que ocorrem naturalmente, considerando que a aprendizagem matemática mais significativa resulta das experiências e materiais que lhes interessam e, sobretudo, que as levem a reflectir sobre o que fizeram e porque o fizeram (p.7).

Sexta-feira, 17 de setembro de 2010

Quando as crianças entraram na sala encontraram as cadeiras em cima das mesas porque a sala tinha sido limpa. Depois de terem colocado as cadeiras no devido lugar, a pedido da educadora, as crianças sentaram-se para o início da história onde iriam conhecer a última vogal. Muitas delas revelaram saber qual a letra que neste dia seria apresentada: a letra /e/.

A educadora escreveu no quadro todas as letras que tinham aprendido e pela ordem com que o tinham feito /i/, /u/, /o/, /a/. Verificavam assim que, apenas faltava o /e/. Escreveu-o também no quadro e disse que a amiga que faltava na história era realmente o /e/ de Eva, faltava a amiga Eva.

E começou a contar: “Eva era uma menina nova na escola, e adorava jogar à bola. Gostava tanto, que muitas vezes até se esquecia de passar a bola! Os seus amigos andavam sempre a dizer: Eh! Eva, passa a bola!”

Uma vez apresentadas todas as vogais, a turma repetiu-as pela ordem que tinham aprendido. Ficaram com o registo no quadro e foi-lhes explicado novamente o conceito de “vogal”. Para as dizer a educadora referiu que “apenas utilizamos as cordas vocais, apenas precisamos da nossa voz”.

Da parte da tarde estiveram a visualizar um filme.

Inferências e fundamentação teórica

Na metodologia João de Deus está contemplada a aprendizagem de uma letra por dia ao longo de cinco dias. A par de uma aprendizagem lúdica e dinâmica estabelece-se uma justificação para a definição de letra na qual, Deus (1997), na 1.ª edição da *Cartilha Maternal*, diz que “(...) uma letra é um desenho [é] uma figura à qual se combinou dar um nome” (pp. 23-24). Refere ainda que tal como cada pessoa tem um nome, as letras também o têm para que as identifiquemos, sendo essencial saber o nome de cada uma para se poder aprender muito mais.

Este estágio teve uma grande importância, pois uma semana intensiva de contacto com a realidade educativa no Jardim-Escola em que observei um início de ano letivo no Bibe Azul foi sem dúvida uma mais-valia para a perceção dos conhecimentos adquiridos pelos alunos e da aquisição de aprendizagens das quais gostaria de destacar a iniciação à leitura com base na *Cartilha Maternal* e a manipulação de materiais no Domínio da Matemática.

1.3. 2.ª Secção: Bibe Encarnado B

1.3.1. Local e data de estágio

Após realizado o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa (o estágio intensivo) na classe infantil dos cinco anos (Bibe Azul), passei para o Bibe Encarnado. Permaneci no Jardim-Escola de Albarraque. Foi aqui que dei início ao estágio semestral relativo à Unidade Curricular de Prática Pedagógica I, entre o dia 12 de outubro até ao dia 15 de novembro de 2010, estive presente às segundas e terças-feiras das 9h às 16h.

1.3.2. Caraterização da turma

Existem, tal como no Bibe Azul (5 anos) dois grupos, (A e B), de Bibe Encarnado (4 anos) que integram duas turmas com vinte e seis alunos cada. Neste momento de estágio estive com a turma B, que é composta por um total de onze meninas e quinze meninos.

De acordo com algumas informações prestadas pela educadora da turma, as crianças deste grupo apresentam um bom envolvimento nas tarefas solicitadas e excelentes capacidades na aquisição de conhecimentos.

1.3.3. Caraterização do espaço

Ambas as turmas trabalham numa única sala de grandes dimensões que está dividida em duas partes por um grande armário. Cada turma tem um espaço apenas seu, com mesas e cadeiras, móveis de arrumação, estantes com materiais, quadros e placares para afixar trabalhos realizados pelos alunos. Cada educadora tem a sua mesa de apoio. Existem também espaços comuns, como a “casinha”, a biblioteca e o cantinho da leitura. As educadoras organizam-se de forma a não se encontrarem nessa mesma sala durante o período da manhã para evitar perturbações. Como o Jardim-Escola possui outros espaços para realização de atividades, as educadoras optam por ocupar o espaço de forma rotativa. Deste modo, não ficam as duas turmas juntas nas atividades que requerem mais concentração por parte das crianças.

1.3.4. Horário

O Quadro 3 apresenta o horário do Bibe Encarnado (turma B), com a organização semanal das atividades.

Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado B - Albarraque

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento – Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Educação pelo Movimento	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
11:30		Inglês	Conhecimento do Mundo		Educação pelo Movimento
12:00					Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura
12:30	Jogos de roda/ Estimulação à Leitura	Cidadania	Cantinhos	Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura	Jogos de roda
13:00	Almoço e recreio orientado e livre				
14:45	Expressão Plástica	Expressão Plástica	Experiências	Expressão Plástica	Expressão Plástica
15:30	Música				
16:00	Relembrar o nosso dia				
16:30	Lanche				
Atividades extra-curriculares: Ballet – 3ª feira das 17h00 às 18h00; Karaté – 6ª feira das 17h00 às 18h00					

De seguida faço um breve enquadramento teórico sobre as características específicas e particularidades das crianças de 4 anos.

1.3.5. Bibe Encarnado (4 anos)

Através da observação, do diálogo e do pensamento o educador percebe o modo como a criança vê o mundo. Como diz Malaguzzi (1999), a importância de se observar exatamente o que a criança diz no diálogo, reúne as principais ideias que sustentam o seu pensamento e constituem o mote para o educador as lançar de novo.

O mesmo autor refere-se às crianças de quatro anos como apreciadoras de uma maior variedade de experiências em especial atividades motoras finas, como o uso da tesoura, atividades de artes, manipulações e culinária. Começam a combinar ideias em relações mais complexas, por exemplo conceitos numéricos como a correspondência termo a termo, tendo uma capacidade de memória em fase crescente. Também começam a ter um maior interesse sobre a linguagem escrita, como reconhecer palavras e tentar escrever o seu nome.

1.3.6. Relatos diários

Terça-feira, 12 de outubro de 2010

A manhã começou com o acolhimento no ginásio. As crianças cantaram em conjunto com as educadoras e as estagiárias presentes. Neste dia, uma das educadoras do Bibe Azul cantou o hino da Escola como forma de finalizar o momento de acolhimento no ginásio, encaminhando no

final os seus alunos para a saída do ginásio. Os restantes Bibes permaneceram no local aguardando a chegada das suas educadoras e de seguida começaram também a sair.

O grupo de alunas estagiárias reuniu-se com a diretora para falar de toda a dinâmica do Jardim-Escola. De seguida dirigimo-nos para as respetivas salas onde conhecemos os grupos de crianças com quem iríamos estagiar.

Inferências e fundamentação teórica

O ambiente que se faz sentir no momento do acolhimento é de alegria e de uma forma geral as crianças manifestam vontade e satisfação por chegarem à escola.

Este foi o nosso primeiro dia relativo ao presente momento de estágio. Embora eu tivesse realizado anteriormente o Seminário de Contato com a Realidade Educativa nesta Instituição, todo o grupo de estágio foi recebido pela diretora do Jardim-Escola de forma muito especial. Saliento também a sua disponibilidade para nos ajudar sempre que sentíssemos dúvidas durante o estágio.

Segunda-feira, 18 de outubro de 2010

Depois do acolhimento, uma das educadoras do Bibe Encarnado dirige as crianças dos dois Bibes para a respetiva sala. Após a hora de entrada da outra docente uma delas faz a leitura de uma história para ambas as turmas.

Já nas mesas, onde cada criança ocupa o seu lugar regularmente, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, com o 3.º Dom de Fröbel. Relembrou as regras de utilização do material e através de uma história foram aplicadas várias temáticas.

Feito o retorno à calma, com gestos, a educadora pediu para que se sentassem e começou então a falar sobre a família como tema de Conhecimento do Mundo. Fez questões dirigidas e falou também da sua família como exemplo para que percebessem todo o contexto.

No período da tarde assisti a uma aula de Expressão Musical dada por outra docente, em que foram explorados alguns instrumentos que reproduziam o som das notas musicais.

Inferências e fundamentação teórica

Uma das realidades presentes na metodologia João de Deus que tive a oportunidade de observar é o uso de materiais manipulativos como os Dons de Fröbel. Formosinho (1998) conta-nos que,

Fröbel concebeu materiais a que chamou “presentes” (gifts) e “atividades” (occupations) que representavam simbolicamente estas ideias. Os “presentes” incluíam dez conjuntos de materiais, como bolas de lã, bolas de madeira, cubos e cilindros, (...) Todos estes materiais se destinavam a fazer construções específicas, conforme as orientações do professor. (p.17)

Esta foi uma das aulas que mais me fascinou, pela história quase real contada pela educadora e o modo como as crianças se envolveram.

Também considero ser importante salientar que neste dia a aula de Expressão Musical foi especial para a turma do Bibe Encarnado, uma vez que era notório o seu interesse perante a atividade da professora. Segundo as OCEPE (1997),

(...) a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons. (pp.63 – 64)

Terça-feira, 19 de outubro de 2010

Neste dia foi-me solicitada uma atividade surpresa por parte da educadora. A proposta foi contar a história da *Bela Adormecida* através de umas imagens plastificadas que tinham por trás a história escrita. Depois explorei o conceito de família.

Da parte da tarde a educadora optou por criar uma atividade de Domínio da Matemática. Para tal sentou as crianças no chão, dispondo-as em semicírculo. Fez sequências com palhinhas. De seguida os alunos levantaram-se e encaminharam-se para a aula de Inglês. Assisti a esta aula que é dada pela mesma docente da área de Expressão Musical. Hoje falou-se dos algarismos e contagens até 10, em inglês, através do entoar duma canção.

Inferências e fundamentação teórica

O estágio tem várias atividades não programadas que também são objeto da avaliação contínua, situação prevista no regulamento criado pela Escola Superior de Educação João de Deus.

Fiquei nervosa ao me ser solicitado uma atividade surpresa. No entanto, encarei a situação com naturalidade e boa disposição. Devo dizer que a *Bela Adormecida* não é uma história que faça parte do meu leque de eleição, não me identifico minimamente com todo o elenco deste conto tradicional. Poderia assim ter dinamizado de forma diferente e dar outra vida à história, mas quando não nos identificamos, algo fica por dizer. No final contextualizei o tema da família que vinha a ser abordado pela educadora naqueles dias. Considero este tipo de avaliação um pouco

desnecessária, pois penso que a planificação é importante, porém, concordo com o improvisado como fator importante para um bom desempenho enquanto futura docente.

De acordo com as OCEPE (1997),

(...) para que a Educação Pré-Escolar possa contribuir para uma maior igualdade de oportunidades (...) é fundamental (...) uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico (...) Desta forma, o educador deve planear as suas intervenções e avaliar o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagens das crianças, tendo em conta o lúdico, pois (...) o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal. (p.18)

Relativamente à história, limitei-me muito ao que estava escrito e penso que me baseei demasiado nas imagens. Momentos mais tarde, esta observação foi partilhada também na reflexão com a educadora cooperante. Contudo, no geral, fui avaliada positivamente.

Segunda-feira, 25 de outubro de 2010

Esta manhã foi diferente em termos de espaço. Ocorreram filmagens no Jardim-Escola que alteraram algumas rotinas das crianças. Desta forma a educadora conduziu-as para a zona destinada aos meninos que frequentam o Acompanhamento Para Tempos Livres (APTL), uma vez que os mesmos não se encontravam lá.

Planificada para este dia, estava a abordagem ao Planeta Terra, para uma diferenciação entre oceanos e continentes. Depois de uma pequena conversa, realizaram uma ficha onde estava representado o Planeta, coloriram os oceanos da cor azul e os continentes da cor que escolhessem. Por último recortaram e colaram os seus trabalhos para serem afixados no placar da sala.

Como não realizaram o intervalo à hora normal, fizeram-no um pouco mais tarde, ficaram a brincar até à hora do almoço. Quando voltaram para a sala, já da parte da tarde, eu e a minha colega de estágio estivemos a arrumar trabalhos nas capas dos alunos, separando os mesmos pelas diferentes áreas de conteúdo.

Acompanhei ainda a hora do lanche.

Inferências e fundamentação teórica

Arrumar e organizar trabalhos foi, ao longo de todo o estágio, uma tarefa constante. Apesar de não se estabelecer diretamente uma relação com as crianças nesses momentos, o facto de

estarmos a manter contacto com os trabalhos realizados ao longo do ano, dá-nos uma boa perspetiva enquanto futuras docentes do tipo de propostas a elaborar.

Terça-feira, 26 de outubro de 2010

Foi-me solicitado que apresentasse o tema da “água”, com a explicação dos seus diferentes estados da matéria.

Preparei uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde optei pela leitura de uma história: *Margot e Maria*. O espaço onde decorreu esta primeira parte da aula foi o que normalmente é utilizado para tal: a zona das almofadas. Consoante iam aparecendo palavras que mereciam um esclarecimento, ou uma questão mais pertinente, fazia uma pequena inferência para que melhor percebessem. A história fala da água doce e salgada, tendo as crianças, no final da leitura, provado ambas as águas.

Em Conhecimento do Mundo explorei os estados físicos da água (líquido, sólido e gasoso), para tal expus a apresentação da água nesses mesmos estados.

Após esta parte da manhã, foi realizada uma pausa para comer o pão e também a saída para o intervalo.

Preparei a atividade seguinte que se realizou no ginásio e desta vez, um jogo relacionado com questões sobre a água. Consistia em fazer um percurso já estabelecido no chão, com cartões e um dado de tamanho grande; o avanço nas “casas” do percurso dependia da quantidade de pontos obtidos no lançamento do dado e de uma resposta assertiva por parte da equipa. Ganhava a que terminasse mais rápido e com mais pontos.

Terminado o jogo e a manhã de atividades, o Bibe Encarnado seguiu para o almoço.

Da parte da tarde, estiveram no recreio e quando entraram para a sala, a educadora pediu-lhes para fazerem um desenho livre.

Inferências e fundamentação teórica

Atendendo ao que nos é pedido para a preparação das aulas por parte das educadoras cooperantes, os temas abordados seguem os conteúdos de forma a proporcionarem uma aprendizagem contínua a todas as crianças. Para tal é importante percebermos o que já sabem e tentar aprofundar os conhecimentos colocando-os numa dimensão sempre muito concreta.

Sempre que preparamos uma leitura devemos considerar o seu grau de complexidade, vocabulário e tempo para tal, temos de nos colocar sempre do outro lado, como espetadores. Percebi a certa altura que a história se estava a estender. Algumas crianças começaram a ficar mais agitadas e conseqüentemente a surgir algum desinteresse. Estrategicamente finalizei a história por palavras minhas, o que não era a minha intenção. Senti estar a perder a atenção da turma, para além de ter excedido o tempo estabelecido.

Para Mata (2006),

(...) é necessário, em todas as idades contextualizar as aprendizagens em situações reais e significativas para as crianças, explorar diferentes funções da leitura e da escrita, promover a reflexão e a utilização de múltiplas formas de escrita e de múltiplos tipos de leitura. (p.70)

Ainda o mesmo autor concluiu que

(...) devemos agir naturalmente com a leitura e a escrita, porque elas fazem parte do nosso dia-a-dia, não devemos tornar a sua abordagem artificial, descontextualizada e como algo muito técnico, difícil, quase inatingível e que tem muito pouco a ver com a leitura e a escrita no mundo real. (p.20).

Terça-feira, 2 de novembro de 2010

A minha colega concretizou uma planificação sobre o dia e a noite e, recorrendo ao livro *Antes, agora e depois* de Luísa Ducla Soares, começou com a dinamização de uma história com as rimas.

Na área de Conhecimento do Mundo explorou o fenómeno natural do dia e da noite, construiu materiais para conduzir a atividade e pediu a participação de algumas crianças.

A minha colega preparou uma atividade de Domínio da Matemática, onde realizou um jogo do bingo e fez um registo de todos os passos envolvidos ao longo da história no quadro, com o apoio dos materiais que construiu. Esta parte da aula ocorreu na sala do APTL, onde as mesas estavam dispostas por filas (Figura 1).



Figura 1 - Sala do APTL preparada para o jogo do bingo

Inferências e fundamentação teórica

Como mencionei a certa altura num dos relatos diários, houve um dia em que a turma se deslocou à sala de APTL. Aí, as crianças mantiveram contacto com uma sala diferente em termos de espaço físico e adotaram um comportamento exemplar (com mais disciplina). Desta forma e estrategicamente a opção de realizar uma aula neste local suscitou interesse e revelou resultados. Mais uma vez a importância de variar os espaços por vezes faz com que haja mudanças comportamentais por parte do grupo que se refletiram, neste caso, de forma positiva.

Segunda-feira, 8 de novembro de 2010

A manhã deste dia teve como tema: Portugal, o qual desenvolvi algumas atividades nos domínios da Linguagem Oral e abordagem à Escrita, Conhecimento do Mundo e Expressão Plástica.

Comecei por contar uma história da escritora Luísa Ducla Soares, com o livro *Meninos de todas as cores*. Como suporte utilizei fantoches para dinamizar a leitura.

Já na área de Conhecimento do Mundo, estendi uma bandeira de grandes dimensões na sala e iniciei a segunda parte da aula com a mesma. Em primeiro lugar pedi às meninas que se colocassem à volta da bandeira, sentadas com as pernas cruzadas, depois solicitei também aos meninos que ocupassem os lugares entre as meninas. Visualizaram a bandeira e estabelecemos um diálogo sobre as cores da bandeira, ao mesmo tempo que coloquei em todas as crianças uma pulseira com as respetivas cores. Nesse dia também eu estava vestida com as cores de Portugal. Falámos sobre o Hino. Com uma música instrumental cantámos o Hino de Portugal, segurando de pé a bandeira. No final agitaram a bandeira em forma de jogo, espreitavam por baixo,

alternadamente meninos/meninas e todos ao mesmo tempo. Após este momento pedi-lhes, para se deslocarem para as mesas e se sentarem nos lugares.

Seguiu-se a interpretação do mapa-mundo, para uma percepção geográfica do local onde as crianças moram, bem como as cores da bandeira portuguesa que foram aspetos de maior relevância. Dei a noção de ilha, particularizando as ilhas da Madeira e dos Açores. Por último, situámos num mapa de Portugal regiões que as crianças foram falando, em especial a zona do Algarve onde muitas delas vão passar férias.

Terminada a manhã as crianças foram fazer a sua higiene e almoçar.

Da parte da tarde a minha atividade continuou. Os alunos realizaram uma proposta de trabalho, na qual depois da explicação da mesma, picotaram um mapa de Portugal, destacaram-no e colaram uma “casinha plastificada”, situando no mapa a região onde vivem, a região de Lisboa.

Ainda neste dia as crianças assistiram à aula de Expressão Musical, em que cantaram e lhes foram distribuídos instrumentos de percussão, tais como: pandeireta, pratos, triângulos, claves e maracas, para acompanharem o ritmo das canções.

Inferências e fundamentação teórica

Embora de início o tema me tenha assustado, gostei do meu próprio envolvimento nesta aula, bem como dos resultados. Foi um contributo para que desenvolvessem o sentido de localização geográfica, também noções de lateralidade e especialmente a motricidade fina. A presente aula desenvolveu várias destrezas nas crianças.

Confesso ter sentido mais dificuldade na estimulação à leitura por esta turma de crianças ser um pouco agitada no que diz respeito à sua concentração quando estão sentados no tapete.

O momento mais alto desta aula terá sido a altura em que todas as crianças seguraram numa bandeira de tamanho gigante. De uma forma lúdica conversou-se das cores e com música de fundo cantou-se o Hino Nacional.

Esclareci junto das crianças que no mundo existem pessoas diferentes umas das outras, nomeadamente com características físicas e também por costumes e formas de viver que se vão diferenciando dependendo da região onde vivem. Recorri à educação para a cidadania, que muito nos permite desenvolver conceitos como estes.

De acordo com Formosinho (1998), as crianças

Pertencem a uma família, a uma comunidade, a uma sociedade e a uma cultura. A criança está imersa nesta cultura desde o nascimento e mesmo antes dele. Nesta cultura desenvolveram-se explicações sobre o Mundo, o Homem e a Vida; desenvolveram-se teorias e instrumentos para apurar a explicação do Mundo; construíram-se crenças, costumes e valores; desenvolveram-se sentimentos e comportamentos. (p.82)

Pretende-se assim aproximar a realidade do mundo às crianças, oferecendo-lhes experiências que as levem a perceber as realidades que fazem parte da educação.

Ainda citando Formosinho (1998),

(...) o acto educativo é um acto complexo com o qual se deseja que o aluno simultaneamente aprenda a pensar, isto é desenvolva um pensamento autónomo, e aceda aos conteúdos do mundo cultural a que se pertence, isto é, faça a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada. (p.81)

Terça- feira, 09 de novembro de 2010

Como temática para esta aula, cabia à minha colega de estágio desenvolver conteúdos relacionados com a “areia”. Assim, criou uma história com fantoches, utilizando um “teatrinho de fantoches”. Ajudei-a na colocação de música em que as crianças ouviram sons do mar que aumentava ou diminuía ao longo do conto. Depois, antes de iniciar a atividade seguinte, realizou alguns momentos de relaxamento com recurso a gestos. Continuou mostrando areia e vários elementos relacionados com o que se pode encontrar na praia, como conchas e caranguejos. Passou por todas as crianças que se encontravam sentadas e estas mexeram nas substâncias apresentadas.

Durante a parte da tarde do estágio foi realizada a atividade de Expressão Plástica, utilizando folha de papel e cola. As crianças criaram desenhos e posteriormente colocaram areia colorida por cima. Desta forma cada desenho ganhou cor e relevo. Esta atividade não foi possível ser realizada de manhã, pois os alunos estiveram na aula de Inglês.

Inferências e fundamentação teórica

No ensino de uma língua estrangeira deve-se ter em consideração o nível etário em que as crianças se encontram e este deve ser feito de forma gradual, isto é, deve-se iniciar o ensino por saberes simples e ir aumentando a complexidade dos mesmos. Strecht Ribeiro (1998) diz-nos que uma criança em idade Pré-Escolar tem maior facilidade em adquirir conhecimentos através de um ensino natural e espontâneo, inculcando sempre o prazer lúdico. O objetivo do educador não é

ensinar a construir frases gramaticalmente corretas mas sim que a criança adquira conceitos básicos do Inglês.

Para Ribeiro (1998), “o contacto com uma outra língua não só é compatível com o domínio da língua materna, como ainda a favorece” (p.22). De facto, o bilinguismo ajuda as crianças a perceberem melhor a sua língua materna, uma vez que, assim, as crianças têm a oportunidade de comparar uma língua e a outra. Este processo não implica uma memorização de conhecimentos, mas pelo contrário, implica uma automatização dos mesmos, como se de um processo natural de aquisição se tratasse. Ainda o mesmo autor afirma que “para conseguir o domínio efetivo de três línguas comunitárias é desejável começar no nível pré-escolar” (p.24).

1.4. 3.^a Secção: Bibe Azul

1.4.1. Local e data de estágio

Nesta secção relato o segundo momento de estágio que realizei no Jardim-Escola de Albarraque com o Bibe Azul B de 16 de novembro 2010 a 04 de janeiro de 2011.

1.4.2. Caracterização da turma

A caracterização desta turma B do Bibe Azul, assim como a caracterização do espaço, já foi referida na secção 1 quando relatei o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa. Aí apresento o horário estabelecido para as atividades da turma, por conseguinte não se encontra a presente secção com o mesmo número de pontos apresentados relativamente às secções anteriores.

1.4.3. Relatos diários

Terça-feira, 16 de novembro de 2010

Da parte da manhã a educadora começou com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Abriu a *Cartilha Maternal* e fez uma revisão das letras do alfabeto. Relembrou algumas regras da leitura das letras realçando alguns pontos de articulação das mesmas. De seguida, enquanto um grupo se deslocava à lição na *Cartilha Maternal*, os restantes alunos realizavam exercícios no lugar. Podemos observar na Figura 2, exercícios de treino das letras em folha de rascunho (com lápis de carvão), que passam depois para o seu caderno de escrita (utilizando esferográfica).

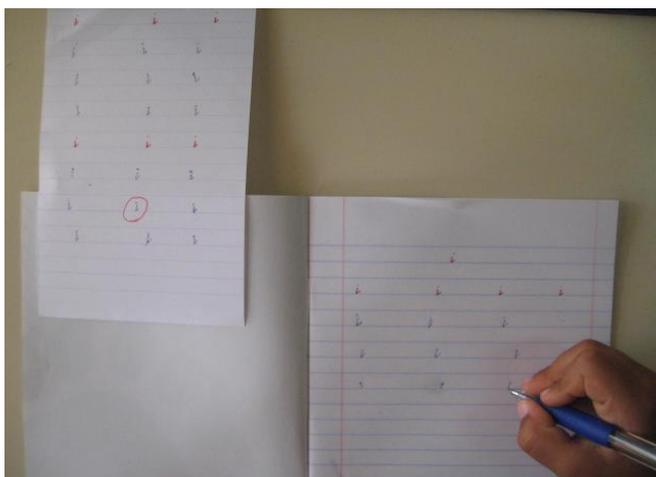


Figura 2 – Exercícios de escrita

Depois de algumas corridas e brincadeiras no recreio a turma do Bibe Azul retomou os seus lugares após uma ida à casa de banho.

Foi distribuído material manipulável, desta vez Calculadora Papy. A educadora lembrou algumas regras de utilização. Os alunos revelaram conhecimento do material e mediante as indicações da educadora colocaram as mãos ao lado, ficando a Calculadora no centro e aguardaram o início da atividade. Através de uma exploração do próprio material foram colocadas questões dirigidas, tais como: “*Em quantas partes está dividida a calculadora?*” “*Quais as cores que tem a calculadora? Quanto vale o espaço de cor branca?*” ou “*Qual a peça do material Cuisenaire que tem esse valor?*” Numa segunda fase a educadora propôs exercícios de decomposição de números e representou os resultados no quadro.

Aproximava-se a hora de almoço, os alunos acompanharam-me para lavar as mãos e dirigiram-se ao refeitório. Tiveram a habitual hora para brincar e como o clima atmosférico permitia, foram até ao recreio. Começaram os preparativos para a festa de Natal, pelo que da parte da tarde houve ensaios para as turmas A e B do Bibe Azul.

Inferências e fundamentação teórica

As Calculadoras Papy são um material didático estruturado para o ensino do cálculo aritmético elementar que foi concebido por Georges Papy. Este calculador é um ábaco particular que combina o sistema decimal com o sistema binário. Com base em determinadas regras, permite várias representações de números naturais, decimais e realização de operações. Utiliza-se com o auxílio de marcas, que representam na Calculadora a quantidade que se pretende representar. Estas marcas podem ser diversificadas consoante o que se queira trabalhar, por exemplo utilizar marcas que tenham relação com a situação proposta (conchas pequenas, massas, bolinhas de plasticina...), dependendo da situação problemática, contextualizando e levando a criança a fazer a ponte do abstrato para o concreto.

Segunda-feira, 22 de novembro de 2010

A manhã foi passada a acompanhar os alunos na realização de exercícios do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Prestei auxílio aplicando as regras da *Cartilha Maternal*, para que conseguissem ler as palavras.

Na segunda parte da manhã houve novamente ensaio para a festa de Natal.

O período da tarde foi destinado ao material matemático Cuisenaire – operações de adição. A educadora começou por trabalhar o raciocínio lógico à medida que distribuiu as caixas do

material. Foram lançadas questões dirigidas como: “*Tenho 3 rebuçados, dou-te 2. Com quantos fico?*” Desenvolveu ainda uma atividade onde aplicou conceitos de lateralidade, utilizando uma folha dividida em quatro partes.

Chegada a hora de arrumar, o material é recolhido e guardado no armário.

Os alunos deslocaram-se para o lanche e terminou mais um dia de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

A ida à *Cartilha Maternal* é uma rotina no Bibe Azul, como já referi. Normalmente estabelece-se um diálogo com a turma antes de se iniciar uma nova lição, por vezes recorre-se a uma lengalenga, uma canção, uma adivinha como motivação para contextualizar o fonema, posteriormente faz-se uma revisão e consolida-se o que já foi efetivado com os alunos. Por outro lado, existe um trabalho individual que vai sendo acompanhado pela educadora e por estagiárias no sentido de ajudar na leitura de palavras e também na verificação da ortografia.

Foram várias as aulas que presenciei e que envolveram o material Cuisenaire. Segundo Alsina (2004), este material ajuda “a entender os números, as maneiras de os representar e as relações que se estabelecem entre eles” (p.33). Também as noções de relação com os objetos (cor e tamanho) vão sendo gradualmente adquiridas com a manipulação deste material. Caldeira (2009), afirma que “para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial” (p.129).

Terça-feira, 23 de novembro de 2010

Depois do acolhimento e várias canções, a manhã começou com a escrita das vogais no quadro usando a *letra bicuda*. Depois em voz alta e em grupo disseram as letras consoantes que já tinham aprendido. Realizaram fichas da capa do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que cada criança tem os seus trabalhos que diariamente a educadora corrige. As fichas respeitam o ritmo de trabalho e os conhecimentos de cada criança, deste modo são diferentes. Ajudei, na leitura de palavras e na orientação da resolução das tarefas. Os alunos mais adiantados acabam por colorir os seus trabalhos ou, vão buscar uma bola de plasticina e moldam no seu lugar.

Pausa para comer pão e recreio no exterior.

De regresso à sala, com passagem pela casa de banho, voltaram ao trabalho; agora com uma atividade de Domínio da Matemática, em que exploraram o Geoplano. A introdução ao material passou por questões de interpretação, e pela construção de figuras geométricas com a

utilização de elásticos. Fizeram ainda a divisão do Geoplano em quatro partes iguais, deram a noção de “prego” e de “espaço”, e a noção de fração, atendendo à correspondência de $\frac{1}{4}$, pois tinham-no representado no Geoplano. A educadora usou também outro material, os Poliminós. Explicou que um Poliminó representava o espaço interior entre 4 pregos. Realizou uma figura geométrica irregular no quadro com Poliminós e pediu para a representarem no Geoplano. No final disse-lhes para fazerem uma construção livre a partir daquela figura.

Inferências e fundamentação teórica

O Geoplano facilita o desenvolvimento das habilidades e é um material que oferece apoio à representação mental. Como refere Machado (1993), “O Geoplano é um meio, uma ajuda didática, que oferece apoio à representação mental e uma etapa para o caminho da abstração, proporcionando uma experiência geométrica aos participantes” (p.1). De semelhante opinião sobre o uso de material manipulativo, Turrioni (2004), defende que se utilizado corretamente

(...) em sala de aula, com intenção e objetivo, o Material Manipulável pode tornar-se um grande parceiro do professor, auxiliando no ensino e contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa, mesmo porque ele exerce um papel importante na aprendizagem. Facilita a observação e a análise, desenvolvendo o raciocínio lógico, crítico e científico, é fundamental e é excelente para auxiliar ao aluno na construção de seus conhecimentos. (p.78)

Terça-feira, 30 de novembro de 2010

Dois alunos fizeram anos neste dia e, durante as canções de roda, houve um momento para lhes cantarmos os parabéns. É tradição nos Jardins-Escolas João de Deus os aniversariantes colocarem-se no meio das rodas e os amigos, as educadoras e as professoras cantarem a tradicional cantiga de parabéns.

Já na sala a educadora começou o dia com Domínio da Matemática. Desta vez, usaram-se Dons de Fröbel, mais propriamente os 3.º e 4.º Dons.

Solicitou a distribuição das caixas do 3.º Dom a um menino e a distribuição do 4.º Dom a uma menina. Cada aluno ficou com duas caixas de material para trabalhar. Essencialmente a construção que trabalharam foi o “poço”. Para além desta atividade, conduzida através de uma história, foi realizada no quadro de giz da sala uma tabela de dupla entrada onde ocorreram os registos para interpretação da mesma. Foram utilizados materiais não estruturados para apoiarem as tarefas pretendidas pela educadora, passando para uma fase de concretização de raciocínios abstratos.

Inferências e fundamentação teórica

Esta estratégia de atividade surgiu após uma questão colocada à educadora por mim e pela minha colega de estágio, em relação a tabelas: quisemos saber se os alunos estavam habituados a trabalhar a interpretação de tabelas e como o faziam.

Prontamente, a educadora começou a realizar construções e recolher o material necessário para exemplificar. Tudo isto de forma divertida, criando para aquele momento várias formas de as trabalhar em que as crianças mostraram interesse e vontade de executarem cada passo.

Para Cunha e Nascimento (2008), as aulas que envolvam a brincadeira são muito positivas.

Brincar é fundamental porque brincando a criança expressa necessidades e desenvolve potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento, exercita habilidades e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as acções por motivação intrínseca conseguem. (p.14)

Segunda-feira, 06 de dezembro de 2010

Dia de aulas assistidas pela Equipa de Supervisão Pedagógica.

A manhã começou para as crianças de igual forma no ginásio, enquanto nas salas preparávamos o material e os últimos detalhes, para o início das aulas assistidas.

A primeira colega iniciou a sua aula com a exploração do tema: carvão. Vestiu-se de mineiro. Levou para a aula a maquete elaborada por ela de uma mina. Nela estavam todos os utensílios utilizados. As crianças sentaram-se de frente para a mina e explorou os conceitos relacionados com o carvão vegetal e mineral. A seguir a colega distribuiu os Dons de Fröbel. Cada criança tinha também uns bonecos para utilizar nas atividades e exercícios.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a colega trabalhou com a turma rimas que conduziam ao ditongo /**ão**/. Deu ênfase ao som através de palavras com esta terminação. Distribuiu uma ficha no seu lugar, enquanto um grupo de crianças se deslocou à *Cartilha Maternal* para dar a lição do dia.

A minha aula de Conhecimento do Mundo foi planificada com o objetivo de estabelecer um diálogo com as crianças sobre “Emoções”. A par do tema também relatei as cores do arco-íris a alguns estados emocionais ouvindo, das crianças, o que sentiam e contando a história de uma “formiga”, que vivia momentos de tristeza. Apresentei-me como essa formiga e mascarei-me como tal.



Figura 3 – Aula assistida de Conhecimento do Mundo

Ao longo da história a formiga ganhou cor, as cores do arco-íris. Partindo dessa metáfora representada, abordei o fenómeno natural e também fiz uma referência aos dias da semana.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizei uma proposta de trabalho onde distribuí um envelope com um *puzzle* e, simultaneamente distribuí um flanelógrafo para cada criança. Dei-lhes algumas indicações e chamei um grupo de meninos para lerem na *Cartilha Maternal*. A lição para apresentar era a do /s/, com todos os valores. As figuras 4 e 5 são registos desses momentos, nos quais as crianças desenvolveram as atividades acima descritas.



Figura 4 – Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



Figura 5 – Leitura de palavras na Cartilha Maternal

Em Domínio da Matemática utilizaram uma tabela, com o eixo das unidades contadas de 0 a 10 e o outro eixo com os dias da semana. Elaborei uma história e através da mesma realizaram exercícios com o material não estruturado (flores com cores do arco-íris) e o material estruturado Cuisenaire.

Inferências e fundamentação teórica

Com uma responsabilidade acrescida por ser um dos momentos de avaliação do estágio profissional, eu e a minha colega de estágio preparámos este dia de forma criteriosa. O tempo de cada área tinha de ser cumprido na íntegra, para que não houvesse penalizações.

Segundo a Equipa de Supervisão Pedagógica, que reuniu connosco após a manhã terminar, ambas as aulas foram conseguidas e avaliadas de forma positiva. As críticas que nos foram apontadas, considerei-as de forma positiva e de uma maneira geral concordei com o que foi dito. Um dos aspetos mais notórios neste tipo de aulas é o facto de não conseguirmos pôr de parte a questão nervosa.

A educadora disse-me que quase não me estava a reconhecer quando iniciei e que por momentos pensou que tinha perdido o dinamismo. No entanto ao longo da história comecei a deixar esse fator para trás e somente a pensar na turma que tinha à frente. Também, segundo a educadora, ultrapassei esse aspeto, voltando a estabelecer a relação com o grupo como é costume. Na linha de pensamento de Sá - Chaves (2000), a supervisão deverá ser capaz de articular a Prática Pedagógica, o desenvolvimento profissional e a criação de um ambiente afetivo entre os elementos intervenientes no processo. A forma como fui avaliada vai de encontro a esta forma de pensar do autor, pois quando realizamos atividades com alguma frequência as educadoras cooperantes e a própria Equipa de Supervisão Pedagógica vão conhecendo um pouco

da nossa forma de ser e estar com o grupo, compreendendo o nervosismo acrescido que surge nas aulas assistidas.

Terça-feira, 07 de dezembro de 2010

Os ensaios para a festa de Natal são atividades que se realizam nesta altura do ano. Os alunos estiveram no ginásio a ensaiar, desta vez com a presença da professora de música e também da diretora do Jardim-Escola. Ensaíram em conjunto os três Bibes, Amarelo, Encarnado e Azul. As crianças foram organizadas pelas educadoras nos seus lugares de atuação, entoaram as canções de Natal para a festa que se ia realizar no dia doze do presente mês.

Após terminarem a parte das canções, ficaram no ginásio as duas turmas de Bibe Azul. Ensaiou primeiro a turma A, enquanto a turma B se sentou nas bancadas que existem no ginásio a assistir. Num segundo momento aconteceu o inverso.

O tempo passado em sala neste dia foi reduzido. Estiveram na sala a terminar alguns trabalhos pendentes, enquanto outras crianças ensaiavam.

Inferências e fundamentação teórica

O entusiasmo que envolve este tipo de atividades é enorme. Também a dinâmica que se cria à volta da festa é aliciante, desde o pensar no tema, na história, nas canções, no contexto envolvente, os acessórios que irão utilizar, até à decisão de atribuir papéis. Cada educadora reflete sobre o papel a desempenhar por parte de cada criança, depois põe em prática as suas decisões e verifica se resulta. É claro que podem por vezes surgir alterações e para isso servem os ensaios.

Piaget (1976) no intuito de compreender a arte e as crianças disse que, as crianças conseguem exteriorizar espontaneamente a sua personalidade e as suas experiências interindividuais, graças aos diversos meios de expressão que estão à sua disposição.

As Expressões Artísticas, nomeadamente a Expressão Dramática é colocada em prática nestes momentos que antecipam as festas e que envolvem a turma, grupo ou escola numa atividade conjunta entre as crianças e que é preparada e para uma dramatização após alguns ensaios. Em Expressão Dramática, segundo Ryngaert (1981), a concretização das atividades é designada por jogo dramático – na sua conceção os elementos voz, espaço, corpo, tempo, texto e situação dramática, constituem a linguagem dramática.

Para Sousa (1989)

A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua ação, abrangendo quase todos os aspetos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objetivos, as idades e os meios de que dispõe, tornando-a por excelência a principal forma de atividade educativa. (p.9)

Segunda-feira, 13 de dezembro de 2010

As crianças foram recebidas no ginásio com sorrisos, comentários e elogios que foram uma constante durante este acolhimento. A razão para este acontecimento prendia-se com o facto de ter sido a festa de Natal no dia anterior.

Foi-nos explicado que hoje os meninos não iriam para a sala. O tempo estava bom e iam brincar o dia todo no recreio. Explicaram que como tinha sido uma semana intensiva de ensaios era um dia para descontrair e descansar.

Inferências e fundamentação teórica

Spodek e Saracho (1998), refletem sobre a importância da tomada de consciência por parte dos educadores a fim de proporcionarem relações interpessoais que desempenham um papel muito importante na vida das crianças do pré-escolar, pois irão promover uma maior facilidade nas aprendizagens das crianças e melhorar as suas relações sociais, quer dentro do Jardim-de-Infância, quer no exterior. O adulto deve proporcionar à criança diversos momentos de alegria, diversão, bem-estar, confiança, entre muitos outros para as encorajar a uma aprendizagem ativa. É nesta perspetiva que, segundo estes mesmos autores, Spodek e Saracho (1998), “a brincadeira tem sido considerada um elemento-chave dos programas de educação para a primeira infância, e uma série de teorias têm tentado descrever a função dela na vida das crianças pequenas” (p.228).

O espaço exterior do Jardim-Escola João de Deus de Albarraque é bastante convidativo às brincadeiras, onde as crianças podem usufruir dos seus recursos, como se pode verificar na Figura 6.



Figura 6 – Espaço exterior do Jardim-Escola de Albarraque

Terça-feira, 14 de dezembro de 2010

Durante a manhã dei início a mais um conjunto de atividades, planeadas e organizadas com a educadora cooperante.

Desta vez o tema a explorar foi a árvore. Comecei pela área de Conhecimento do Mundo, pedindo a participação de duas crianças para lançar o tema. De olhos vendados, dei um limão a cada uma e pedi-lhes que adivinhassem o que tinham na mão utilizando os seus sentidos à exceção da visão. Após a exploração, conseguiram fazê-lo sem dificuldade. A partir daí houve uma abordagem às características do fruto e de forma pormenorizada da constituição da árvore. Nesse dia levei, para além de vários limões, um galho com folhas onde estava agarrado um limão.

Como atividade final desta área, desenhei uma árvore numa cartolina e os alunos carimbaram com metades dos limões as partes constituintes da árvore.

Na área de jogo, também se exploraram contagens referentes ao Domínio da Matemática. O jogo das árvores que elaborei teve as regras que passo a descrever:

- Dividir a turma em 6 grupos de 4 elementos cada;
- Distribuir uma árvore em cada grupo e tampas que representarão os seus frutos;
- Retirar de um saco com tampas o número que representará a quantidade de frutos a colocar em cima da árvore (um elemento de cada equipa tira o seu);

- Questionar as cores das tampas e relacionar com os frutos que têm cor semelhante; Ex: As vossas tampas são cor de laranja, quais os frutos que conhecem dessa cor?
- Contar o total de tampas e vence quem preencher com maior número a sua árvore, tendo em conta também a noção de espaço.

Para finalizar planifiquei uma aula de revisão da lição /r/. Esta revisão não aconteceu devido ao facto de a educadora me pedir para dar a lição /s/, intercalando assim, uma aula planeada com uma aula surpresa.

Inferências e fundamentação teórica

Não poderia deixar de referir a importância desta aula surpresa, não querendo contrapor o que já inferi sobre esta prática de avaliação. Se por um lado eu já estava envolvida num contexto de avaliação, por outro a forma como a educadora me lançou este desafio, acabou por ser tão natural que rapidamente e de forma descontraída já estava a rever regras e a colocar questões, orientando a leitura das palavras, sem quaisquer dificuldade.

O que realço desta intencionalidade da educadora é a boa estratégia de avaliação, onde não me senti pressionada, mas sim confiante do que sabia e podia aplicar naquele momento. Encontro uma concordância nas palavras de Spodeck e Saracho (1998), ao dizerem que os educadores mais experientes podem tornar-se mentores dos iniciantes, compartilhando e oferecendo-lhes apoio, pois a insegurança pode ser superada quando se dá a oportunidade de a ultrapassar, desenvolvendo capacidades profissionais significativas.

Segunda-feira, 03 de janeiro de 2011

Neste dia não me envolvi diretamente em atividades para minha avaliação. Assisti e ajudei a minha colega de estágio que preparou uma aula sobre minhocas. Expôs as características mais importantes e realizou com as crianças um protocolo experimental, no qual houve um contacto direto com as mesmas.

Para atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizou um ditado gráfico e de seguida levou um grupo de crianças a ler na *Cartilha Maternal*, onde foi revista a lição do /m/ (metil, como lhe chamou João de Deus).

No Domínio da Matemática, propôs uma situação problemática explorando o material Cuisenaire com o apoio de minhocas em papel para a realização de contagens.

Da parte da tarde os alunos brincaram no recreio, realizaram jogos orientados e a nossa atitude foi de participação nesses jogos, bem como acompanhar as crianças à casa de banho sempre que nos solicitavam para tal.

Inferências e fundamentação teórica

São vários os momentos em que se envolvem as crianças em jogos orientados. Muitas vezes acontecem por curtos períodos de tempo, enquanto há uma pausa para uma atividade, outras por um tempo mais alargado, para ocupação por exemplo da hora de chegada dos pais. Kishimoto (1999), refere que

A utilização do jogo e das brincadeiras potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que jogos ou brincadeiras. (p.38)

Nesta faixa etária, os jogos devem ter regras simples, devem também ser acompanhados por canções e com algum movimento físico.

DeVries e Kamii (2009), defendem que os jogos na primeira infância ajudam a atingir metas, criar autonomia e desenvolverem a capacidade de descentralização, bem como a criarem diferentes pontos de vista.

Terça-feira, 04 de janeiro de 2011

Hoje foi mais uma manhã de atividades realizada por mim. Para o efeito, escolhi a profissão “polícia”, enquadrado no tema das profissões, solicitado pela educadora cooperante.

Comecei por organizar a entrada das crianças na sala de aula, pedindo para se sentarem nas cadeiras que estavam colocadas em forma de semicírculo.

Comecei por estabelecer um diálogo sobre as profissões, o que são e qual a sua importância na sociedade. Como ponto de partida para o tema questionei todos os alunos quanto à profissão que gostariam de ter. Surgiram várias respostas, entre as quais polícia. Foi por aí que se chegou a um fio condutor do tema escolhido. E esse menino (apenas um expressou essa profissão) passou a fazer parte da aula. Levei acessórios e uma farda completa, que foi vestida pela criança. Expliquei a toda a turma como se chamava cada peça, fornecendo vocabulário novo. Também fiz passar por todas as crianças o chapéu, as algemas, o cassetete, o apito, etc. Mencionei a importância desta profissão na sociedade.

Numa outra parte da aula, em Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, utilizei um plano já por mim realizado (lição /r/), que não tinha chegado a pôr em prática. Para a turma elaborei uma proposta de trabalho, onde tinham um itinerário para realizar até encontrar o chapéu do polícia e posteriormente coloriram essa proposta.

No que respeita aos conteúdos trabalhados em Domínio da Matemática optei por trabalhar conjuntos. As crianças executaram um conjunto vazio, um singular e outro universal. Para tal distribui tampas de garrafas de plástico que tinham coladas formas geométricas de cores e tamanhos diferentes. Com o mesmo material fiz uma sequência no quadro que as crianças realizaram nos seus lugares. Posteriormente elaboraram uma outra sequência criada por eles e circulei pela sala para verificar o trabalho individual de cada aluno. No final compararam as sequências uns com os outros e leram-nas em voz alta.

Da parte da tarde estive a arrumar trabalhos e a acompanhar os alunos na realização de algumas tarefas de sala de aula. Acompanhei a turma também até ao lanche.

Este foi o último dia de estágio no Bibe Azul A.

Inferências e fundamentação teórica

O educador detém um papel determinante na promoção da moralidade. Para tal, deve criar um ambiente propício a esse desenvolvimento e sempre que possível promover a partilha de experiências vividas pelas crianças. De acordo com Formosinho (1998), o educador deve criar uma atmosfera de sala de aula positiva e a importância do diálogo para a partilha de experiências, conduzindo a conversa para o sucesso. Foi nesse sentido que preparei o início desta manhã e baseada nas respostas obtidas pelo grupo estabeleci o fio condutor para chegar aos objetivos pretendidos.

No que respeita à atividade proposta para Domínio da Matemática, esta pareceu-me pertinente e adequada às necessidades de desenvolvimento das crianças. Recorrendo às palavras de Spodek e Saracho (1998), “as crianças devem aprender a descrever, classificar, comparar, ordenar, igualar, unir e separar quantidades. Elas também se devem concentrar nos atributos dos objetos, incluindo a cor, a forma, o tamanho e a massa” (p.309).

1.5. 4.ª Secção: Bibe Amarelo B

1.5.1. Local e data de estágio

Nesta secção apresento o 3.º momento de estágio.

Permaneci no Jardim-Escola de Albarraque e efetuei este momento do dia 10 de janeiro ao dia 14 de fevereiro de 2011. O mesmo foi realizado com a turma do Bibe Amarelo B. Estive presente sempre à segunda e à terça-feira, das 9 horas às 16 horas, com uma hora para descanso.

1.5.2. Caracterização da turma

Segundo a educadora cooperante que cedeu algumas informações, poderei dizer que a caracterização global desta turma é composta por vinte e cinco crianças, (treze são do sexo feminino e doze são do sexo masculino) com três anos de idade, apenas duas crianças já fizeram os quatro anos. Destes alunos dezoito têm irmãos. São crianças cuja constituição familiar é equilibrada, no entanto registam-se quatro crianças que têm os pais separados, salientando-se uma delas com muito pouca relação com o pai. O presente grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.5.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo acolhe dois grupos. As educadoras coordenam o seu trabalho rotativamente distribuindo-o também pela sala de apoio e por outros espaços reservados para determinadas atividades (ginásio, APTL...). Podemos encontrar desenhado na parede um quadro pintado de preto que serve para colocar letras, algarismos ou outros objetos que estejam magnetizados. Existem quadros em cortiça para se afixar os trabalhos realizados pelos alunos e placares decorativos nas paredes, como por exemplo as datas de aniversário das crianças com as suas fotografias. A sala dispõe de um espaço com bastante luminosidade onde se situa a “casinha” e onde as crianças brincam quando não se podem deslocar ao exterior. Esta sala é preparada para a sesta, quando as crianças vão almoçar.

1.5.4. Horário

O Quadro 4 na página seguinte representa a distribuição das atividades da turma do Bibe Amarelo B ao longo do dia.

Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo B - Albarraque

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento – Canções de roda, jogos e higiene				
9:45	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10:30	Recreio				
11:10	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
11:45	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Movimento	Estimulação à Leitura
12:30	Higiene e Almoço				
13:00	Sesta, Levantar e Higiene				
15:00	Expressão Plástica	Música	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica
15:30	Lanche				
16:00	Jogos Orientados				
16:30	Brincadeiras nos cantinhos				

Depois de apresentar o horário do Bibe Amarelo (Quadro 4) apresento um breve enquadramento teórico sobre a especificidade das crianças de três anos de idade, em particular deste grupo em que estagiei.

1.5.5. Bibe Amarelo (3 anos)

No Bibe Amarelo (falamos em crianças com três anos), há uma rotina diária um pouco diferente porque estes meninos dormem, a sesta. Nestas idades há uma necessidade de descansar um pouco durante o dia, proporcionando momentos onde também se promovem algumas habilidades e destrezas que resultam de aquisições por parte das crianças. O seu desenvolvimento físico é caracterizado por uma grande atividade motora, a criança corre, salta, tem um grande desejo de experimentar tudo. Embora ainda não seja capaz de apertar os atacadores, veste-se sozinha razoavelmente bem. Citando Hohmann (2004), “(...) as crianças têm orgulho em se vestir elas próprias” (p.66). É capaz de comer sozinha com uma colher ou um garfo. Experimentam vários comportamentos promotores de autonomia sem se colocarem em situações de risco, cabendo ao educador encorajar e supervisionar tais atividades.

Aos três anos as crianças são capazes de fazer puzzles simples e copiam figuras geométricas simples. Numa perspetiva intelectual, compreendem a maior parte do que ouvem e o seu discurso é compreensível para os adultos. Utilizam bastante a imaginação: início dos jogos de faz-de-conta. Sabem o nome, o sexo e a idade. Repetem sequências de 3 algarismos. Começam a ter noção das relações de causa-efeito. São bastante curiosas.

Socialmente, a criança desta idade é bastante sensível aos sentimentos dos que a rodeiam relativamente a si própria. Tem dificuldade em cooperar e partilhar. O egocentrismo característico desta faixa etária provoca alguns conflitos, principalmente no que respeita à partilha de brinquedos.

O educador deve estar atento às relações que se estabelecem entre as crianças, principalmente quando ocorrem disputas com brinquedos. Para solucionar estes conflitos deve falar com as crianças sobre o ocorrido. Como refere Hohmann (2004),

Uma das formas de se apoiar as relações que as crianças estão a construir é estar atento às relações que existem, ou que estão a emergir (...) no contexto educativo. (...) Entre os comportamentos que poderá observar estão a partilha de objectos, o falar umas com as outras, o sentar perto ou ao lado, o envolver juntas em brincadeira de faz-de-conta, trabalhar nas mesmas actividades e planear em conjunto. (p.605)

Segundo o mesmo autor, a criança preocupa-se em agradar aos adultos que lhe são significativos, sendo dependente da sua aprovação e afeto. No que respeita ao seu desenvolvimento emocional, é capaz de se separar da pessoa de vinculação durante curtos períodos de tempo. Começa a desenvolver alguma independência e autoconfiança. Pode manifestar medo de estranhos, de animais ou do escuro. Começa a reconhecer os seus próprios limites, pedindo ajuda e gosta de imitar os adultos.

Durante o tempo com o grupo, o educador apresenta às crianças um conjunto de materiais ou determinadas experiências que podem constituir novidade para eles ou suscitar um interesse particular. Desta forma as crianças têm a possibilidade de explorar, experimentar as suas ideias novas e resolver problemas relacionados com os materiais e as experiências apresentadas, ou seja, o educador cria um clima de apoio com o objetivo de promover a autonomia da criança. Sobre o assunto ainda Hohmann (2004), diz-nos que

(...) um clima de apoio serve bem as características e necessidades das crianças pequenas. Estas florescem em contextos de aprendizagem pela acção, precisamente por causa do clima de apoio; este permite que elas se centrem nos seus interesses e nas suas iniciativas (...). Um clima de apoio estimula e fortalece o desenvolvimento da crença nos outros, da autonomia, da iniciativa, da empatia e da auto-confiança. (p.72)

1.5.6. Relatos diários

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

Este foi o primeiro dia de estágio no Bibe Amarelo B. Depois da educadora e das crianças saírem do ginásio, fizeram uma passagem pela casa de banho. As duas turmas sentaram-se no chão da sala e logo nessa altura entrou a educadora da turma A. Neste dia a turma B permaneceu na sala e fomos então apresentadas aos meninos.

Depois disto a educadora começou as atividades do dia pelo Domínio da Matemática e iniciou a manhã com uma aula dedicada ao Cuisenaire, no chão. Utilizou peças de madeira em tamanho grande, fez questões dirigidas, explorando a escala do referido material até à peça amarela que representa cinco unidades. Serviu-se da peça branca para exemplificar a unidade de medida e solicitou a leitura da escala por ordem crescente por cores e valores.

Um dos locais utilizados durante as manhãs é também a sala da televisão, local escolhido neste dia pela educadora, onde apresentou um *powerpoint* sobre plantas, nomeadamente distinguindo plantas aéreas, terrestres e aquáticas. Houve conversa à volta do tema e apresentação de imagens.

Aproximou-se a hora do almoço e foram conduzidas em comboio para o refeitório, onde almoçaram. Quando a maior parte da turma terminou a sobremesa, dirigiram-se para a casa de banho, fazendo a sua higiene para voltarem à sala, que já tinha os catres colocados para a sesta, bem como os lençóis para se taparem as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

A primeira aula observada neste Bibe aconteceu no tapete em que foram trabalhados materiais de matemática no chão. Foi a primeira vez que assisti a este tipo de aula. Penso que por vezes é mais fácil de expor o que se pretende, porém existe menos contacto com o material por parte das crianças.

Nem todos conseguem tirar os seus sapatos, dependendo de adultos para o fazer e ajudámo-los nesse sentido, conversando tranquilamente para adormecerem num clima harmonioso.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2011

Mantida a rotina da manhã e já numa sala de apoio ao Bibe Amarelo, é preparado o momento de atividade de Conhecimento do Mundo.

No seguimento da matéria prevista para esta altura a educadora foi buscar um tabuleiro onde tinha uns copos com feijão a germinar com a finalidade de regarem as suas plantas. Estes tinham sido semeados na semana anterior.

Depois, através de imagens em tamanho A4 e plastificadas, foi-lhes contada uma história, sobre a sementinha e o seu desenvolvimento na terra. Com alguma agitação por parte de algumas crianças, houve momentos em que a educadora fez chamadas de atenção perante o seu comportamento menos apropriado.

Ainda da parte da manhã, mas já nas mesas da sala, as crianças realizaram uma atividade de Expressão Plástica onde ajudei também na dobragem e colagem de um *origami*, uma tulipa. Foi colado numa folha de papel, em que desenharam o caule da planta com lápis de cera verde. Afixei os trabalhos num quadro de cortiça da sala.

Em fila, ou seja, em “lagarta” (nome que utilizam para organizar a saída), agarrados ao Bibe do colega da frente, deslocaram-se até ao refeitório cantando canções. Almoçaram e voltaram à sala para se deitarem. Neste dia permaneci mais tempo no refeitório, pois estive a ajudar uma menina que não queria comer.

Quando regresssei à sala já estavam todas as crianças deitadas com música de fundo em som baixo e destinada a um relaxamento.

Da parte da tarde saí mais cedo, pois fui assistir à Defesa Pública do Relatório de Estágio Profissional, de uma colega, aluna na Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD).

Inferências e fundamentação teórica

O envolvimento por parte dos alunos com a natureza leva-os à consciencialização da realidade. O facto de semearem e terem a possibilidade de cuidar e simultaneamente observarem o crescimento de algo faz com que se produzam saberes. A implementação destas atividades devem ser estimulantes e significativas para que desperte curiosidade no aluno em compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões. Assim, tal como é referido por Miguéns (1999, citado por Martins *et al.* 2007, p.39), “o trabalho prático é importante no desenvolvimento do domínio cognitivo, afectivo e processual”. As aulas de Conhecimento do Mundo são momentos em que se torna possível a concretização deste tipo de atividades.

Tendo em conta a sesta, como uma outra rotina presente nesta faixa etária, aproveito para mencionar que a educadora coloca sempre um CD de música calma e relaxante para ajudar as crianças a adormecer. O uso de música para o tempo de sesta é muito importante pois ajuda as crianças a acalmarem-se, servindo assim como um ritual para adormecer.

Segunda-feira, 17 de janeiro de 2011

Neste dia não compareci ao estágio no Jardim-Escola de Albarraque, devido à reunião proposta pela Equipa de Supervisão Pedagógica com o Diretor, Professor Doutor António Ponces de Carvalho. Procedeu-se à entrega das nossas avaliações referentes ao anterior momento de estágio, dadas pela educadora cooperante.

Inferências e fundamentação teórica

O estágio constitui-se como um dos pontos fortes na formação, pois estabelece um alicerce para uma boa prática profissional. As reuniões para a entrega de avaliações são um fator importante neste percurso de formação de docentes, colocam o futuro educador numa posição reflexiva. Na perspectiva de Pacheco (1996),

(...) os estagiários consideram o estágio de muita utilidade prática, permitindo-lhes uma integração na escola e a aquisição de um conhecimento prático relativamente aos alunos e de um conhecimento contextual que se prende com a planificação, com conteúdos do programa, com a aplicação das regras de avaliação. (p.164)

A presente reunião foi de algum modo mais um momento propício a essa formação.

Terça-feira, 18 de janeiro de 2011

Um dia diferente enquanto estagiária, marcado pela presença das professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica que se deslocaram ao Jardim-Escola para nos proporem algumas “aulas-surpresa”.

A manhã começou numa sala de apoio do Bibe Amarelo, onde ajudei a educadora a sentar os alunos nas almofadas, organizando-os: menino/menina e cantei uma canção, enquanto a educadora saiu para ir buscar uns documentos. Ocupei um lugar e a minha colega outro, aguardando a chegada da educadora que não veio sozinha. Consigo vinha também a diretora do Jardim-Escola que solicitou à minha colega uma aula surpresa. Deu-lhe uma história e informou-a que tinha cinco minutos para preparar a sua leitura e pensar na dinamização tendo depois vinte minutos para apresentar a atividade.

Continuei na sala e a colega saiu. Nestes cinco minutos a diretora permaneceu junto das crianças e conversou um pouco com elas.

A colega começou a estimulação à leitura, mostrando as imagens do livro, ainda colocou questões, estabelecendo interdisciplinaridade com o tema “aves”. A história debruçava-se numa galinha, e explorou conceitos matemáticos sobre a adição. Terminou muito antes do tempo, no entanto apercebeu-se e ainda cantou uma canção para preencher o tempo que lhe restava.

Pausa para recreio da manhã, pausa também para nós.

No regresso à sala encontrei uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica e algumas estagiárias de outros Bibes, desta vez à minha espera. Foi-me solicitada uma aula de matemática, com o material “Blocos Lógicos”. As crianças estavam no tapete e o material já se

encontrava em cima das mesas, fora das caixas. Segundo as indicações dadas pela professora, tinha cinco minutos para pensar como iria fazer a aula de forma a “explorar os atributos, conjuntos com linhas fronteira e situação problemática”, foram as indicações dadas.

Depois de breves minutos, dei início à aula.

De volta junto das crianças expliquei-lhes que iria fazer uma atividade. Pedi que os meninos ocupassem os seus lugares e de seguida as meninas também. Já nas mesas comecei por questionar qual o material que tinham à sua frente. No decorrer da aula explorei, em conjunto, os atributos cor, tamanho, forma e espessura. Houve muitos momentos de agitação, recorri várias vezes ao retorno à calma para que conseguisse manter a disciplina, o que não aconteceu.

Terminado o meu tempo, fomos assistir a mais uma aula surpresa, desta vez no Bibe Encarnado. O material escolhido foi Cuisenaire

A colega de estágio resolveu fazer a leitura da escala por ordem crescente e explorou a adição.

Mais tarde houve reunião com todas as estagiárias, inclusive as colegas do 1.º ano. Foi feita uma reflexão das práticas observadas, em que todas realizámos uma autoavaliação, uma avaliação sobre o que observámos nas aulas das colegas e as professoras da Supervisão deram o ser parecer juntamente com as educadoras cooperantes.

Da parte da tarde o estágio decorreu normalmente com o acordar das crianças e o lanche.

Inferências e fundamentação teórica

Esta foi para mim a experiência menos positiva ao longo de todo o meu estágio.

Em todas, ou quase todas as vezes que me envolvi em práticas como objeto de avaliação o nervosismo foi algo que me acompanhou um pouco, no entanto este fator estava ausente neste dia. Senti-me calma e ao mesmo tempo segura do que iria fazer, estava à vontade com os conhecimentos que tinha sobre o material proposto e pensei que tudo iria correr da melhor forma.

Quando a professora da Equipa de Supervisão Pedagógica entrou com as colegas, que ficaram a assistir à minha aula, as crianças ficaram um pouco mais agitadas. Não questionei se alguma vez já tinham estado perante esta realidade, mas se não, também não julgo ter sido esse fator que acabou por deixá-las inquietas.

Segundo Estrela (2002), “ ligando-se directamente à autoridade do professor, os fenómenos de disciplina e indisciplina na aula remetem directamente para o campo da relação pedagógica de que constituem aspectos relevantes” (p.33). Enquanto estagiárias por vezes esta autoridade não se constata de imediato.

Foi difícil manter a disciplina nas crianças. Começaram desde logo a “brincar” com o material e o meu principal objetivo era voltar ao silêncio, aconselhável para conseguir falar para a turma. Entre o retorno à calma com gestos e apelos para não mexerem nas peças que tinham à frente consegui abordar alguns conceitos, mas poucos.

Na reunião recebi elogios por ter realizado uma boa autoavaliação, na qual foquei os acontecimentos que referi, mas estava um pouco receosa quanto à classificação, que acabou por ser positiva. Também me foram sugeridas estratégias por parte da docente de supervisão que entendi como excelentes e que teriam resultado se as tivesse aplicado.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

Após a higiene matinal as crianças deslocaram-se para a sala da televisão onde as esperava a minha colega.

Visualizaram um *powerpoint* sobre o azeite. De seguida estabeleceu um pequeno diálogo sobre a importância do azeite como alimento. Voltou novamente às imagens para demonstrar o ciclo do azeite. Por fim deu a provar azeitonas e pão com azeite.

As crianças foram até ao recreio e ajudei a minha colega na preparação do ginásio, onde iria decorrer a sua atividade seguinte, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, sendo que seria a dramatização de uma história. Colocou arcos no chão realizando uma grande roda. Cada criança tinha um arco, como se fosse o seu vaso, pois pediu que se imaginassem como plantas. A par disto ouviu-se uma música ambiente com sons da natureza. Contou uma história que envolvia o nascimento e crescimento de uma azeitona e as crianças participaram.

Ainda pela manhã houve a área de Domínio da Matemática em que realizaram uma atividade de culinária: um bolo de azeite. Utilizaram os ingredientes e respetivos recipientes relacionando-os com as quantidades existentes da receita. Desenvolveram exercícios de cálculo mental e contagens.

Da parte da tarde, após a sesta desenharam uma planta, onde se pedia para desenharem o caule, a folha e a flor.

Inferências e fundamentação teórica

O momento mais importante que retiro deste dia foi o envolvimento das crianças na atividade proposta pela minha colega quando ouviram a sua história acompanhada de música. A sua representação foi natural e “perfeita”, parecia que já o tinham feito vezes sem conta criando para quem assistia um momento de magia. Desta forma e enquadrando as afirmações de Spodek e Saracho (1998), “através do jogo dramático, as crianças desenvolvem um entendimento do mundo em volta delas, e aprendem a lidar com o seu ambiente” (p.221). Penso que em momentos como este, da exploração de uma história, podemos dizer, que como referem os mesmos autores, que, “os professores podem estimular o aprendizado da linguagem e a alfabetização nas atividades de jogo dramático” (p.224).

Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

Hoje iniciei a minha manhã com o tema “árvores de fruto”, o qual me foi dado pela educadora. Como subtema resolvi falar da laranjeira.

Desta vez comecei pelo Domínio da Matemática. Conteí uma pequena história relacionada com o tema das árvores de fruto recorrendo a dois bonecos que me acompanharam durante a aula. Criei pequenas situações problemáticas para que a turma participasse na construção da história. Efetuaram algumas contagens utilizando tampas de garrafas e árvores em madeira.

Para Conhecimento do Mundo, apresentei um *powerpoint* com imagens de várias árvores e frutos. Os alunos fizeram uma leitura e interpretação de imagens. Coloquei questões como: “*Qual o nome dos frutos que aparecem nas imagens? “Quais as árvores que dão aquele fruto?”*”

Expliquei como é constituída a árvore, dei a noção de pomar. Mostrei ramos com laranjas e flor de laranjeira, que passei por todos e todos tocaram. Abri uma laranja para que observassem o seu interior e também como se apresenta quanto à sua constituição. Por último fiz sumo de laranja e dei a provar à turma.

Após a hora da pequena refeição e também de um tempo para brincar, as crianças dirigiram-se à sua sala.

Entreguei uma folha por colorir com uma árvore desenhada (Figura 7). Cortei algumas laranjas que serviram de carimbo e procedi à explicação da atividade.



Figura 7 – Árvore para colorir

Carimbaram de verde a copa da árvore e a castanho o tronco. Ainda trabalharam a motricidade fina ao fazerem bolas de papel crepe que representavam as laranjas e com a minha ajuda colaram na copa da árvore.



Figura 8 – Atividade realizada com carimbos e papel crepe.

Inferências e fundamentação teórica

A Expressão Plástica desenvolve na criança um conjunto de conhecimentos e o contacto, Rodrigues (2002) afirma que “o instinto da pintura, associado ao prazer sensorial da cor, cedo se manifesta espontaneamente na criança mais pequena ” (p.40).

Segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

Este dia foi mais uma vez de desafio. Desta vez a educadora pediu-me para novamente explorar o material Blocos Lógicos. Com as crianças nas mesas, distribuí o material e comecei a dialogar com elas, colocando questões dirigidas. Optei por fazer um jogo, pedindo que escondessem as peças ou as colocassem em várias partes do corpo seguindo os atributos que

eram mencionados, exemplo: - Colocar na barriga a peça amarela com forma triangular de tamanho grande.

Apenas podiam tocar nas peças quando eu solicitava, ainda assim três crianças ficaram sem jogar após as ter avisado que as minhas regras teriam de ser cumpridas, o que não fizeram mesmo depois de os ter avisado.

Ainda da parte da manhã, a educadora distribuiu legos para que os alunos explorassem livremente e reuniu comigo e com a minha colega, no propósito de fazermos a reflexão sobre as aulas que tínhamos dado.

Inferências e fundamentação teórica

No decorrer desta minha aula a disciplina foi o ponto mais difícil de gerir. As crianças entusiasmaram-se com os materiais e queriam explorá-los. O facto de serem crianças que ainda estão nos seus primeiros contactos com os materiais nas mesas e estão a adquirir uma postura de saber estar neste contexto, dificultou a minha aula. Como referem Spodek e Saracho (1998), nesta fase as crianças “ainda não aprenderam a controlar os seus desejos (...) aprendem gradualmente o comportamento adequado para o ambiente escolar, e isto deve ser visto como um objetivo a ser atingido através de diversas experiências, mais do que expectativas imediatas (p.157).

Para isso a experiência do educador ganha valor quando sabe como lidar perante as dificuldades de concentração do grupo ou de alguns elementos do grupo, desenvolvendo estratégias para superar este tipo de acontecimentos. Ao longo da aula apercebi-me que poderia usar algumas diretrizes para estabelecer a disciplina, que coloquei em prática alcançando sucesso.

Terça-feira, 01 de fevereiro de 2011

Após o acolhimento, a diretora do Jardim-Escola de Albarraque dirigiu-se à sala onde nos encontrávamos e esteve por ali durante algum tempo a questionar os meninos sobre as plantas, partes que a constituem, a sua importância para a nossa vida e também os tipos de plantas que existem, dando mais relevância ao facto de como se desenvolvem e o que precisam para viver. Houve algumas interrupções no decorrer da aula, devido ao facto de algumas crianças chegarem mais tarde.

Realizaram o seu intervalo e já não regressaram à sala, foram almoçar.

Quando se deitaram, ajudei a tirar os sapatos e a prepará-los para a sua sesta. Questionei uma docente em relação aos ganchos das meninas e aos casacos das crianças que por norma,

não são retirados quando se deitam. A resposta que obtive foi, que isso não fazia diferença e dormiam assim. As salas têm aquecedores e as crianças dormem com um lençol.

Quando regressámos da hora de descanso ajudámos as crianças a calçar e vestimos os bibes, depois do seu regresso da casa de banho.

Quando terminaram o lanche foram para a sala fazer jogos orientados pela educadora.

Inferências e fundamentação teórica

O acolhimento aconteceu mais uma vez de forma muito calma. Nesta altura do ano já não se evidenciam sinais de recusa em ficar na escola, por parte de quase todas as crianças do Bibe Amarelo no entanto, uma criança ainda revela este comportamento quando deixa a sua mãe, o que acontece quando chega mais tarde, interrompendo por vezes a educadora quando já está com o grupo.

Discordo por não se retirar nenhuma peça de roupa quando as crianças se deitam, sendo que muitas das crianças por vezes trazem casacos vestidos por baixo do seu bibe. O que verifiquei é que muitas delas transpiram demasiado devido a adormecerem desta forma. Penso ser um pouco desconfortável qualquer pessoa ou criança dormir com ganchos ou molas, podendo até magoar-se.

Terça-feira, 08 de fevereiro de 2011

Pela manhã, a educadora, após ter dirigido as suas crianças para a sala e de lhes ter dito que os queria sentados, menino/menina, deu-lhes um grande elogio porque o fizeram sozinhos. Pediu-nos, para aguardarmos só um instante enquanto ia buscar um livro. Durante esse momento, cantámos a *canção “O moinho”*. Quando regressou, entregou o livro à minha colega e pediu-lhe para fazer estimulação à leitura. Era a história da *Galinha Ruiva*, do autor António Torrado. A colega leu a história e dinamizou-a. Recorreu às crianças para a ajudarem na imitação das vozes dos animais e exemplificou as ações que a história nos conta.

De seguida, já terminada a atividade disse às crianças que iriam agora eles fazer pão como a *galinha ruiva*.

Com a “lagarta” pronta para saírem da sala, cantei com as crianças mais uma vez a canção do moinho, a pedido das mesmas.

Fizeram uma passagem pela casa de banho antes de se dirigirem para o refeitório para lavarem as mãos. Ocuparam o espaço que a educadora indicou e sentaram-se, observaram e

ouviram as explicações. Numa outra fase foi-lhes distribuída uma bola de massa de pão, para a moldarem e colocarem o seu pãozinho no tabuleiro.

Ao lanche cada criança comeu o pão que amassou e que já estava cozido.

Inferências e fundamentação teórica

Considero que neste dia se criaram momentos únicos de aprendizagem nas diferentes áreas. Isso aconteceu na estimulação à leitura, em que, com a história, em que se dá a conhecer vocabulário, é contextualizada uma moral e de seguida se passa para uma atividade prática, desta forma, fazer pão enriquece certamente aprendizagens. Neste sentido o educador está a estabelecer uma relação de transdisciplinaridade com as diferentes áreas. Citando Fourez (2002), “A transdisciplinaridade mobiliza a aptidão de transferência, a qual, por outro lado, é regularmente solicitada no próprio interior das disciplinas (...). Cada transferência vem completar ou reorganizar os saberes e a experiência prática existentes” (p.236). É importante trabalhar cada área individualmente, mas relacionando conceitos entre si, todas as áreas se relacionam.

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Neste dia elaborei algumas estratégias para conduzir a minha manhã de atividades. Comecei com a área de Conhecimento do Mundo, explicando algumas características das aves. Para tal utilizei uma imagem onde se podiam observar as partes e na qual as crianças puderam identificar cada uma delas. Levei dois exemplares (pombos), falei da sua alimentação e no final organizei uma saída até ao exterior para os soltar.

Numa outra parte da manhã, em Domínio da Matemática, distribuí algarismos móveis e um ovo grande em plástico por todas as mesas. Distribuí o material Cuisenaire e pedi para retirarem um algarismo, seguidamente retiraram da caixa a peça que representava a quantidade indicada. Solicitei que mostrassem a sua peça à turma. Compararam com os colegas as cores das peças que tinham retirado. Aproveitando vários ovinhos mais pequenos também de plástico, que estavam num cesto, propus mais alguns exercícios de contagem e de equivalência ao material Cuisenaire.

Decorrido este momento as crianças saíram para o parque para brincar.

De regresso à sala, pedi para se sentarem em forma de meia-lua e preparei a dinamização da leitura do livro: *Os ovos misteriosos*. Usei o livro como apoio e utilizei imagens que algumas crianças manusearam como fantoches ao longo da história. No final coloquei algumas questões, como: “*Quantos ovos, a galinha chocou?*” “*Quais os animais que saíram dos ovos?*”

Inferências e fundamentação teórica

A opção de mudar várias vezes o espaço e a forma como as crianças se recebiam a aula foi sempre uma das minhas preocupações para cada atividade, foi um dos primeiros pontos a pensar quando iniciava uma planificação. Segundo Cury (2004), “sentar as crianças em círculo ou em U, permite desenvolver a segurança, promover a educação participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos na sala de aula, reduzir conversas paralelas” (p.123)

A exploração da história foi o ponto de partida para fazer uma interdisciplinaridade com as crianças, trabalhando uma série de conceitos. De acordo com Veloso & Riscado (2002), nas crianças desde cedo, na idade pré-escolar, “a Literatura Infantil instaura-se como um excelente motivo e rampa de lançamento para explorações múltiplas de hipóteses sobre essa incógnita que é o mundo dos “grandes”” (p. 27).

O professor deve oferecer boas condições para que as crianças adquiram motivação e interesse pela leitura. Magalhães (2008) refere que “por lidarem quotidianamente com crianças, [os educadores] têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o acto de ler e a erigir uma melhor sociedade leitora” (p. 69).

1.6. 5.ª Secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

1.6.1. Local e data do estágio

Nesta secção apresento o segundo Seminário de Contacto com a Realidade Educativa. Realizei-o de 28 de fevereiro e 4 de março de 2011, no Jardim-Escola “A Formiguinha”. Sendo que este estágio não tinha obrigatoriedade de ser feito, aproveitei para estagiar no Jardim-de-Infância onde exerço, desde há catorze anos a minha atividade profissional.

1.6.2. Caracterização da turma

Nesta sala as crianças têm na sua maioria quatro anos. São vinte e uma crianças, têm uma educadora titular e o auxílio de uma técnica de educação. São crianças muito independentes e autónomas. A turma é de uma forma geral bastante estável, no que respeita ao comportamento. Apenas de referir um caso mais complicado de um aluno com necessidades educativas especiais, diagnosticado com autismo, mas que se relaciona bem com o grupo e todos o aceitam sem problema.

A educadora titular mantém ao longo do ano sempre o mesmo horário, das 9h às 16.30h, com uma hora para descanso (almoço).

1.6.3. Caracterização do espaço

A sala é bastante ampla possui quatro mesas de trabalho redondas, um quadro de ardósia, placares onde se afixam trabalhos, armários com materiais e jogos. Também uma zona onde se encontra uma pista de automóveis, uma área com um tapete onde têm uma caixa com legos e onde fazem construções.

Possui um espaço onde existem livros de histórias para crianças: contos tradicionais e modernos; cartazes; jornais; poemas lengalengas; livros onde a imagem predomine: bandas desenhadas; dicionários; folhetos; livros de receitas de cozinha. Este espaço permite realizar leituras individuais; leituras em grande grupo; narrar-se histórias, observar-se imagens e pesquisar-se temas. A casinha é utilizada todos os dias pelas crianças, existem regras para a sua utilização e rotatividade de quem por ali passa.

1.6.4. Horário da Sala dos 4 anos

O horário que se segue (Quadro 5) foi-me facultado pela educadora da sala dos 4 anos do Jardim-Escola A Formiguinha. Como podemos verificar apresenta uma distribuição um pouco diferente das atividades, face aos horários já apresentados dos Jardins-Escolas João de Deus, permitindo perceber que estamos perante uma realidade diferente.

Quadro 5 – Horário da Sala dos 4 anos – A Formiguinha

 Distribuição das Atividades do Pré-Escolar do grupo dos 4 Anos Ano letivo 2011/2012					
Hora	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
9:00	<ul style="list-style-type: none"> Conversa no tapete e história do dia Área da linguagem oral e abordagem e à escrita Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Conversa no tapete e história do dia Área da matemática Tecnologias de Informação e comunicação (TIC) Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Conversa no tapete e história do dia Área de expressão / comunicação: -Domínio da expressão motora Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Conversa no tapete e história do dia Área da matemática Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Conversa no tapete e história do dia Área do conhecimento do mundo Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala
11:30	<ul style="list-style-type: none"> Higiene Almoço Higiene Recreio 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene Almoço Higiene Recreio 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene Almoço Higiene Recreio 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene Almoço Higiene Recreio 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene Almoço Higiene Recreio
14:00	<ul style="list-style-type: none"> Área de expressão / comunicação: - Domínio da expressão musical Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Área de expressão / comunicação: - Domínio da expressão dramática Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Área do conhecimento do mundo Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Área de expressão / comunicação: - Domínio da expressão plástica Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala 	<ul style="list-style-type: none"> Área da formação pessoal e social Exploração das diferentes áreas da sala Arrumação da sala
15:30	<ul style="list-style-type: none"> Higiene 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene 	<ul style="list-style-type: none"> Higiene
15:45	<ul style="list-style-type: none"> Lanche 	<ul style="list-style-type: none"> Lanche 	<ul style="list-style-type: none"> Lanche 	<ul style="list-style-type: none"> Lanche 	<ul style="list-style-type: none"> Lanche
16:30	Atividades Livres		<ul style="list-style-type: none"> Visionamento de um filme 	Atividades Livres	
Observações: As áreas curriculares deverão ser abordadas de uma forma globalizante e integrada.					

1.6.5. Relato semanal

Porque as rotinas deste Jardim-de-Infância foram todos os dias muito semelhantes, não relatei diariamente, mas optei por apostar a semana de uma forma geral.

A rotina é semelhante à do Jardim-Escola João de Deus, no entanto a metodologia utilizada não envolve o uso regular de materiais manipulativos para a área de Domínio da Matemática nos mesmos moldes. Não existem na escola muitos dos materiais e torna-se um pouco diferente a forma como se leciona. Paralelamente às atividades que adotam ao longo da semana e que são de caráter diversificado (por exemplo experiências e leitura de histórias) utilizam um manual escolar indicado para a faixa etária. Todos os dias os alunos realizaram tarefas do livro. Com base neste manual a educadora segue um plano de estudos. Salienta-se neste caso e nesta sala em especial a utilização de material alternativo existente na escola e por vezes elaborado pela docente. Recorre-se para tal muitas vezes a material reciclável, como tampas de plástico para realizar contagens matemáticas. São trabalhados materiais, para o grupo e por vezes a pares. A educadora também utilizou jogos didáticos, dividindo a turma em grupos.

A educadora fez frequentemente visitas à biblioteca da escola, onde contou histórias diversificadas.

Existe um dia em que a tarde é dedicada ao cinema. Nesse dia visualizam um filme escolhido pela educadora.

As atividades não curriculares são na sua maioria da parte da tarde.

Inferências / fundamentação teórica

Constatei que as aulas são dinâmicas e a turma mantém durante os tempos de atividades, muita concentração.

A “casinha” é um espaço especial para todas as crianças, porque é o reflexo da organização da vida familiar e das relações entre os vários elementos com quem se convive diariamente. As noções de divisão de tarefas e partilha de espaços, de entreajuda, solidariedade, respeito mútuo, são valores que podem ser inculcados nas crianças desde muito cedo através das atividades que aí forem realizadas. Os hábitos e normas de higiene, de uma alimentação saudável e de segurança poderão ser desenvolvidos a partir deste espaço. Como refere Zabalza (2000), “tudo o que a criança faz/aprende sucede num ambiente, num espaço cujas características afectam a conduta ou a aprendizagem” (p.121).

A biblioteca é um espaço diferente. É talvez uma das melhores formas de levar as crianças à leitura e motivá-las a ler. De acordo com Vilhena e Silva (2002),

A mudança de espaço físico é muitíssimo importante. Se ficarem na sala em que levam a cabo as actividades curriculares, quer as crianças, quer os adultos, serão com muito mais facilidade levados a repetir tudo o que foi feito durante o dia – actividades, modo de estar. Mudar de espaço e materiais (livros, jogos, brinquedos e outros), permite aos profissionais e às crianças estarem mais aptos a recriar uma outra dinâmica. (p.18)

1.7. 6.ª Secção: Bibe Encarnado A – Estrela e Albarraque

1.7.1. Local e data de estágio

Após uma paragem iniciei mais um momento de estágio. Contudo, esta secção apresenta apenas quatro dias de estágio realizados no Bibe Encarnado do dia 9 de maio ao dia 23 de maio. Este estágio aconteceu no JEJD da Estrela (segunda-feira) e no JEJD de Albarraque (terça-feira). Os pontos que se seguem estão identificados atendendo à ordem cronológica destes dias, designando o JEJD em que me encontrava.

1.7.2. Caracterização da turma (Bibe Encarnado A Estrela)

A turma é composta por vinte e oito crianças, quinze do sexo feminino treze masculino. Cerca de quatro iniciaram o ano letivo com três anos. Demonstam interesse e motivação nas aprendizagens.

1.7.3. Caracterização do espaço (JEJD-Estrela)

O espaço destinado para este Bibe é o salão do Jardim-Escola. Este é destinado a duas turmas, sendo o espaço separado por uma divisão, tipo biombo. Segundo Spodek e Saracho (1998), “uma separação adequada entre as áreas de atividade é importante para que não haja interferências no trabalho das crianças; podem-se utilizar barreiras tanto físicas como visuais” (p.126). O salão possui cinco mesas com capacidade para seis crianças cada. As cadeiras de cor, conforme as mesas: umas são amarelas, outras encarnadas, outras azuis e outras têm uma cadeira de cada cor identificada pelas crianças como a mesa das cores.

O salão funciona para ambas as turmas e simultaneamente é utilizado para o acolhimento das crianças no período da manhã. Todo o pré-escolar e todo o 1.º ciclo são recebidos nesta área quando o tempo meteorológico não permite que este aconteça no exterior. Durante o decorrer do meu estágio neste Jardim-Escola nunca assisti ao acolhimento neste mesmo salão, o que se justifica com o bom tempo que se fez sentir durante a época relatada. Segundo as OCEPE (1997), “O espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças” (p.39).

Também é relevante mencionar que este espaço se transforma em refeitório na hora do almoço. Assim, espaço e equipamento são aproveitados com maior eficácia de forma a conceder maior mobilidade e disponibilidade dos espaços que atempada e organizadamente se altera. Tal opção deve-se a todo um trabalho administrativo e estratégico bem-sucedido.

1.7.4. Horário (Bibe Encarnado A Estrela)

Os horários que se seguem (Quadro 6 e 7) dizem respeito às atividades curriculares e não curriculares do Bibe Encarnado A do Jardim-Escola da Estrela, onde estive dois dias. E do Bibe Encarnado do Jardim-Escola de Albarraque A, iniciado nesta altura e mantendo-se durante o próximo momento pelos motivos já referidos.

Quadro 6 – Horário do Bibe Encarnado A - Estrela

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento no salão				
9:30	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10:00/10:30	Educação Física		Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Educação Musical
10:30/11:00	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Modelagem /Dobragens	Iniciação à Matemática	Educação Física	Informática /Biblioteca
11:30				Conhecimento do Mundo	
12h/13h	Almoço				
13h/14h30	Recreio				
14:30	Desenho / Corte / Colagem	Trabalho de Grupo	Dramatização /Fantoches	Pintura /Desenho	Estimulação à Leitura
15:00			Desenhos de Série /Grafismos		Assembleia de Alunos
16:00	Jogos livres de desenvolvimento da motricidade global				
16:30	Lanche				
17:00	Saída				
Horário sujeito a alterações					

1.7.5. Caracterização da turma (Bibe Encarnado A Albarraque)

A turma do Bibe Encarnado A é composta por vinte e cinco alunos, onze dos quais são do sexo masculino sendo as restantes do sexo feminino. Todos têm idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos. Neste grupo destacam-se ainda duas crianças do sexo feminino com alguma falta de concentração, que não interferem no bom funcionamento do grupo.

Segundo informações prestadas pela educadora, estas crianças pertencem maioritariamente a um nível socioeconómico médio/baixo e os seus pais possuem, na sua maioria, formação académica.

1.7.6. Caracterização do espaço (Bibe Encarnado A Albarraque)

A caracterização do espaço do Bibe Encarnado foi descrita na secção 2 no ponto 1.2.3, uma vez que o espaço físico é comum a dois grupos.

1.7.7. Horário (Bibe Encarnado A Albarraque)

O estágio foi agora com a turma A. O Quadro 7 apresenta o horário da turma, em que estagiei às terças-feiras.

Quadro 7 – Horário do Bibe Encarnado A - Albarraque

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento – Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10:30	Recreio				
11:00	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
11:30	Consolidação da matéria dada		Educação pelo Movimento	Inglês	Iniciação à Matemática
12:00	Jogos Orientados	Cidadania	Estimulação à Leitura / Jogos Tampo de Mesa	Jogos de mesa	Estimulação à Leitura / Jogos Tampo de Mesa
13:00	Almoço e recreio				
14:45	Música	Expressão Plástica	Experiências /Registo das Experiências	Expressão Plástica	Expressão Plástica
15:30	Expressão Plástica				
16:00	Relembrar o nosso dia				
16:30	Lanche				

1.7.8. Relatos diários

Segunda-feira, 09 de maio de 2011- JEJD- Estrela

A educadora organizou a forma como pretendia que as crianças se sentassem, por filas. Começou por estabelecer um diálogo, questionando-as sobre o seu fim de semana. Depois de ter escutado as crianças partilhou também as suas experiências.

Posteriormente pediu às crianças que se dirigissem para os seus lugares, na área das mesas, e realizaram tarefas relacionadas com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Inferências e fundamentação teórica

Através do diálogo a educadora fomentou o desenvolvimento pessoal e social das crianças. De acordo com as OCEPE (1997),

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (pp.66-67)

Terça-feira 10 de maio de 2011- JEJD- Albarraque

Nesta manhã destaca-se uma aula de palhinhas dada pela educadora onde foram feitas contagens com este material não estruturado. Também trabalhou conceitos como meia dezena e uma dezena. Pediu para fazerem conjuntos, primeiro com uma dezena e depois para juntarem o seu conjunto com o do amigo do lado. Ao longo da atividade também estabeleceu a diferença entre par e ímpar, recorrendo ao mesmo material.

Durante a manhã ainda, a educadora contou a história do *Sapo Apaixonado*, as crianças sentaram-se nas almofadas a ouvir e mais tarde realizaram um desenho sobre a história. Esta atividade foi realizada com ambas as turmas uma vez que por alguns momentos a educadora do outro grupo esteve ausente.

Decorreu a hora do almoço e o respetivo intervalo.

Da parte da tarde estiveram a fazer entrelaçamentos com fitas de papel.

Inferências e fundamentação teórica

As palhinhas fazem parte de um material não estruturado, mas muito utilizado para as aulas de matemática.

No entanto vou debruçar-me num outro aspeto que me suscitou interesse no decorrer desta aula, o trabalho entre pares. Segundo Papalia *et al.* (2001), “fazer coisas com os pares beneficia as crianças de múltiplas maneiras. Desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade (...) aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras” (p.484). Durante esta aula houve tempo para isso mesmo, na troca de palhinhas, onde se envolveram e por vezes tiveram de partilhar com o seu par as palhinhas que a educadora mencionava. Desta forma estavam naturalmente a consolidar exercícios, mas também a desenvolver noções de partilha. Pois tão depressa ficavam com a mão cheia de palhinhas, como também as tinham de dar ao seu parceiro.

A opção da leitura da história surgiu no momento em que foi necessário assegurar os dois grupos de forma correta. Não estava planeada esta atividade, mas com alguma capacidade de improviso e uma longa experiência, a educadora conseguiu proporcionar bons momentos de leitura. Estabelecendo igualmente uma relação de envolvimento nas aprendizagens, as OCEPE (1997) referem o seguinte:

(...) as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler. (p.7)

Segunda-feira, 16 de maio de 2011 - JEJD - Estrela

A manhã foi essencialmente marcada por duas aulas “surpresa” pedidas às colegas de mestrado que já estavam a realizar o estágio no presente bibe.

Assim foi entregue um livro à minha colega para que preparasse em 5 minutos uma estimulação e dinamização da história. Assim, após uma breve leitura, a colega pediu às crianças para se sentarem e iniciou a história. As crianças mantiveram-se atentas e estavam com interesse, existindo pontualmente algum burburinho. A seguir comeram uma bolacha numa breve pausa para descontrair.

Uma outra colega iniciou também uma aula surpresa, dentro da área Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita em que realizou um jogo com as vogais. Tinha dentro de uma caixa cartões com as vogais escritas em *letra bicuda* e à medida que as crianças iam tirando uma letra pedia-lhes para pensarem em palavras que tivessem o som da vogal. Este jogo foi realizado no salão e também decorreu com disciplina, no entanto a estagiária teve necessidade de recorrer várias vezes ao retorno à calma.

Cada uma das aulas cumpriu a duração prevista, cerca de 20 minutos cada.

Ainda durante a manhã os alunos do Bibe Encarnado tiveram ginástica, como está previsto no horário. A aula foi dada pela professora de ginástica e essencialmente fizeram corrida e exercícios acompanhados de música durante toda a aula.

De tarde os dois Bibes Encarnados ficaram no salão, havia sido combinado com a mãe de um menino a leitura de uma história para as duas turmas. Depois de ler o livro a mãe optou por fazer um jogo utilizando tampas de iogurte com o nome de todos os meninos e meninas. Estavam feitas quatro equipas, no entanto o número de elementos era muito grande e como a mãe teve

alguma dificuldade em fazer-se ouvir, ouve bastante dispersão. As educadoras ajudaram a mãe do menino a manter a disciplina.

Fica o tipo de iniciativa, pois o projeto família é nesta idade muito importante para cada criança.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo da história contada pela colega de estágio, foram apesar do seu nervosismo, conseguidos momentos importantes para as crianças no que diz respeito à leitura de uma história. De acordo com Cury (2004) “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que mude de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p.94). A colega fê-lo na perfeição, em minha opinião.

Quanto à atividade feita pela mãe, pareceu-me muito interessante e pedagógica, mesmo apesar de alguma confusão devido ao entusiasmo e também por se aproximar a hora do lanche. Como nos diz Vilhena e Silva (2002)

Nestas horas em que, por princípio, existe menos tensão que na rápida entrega da manhã, será importante que haja disponibilidade para os pais conhecerem melhor a instituição onde o seu filho passa grande parte dos seus dias, estando, conversando, participando activamente. (p. 20)

Terça-feira, 17 de maio de 2011 - JEJD - Albarraque

Observei uma aula com material Cuisenaire, onde a turma do Bibe Encarnado realizou a escada por valores, seguida da sua leitura por cores. Os alunos construíram nas mesas a escada por ordem crescente, fizeram também a leitura por ordem decrescente. Posteriormente terminaram alguns trabalhos que tinham pendentes.

Após o intervalo da hora de almoço, deslocaram-se até à sala da televisão onde foi explorado o tema: répteis. A educadora trouxe uma tartaruga para as crianças observarem. Viram como se deslocava na água e no chão. Viram também a sua comida e ainda assistiram a um vídeo sobre as tartarugas. Foi-lhes mostrado como nascem e como começam a sua vida.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula sobre os répteis foram proporcionados momentos de bastante interesse uma vez que tinham um exemplar verdadeiro para poderem perceber as características da tartaruga. Este tipo de atividades é referido nas OCEPE (1997) onde se explicita que a criança deve conhecer alguns

aspectos relativos à biologia, como por exemplo, conhecer os órgãos do corpo, dos animais, do seu habitat e costumes. Ainda de acordo com as OCEPE numa referência à área do Conhecimento do Mundo

O que parece essencial neste domínio, quaisquer que sejam os assuntos abordados e o seu desenvolvimento, são os aspectos que se relacionam com os processos de aprender: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, curiosidade de saber, a atitude crítica. (p.85)

Segunda-feira, 23 de maio de 2011 - ESEJD

Hoje tivemos reunião na Escola Superior de Educação com o objetivo de divulgação das avaliações do momento anterior de estágio realizado na Unidade Curricular de Prática Pedagógica II, bem como a relação de faltas referentes ao Mestrado em Pré-Escolar e Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

A reunião teve início às 10 horas e terminou às 14 horas.

Ainda neste dia foi realizado algum estágio profissional. Houve uma alteração na faixa etária em que iria realizar o restante estágio. Assim passei para o Bibe Azul, que fui conhecer logo nesse dia. Conversei um pouco com a educadora, marcando já algumas atividades. Recolhi informações sobre os temas a serem explorados para esta altura do ano.

Inferências e fundamentação teórica

O estágio constituiu um dos pontos fortes na formação, pois fundamentou os requisitos para uma boa prática profissional. Esta fase foi bastante exigente, porém, a experiência de organização, gestão e avaliação das várias atividades em consonância com uma relação afetiva e humana permanentes revelaram-se medidas atenuantes e dinamizadoras que nestas reuniões de avaliação eram muitas vezes debatidas.

1.8. 7.ª Secção: Bibe Encarnado A - Albarraque e Bibe Azul B - Estrela

Apresento a turma do Bibe Azul B (Estrela) turma com quem mantive mais contacto e onde realizei a minha Prova de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP).

1.8.1. Local e data do estágio

Este último momento decorreu a partir do dia 24 de maio até ao dia 28 de junho de 2011, data estabelecida para a finalização dos relatos diários. Este estágio foi excecionalmente autorizado a ser feito entre os dois Jardins-Escolas já referidos.

1.8.2. Caraterização da turma

No Jardim-Escola da Estrela, a turma do Bibe Azul B é composta por vinte e oito crianças, quinze do sexo feminino das quais quatro têm quatro anos e onze têm cinco anos e treze do sexo masculino das quais seis têm quatro anos e sete têm cinco anos. Três destas crianças frequentam pela primeira vez o Jardim-Escola João de Deus.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. A nível afetivo-emocional a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

De uma forma geral as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, interessadas e colaborativas.

No que se refere à capacidade de concentração, este grupo concentra-se com alguma facilidade e é habitualmente impassível aos ruídos e estímulos exteriores. No entanto, existem algumas crianças que revelam dificuldades em concentrar a atenção. Este grupo de crianças é bastante calmo, principalmente em contexto de sala de aula.

Em relação aos aspetos cognitivos este grupo demonstra estar estimulado e incentivado para realizar os seus trabalhos. Na maioria, são crianças organizadas, cuidadosas na apresentação e arrumação dos seus trabalhos, possuindo boa capacidade de memorização e retenção da informação e um razoável cálculo mental.

1.8.3. Caracterização do espaço

A sala situa-se no piso inferior do Jardim-Escola. É espaçosa, mas as mesas e cadeiras ocupam grande parte do espaço. Tem catorze mesas duplas com forma retangular. Tem uma boa iluminação natural. Possui um quadro de ardósia e também um de cortiça para afixar trabalhos. Os cabides das crianças situam-se por baixo do quadro de cortiça. Existe grande variedade de materiais, armários com livros - que podem utilizar para ler - alguns puzzles e jogos. Da parte de fora da sala existem duas floreiras com plantas que as crianças cuidam, estabelecendo um contacto com a natureza. Ainda neste espaço existe uma casa de banho utilizada para ambas as turmas de Bibe Azul.

1.8.4. Horário

O horário apresentado (Quadro 8) respeita às atividades do Bibe Azul B do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quadro 8 – Horário do Bibe Azul B - Estrela

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento no salão				
9:30	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10:00	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10:30	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio	Recreio	Recreio
11:00	Conhecimento do Mundo	Recreio	Informática / Biblioteca	Aula de Ginástica	Conhecimento do Mundo
11:30	Dobragens / Fitas	Matemática (material)	Informática / Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Aula de Música
12h/13h	Almoço				
13h/14h30	Recreio				
14:30	Matemática (material)	Matemática (escrita)	Matemática (material)	Desenho / Pintura	Matemática (material)
15:00	Aula de Inglês (início às 15h20)	Pintura / Modelagem	Histórias / Lengas-Lengas / Destrava-Línguas	Matemática (escrita)	Dobragens / Fitas
15:30	Aula de Inglês (termina às 16h10)	Desenho de Série	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Matemática
16:00	Histórias / Lengas-Lengas / Destrava-Línguas	Dramatização	Matemática (escrita)	Pintura / Modelagem	Assembleia de Grupo
16:30/17h	Lanche / Saída				

Após a apresentação do horário são expostos os relatos diários sob uma perspetiva cronológica, em que identifico a data e o JEJD onde decorreram as minhas práticas, de modo a facilitar a sua leitura e compreensão.

1.8.5. Relatos diários

Terça-feira, 24 de maio de 2011 - JEJD - Albarraque

A manhã começou com uma atividade de matemática dada pela educadora, que trabalhou os 3.º e 4.º Dons de Fröbel. Alguns alunos distribuíram o material silenciosamente aguardando as indicações da educadora.

Utilizou para contextualizar uma história, os alunos representaram a “ponte pequena”, utilizando as duas caixas que tinham ao seu dispor. Ajudei sempre que necessário uma ou outra criança com mais dificuldade. Foram colocados uns carrinhos e trabalhou conceitos de lateralidade, adição e subtração. Solicitou que realizassem a “escadaria” e por fim executaram o “banco do jardim”, em que trabalharam o raciocínio de forma abstrata.

Para esta tarde preparei uma aula de revisão de Conhecimento do Mundo, baseada no tema: mamíferos. Elaborei um plano de aula com objetivo de explorar as principais características de um animal, “o hamster”, o seu habitat e a sua alimentação.

A aula foi realizada na sala da televisão do Jardim-Escola. Pedi às crianças que se sentassem em semicírculo, de modo a todas visualizarem o material. As crianças participaram sempre na atividade, quer na preparação da gaiola e ninho, como também na entrega da comida.

Inferências e fundamentação teórica

O interesse e expectativa foram grandes por parte das crianças que colaboraram desde o primeiro instante com o que lhes era solicitado. O hamster andou no chão e houve oportunidade de lhe tocarem. A oportunidade de levar um hamster para que as crianças pudessem ter contacto com um animal mamífero talvez um pouco diferente daqueles que se costumam falar, proporcionou na minha opinião uma experiência significativa. Como exemplo disso diz-nos Formosinho (1998, citando Vasconcelos 1994, p.83)

(...) a cultura envolvente entra ainda na sala como realidade social que, por ser para a criança tão “natural”, possibilita projetos, experiências e actividades significativas, através dos quais a educadora pode promover “experiências-chave “ para o desenvolvimento da criança (...) o projecto da horta, dos animais da quinta, do pão, da azeitona, da castanha, das raças, do coelho, do hamster permite à criança aprender a desenvolver-se.

Segunda-feira, 30 de maio de 2011 - JEJD - Estrela

Uma colega de estágio tinha agendado para este dia uma manhã com o tema meios de transporte e dentro deste mesmo tema, falou especificamente do “barco”. Iniciou com estimulação à leitura, onde leu a história: *O Ratinho Marinheiro* de Luísa Ducla Soares. Para que a turma ouvisse a história pediu que se sentassem no chão e colocou-se estrategicamente numa posição para que todos vissem as imagens do livro e a ouvissem. De seguida e após a interpretação da história, pediu para o grupo se sentar nos seus lugares habituais e distribuiu uma ficha e palavras soltas. Explicou e orientou o exercício que pretendia que realizassem.

No Domínio da Matemática utilizou os Calculadores Multibásicos. Trabalhou a adição e distribuiu uma ficha de exercícios às crianças.

Na área de Conhecimento do Mundo usou várias imagens, onde se podia observar a evolução e os vários tipos de embarcações ao longo dos tempos. Colocou sempre as imagens em exposição para que as crianças fossem observando e memorizando.

A colega havia planeado mais uma atividade, a construção de um *origami*, com colagem numa folha que tinha as orientações quanto ao local onde iria ser colada. No entanto devido à falta de tempo, não conseguiu fazer essa atividade. Mais tarde, como a colega tinha o estágio terminado e eu realizava estágio da parte da tarde, iniciei o meu contacto com este grupo pela primeira vez, terminando o *origami* que tinham iniciado.

Houve aula de Inglês.

Depois do lanche, houve tempo para cantar e fazer jogos de rua.

Inferências e fundamentação teórica

Este é o dia em que a turma tem inglês com uma professora diferente. As crianças permanecem na sala com a professora e a educadora ausenta-se. Como fiquei a assistir, estive a observar o comportamento da turma, que não foi comparável ao que têm quando estão com a educadora titular. Notou-se algum desinteresse nas crianças e a motivação para ultrapassar o mesmo não se fez sentir durante toda a aula. Em parte interpretei este comportamento como consequência da forma de lecionar da professora. De acordo com Bzuneck (2001), “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem” (p. 13).

Motivar o aluno requer, por parte do educador, uma planificação cuidada de todas as atividades a desenvolver, para evitar “tempos mortos” e falta de ritmo entre as várias sequências de cada atividade, torna-se necessário que o educador forneça estímulos para promover a aprendizagem e envolva os alunos com dinamismo. Considero que foi mesmo esta falta de dinamismo que levou a um desinteresse notório por parte da turma, nesta aula de Inglês.

Terça-feira, 31 de maio de 2011 JEJD - Albarraque

Com vista a comemorar o Dia Mundial da Criança, a educadora realizou com as crianças uma t-shirt para vestirem no dia 1 de junho. Pediu-me para que escrevesse o nome das crianças em todas as t-shirts e também: “Dia Mundial da Criança”.

Da parte da tarde e após o recreio da hora de almoço, estive também a ajudar a educadora a arrumar alguns trabalhos nas capas dos alunos.

Colaborei na elaboração de uma ficha de trabalho de Cuisenaire, onde tinham de pintar itinerários.

Inferências e fundamentação teórica

Foi com grande satisfação e empenho que escrevi a frase “Dia Mundial da Criança” em todas as *t-shirts*. Este é um dia sempre especial. Na escola é também celebrado de forma particular, pois elas são o “mundo” de todas as educadoras. Embora todos os dias sejam especiais, este dia é sentido com outra alegria.

Ao escrever o relato deste dia, pareceu-me pertinente deixar algumas inferências relativas ao Dia Mundial da Criança, no seu contexto histórico e valorativo. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) (1959), que escreveu e aprovou a “Declaração dos Direitos da Criança”, apresento, de forma resumida no Quadro que se segue (Quadro 9), os seus princípios que considero de grande importância, constituindo para qualquer educador um documento de leitura recomendado e devidamente interpretado.

Quadro 9 - Direitos da Criança

1. Todas as crianças têm direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
2. Todas as crianças têm direito a especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social.
3. Todas as crianças têm direito a um nome e a uma nacionalidade.
4. Todas as crianças têm direito à alimentação, habitação e assistência médica adequadas.
5. Todas as crianças têm direito à educação e a cuidados especiais para as crianças física ou mentalmente deficientes.
6. Todas as crianças têm direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
7. Todas as crianças têm direito a ter educação gratuita e tempo livre (lazer).
8. Todas as crianças têm direito a ser socorridas em primeiro lugar, em caso de acidentes, catástrofes...
9. Todas as crianças têm direito a ser protegidas contra o abandono e a exploração no trabalho.
10. Todas as crianças têm direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Ainda de acordo com as declarações do documento, considero esta finalização pertinente: “Se tudo isto for cumprido, no futuro a criança poderá viver e crescer em sociedade muito mais feliz!”

Segunda-feira, 06 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

Aula sobre os tipos de comunicação, nomeadamente “o jornal”, planeada por uma estagiária de mestrado.

Durante esta aula a colega deu a conhecer o que são os jornais e os vários tipos de jornais que se podem comprar, bem como a forma de apresentação das notícias. Como atividade, a estagiária propôs a construção de uma capa de jornal.

O alarme do Jardim-Escola começou a tocar. Saíram todas as crianças pela porta que dá acesso direto ao recreio e de seguida todas as estagiárias e educadoras acompanhando sempre as crianças. Entretanto foi-nos dito que apenas se tratava de um simulacro. Continuámos junto dos meninos, que se sentaram no chão cantando algumas canções. Este simulacro durou aproximadamente 40 minutos. Quando regressaram à sala de aula, terminaram-se os trabalhos já iniciados.

Ainda na área de estimulação à leitura foi projetada uma história em suporte digital (*powerpoint*).

No momento seguinte, a estagiária começou com uma atividade do Domínio da Matemática, o material utilizado foi Cuisenaire e realizou percursos. Com história, foram dadas as indicações e criadas situações de cálculo mental. Como auxiliares de apoio à sua aula optou por colocar uma folha em grande no quadro e distribuiu aos alunos uma ficha igual em tamanho A4.

De tarde houve uma aula dada por mim. Em primeiro lugar optei por iniciar com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com o tema “a água”. Construí um poema em cartões plastificados, cada cartão tinha uma palavra, cada aluno ficou com um cartão e tentou ler a sua palavra, caso não conseguisse era ajudado. Havia indicações numéricas que auxiliavam quem seria o próximo a ler.

Relativamente à atividade do Domínio da Matemática, o material utilizado foram os Dons de Fröbel, mais concretamente o 3.º e 4.º Dons. A construção proposta foi a ponte baixa, contextualizada numa história, em que o material de apoio à atividade foram “peixinhos” em papel plastificados. À medida que contava a história, eram colocadas algumas situações problemáticas, resolvidas pelas crianças com o material distribuído. Realizaram também a construção da camioneta, e resolveram uma situação problemática no quadro.

Na área do Conhecimento do Mundo falei da poluição da água, nomeadamente algumas medidas a ter em conta para que não haja poluição. Para que melhor constatassem as consequências da água poluída com óleo, foi realizada uma atividade experimental (Figura 9), em que leram as instruções e efetuaram as comparações.

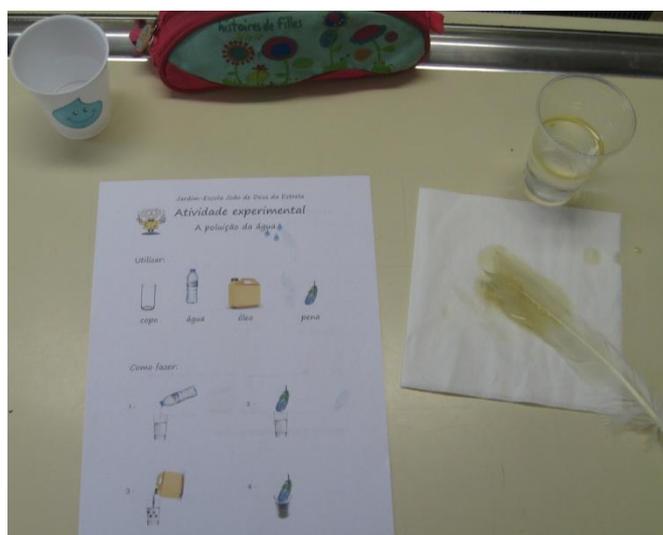


Figura 9 – Atividade experimental da pena

Inferências e fundamentação teórica

Presenciar o simulacro de incêndio na Escola foi mais uma experiência com grande relevância para mim, e decerto terá sido também para todas as crianças que tiveram a mesma oportunidade, sendo este tipo de iniciativas enriquecedoras para o desenvolvimento infantil.

Nos primeiros instantes todos ficámos na expectativa do que estava a acontecer, pensámos que nada de grave poderia ser, mas de facto não parou de tocar. Calmamente a educadora titular de turma informou que a indicação era sair para o exterior com os meninos, pois era um alarme de incêndio. A educadora tinha como função em caso de incêndio voltar atrás para se certificar que todas as crianças estariam fora do edifício e foi desta forma que atuou, como se nada de muito diferente estivesse a acontecer.

Todas as pessoas saíram do edifício do Jardim-Escola e foram os bombeiros que entraram equipados de todo o material necessário para uma real intervenção. Também a avenida que fica em frente ao recinto da escola estava sob a vigilância da Polícia de Segurança Pública e até o trânsito foi condicionado. Após a chegada de uma viatura do Instituto Nacional de Emergência Médica houve alguma expectativa, porém foi ao verem uma funcionária da instituição a ser transportada numa maca, tomaram consciência de que aquele aparato não seria verídico, devido à forma como a funcionária estava a ser transportada e alegremente lhes dizia que estava tudo bem.

Terça-feira, 07 de junho de 2011 - JEJD - Albarraque

O acolhimento foi realizado como sempre, com as habituais canções de roda. Todas as educadoras cantam com as crianças que se colocam de forma organizada por Bibes. Após o término das canções, como no dia anterior tinham ido a uma visita de estudo, e uma vez que a educadora não tinha acompanhado o grupo, perguntou como correu o comportamento do seu grupo dialogando um pouco com as crianças.

Foi solicitado a dois meninos que ajudassem a distribuir o material Cuisenaire pelas mesas. Foram lembradas as regras de utilização, as cores e os valores. A utilidade da peça branca e quanto vale. A questão de partida colocada pela educadora foi: “ *Qual é a peça de maior valor absoluto? R: Laranja.* “ *Quanto vale? R:10 valores.* “ *É par ou ímpar? R: Par*”. E a partir deste raciocínio pede para as crianças realizarem a escala decrescente por valores ímpares. No decorrer da manhã foram realizados vários exercícios tendo como apoio o material Cuisenaire.

Inferências e fundamentação teórica

As canções como forma de acolhimento das crianças despertam para um ambiente harmonioso, proporcionando momentos de atividades lúdicas e estabelecem também uma relação entre a expressão musical e o sentido das palavras. Shaefer (s.d., citado por Maluf, 2004) refere que “As atividades lúdicas promovem ou restabelecem o bem-estar psicológico da criança. No contexto de desenvolvimento social da criança é parte do repertório infantil e integra dimensões da interação humana” (p.1). São estas atividades importantes também segundo o mesmo autor que despertam na criança “desenvolvimento de várias habilidades proporcionando à criança divertimento harmonioso, autocontrole e autorrealização” (p.1).

Terça-feira, 14 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

A manhã deste dia foi passada no ginásio do Jardim-Escola, onde se encontraram as turmas do Bibe Amarelo, Encarnado e Azul. Acompanhados pelas educadoras e estagiárias os alunos ocuparam o chão do ginásio de forma crescente. Em primeiro o Bibe Amarelo, depois o Encarnado e de seguida o Azul.

A sua deslocação tinha como objetivo assistir ao conto de uma história pela escritora convidada, Laura Rodrigues. Esta começou por se apresentar e também apresentou o seu novo livro que tem o título “ *Caiu um dente ao Dragão*” que trata a temática da higiene oral. As crianças estiveram participativas e ouviram atentamente a história. No final a escritora autografou alguns livros que foram adquiridos pelos alunos.

A seguir, acompanhei a educadora na entrega das crianças ao professor de Educação Física.

Da parte da tarde o estágio decorreu com as habituais atividades: houve aula de inglês, na qual os alunos estiveram a realizar exercícios do livro com o apoio de um CD de canções.

Inferências e fundamentação teórica

Os encontros de alunos com os autores, que são já uma prática muito frequente em escolas e bibliotecas, podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura. De acordo com Marques (1991), “A leitura frequente de livros de histórias por parte do Educador é uma maneira apropriada para estimular o desenvolvimento de competências literárias nas crianças” (p.34).

A escritora após ter lido o seu livro em voz alta, estabeleceu um diálogo com as crianças sobre a história que tinha contado, desenvolvendo também o tema ligado à higiene oral. Pedindo a opinião face a certos acontecimentos da história. Como refere Sim-Sim (2002), “a leitura em voz alta para a criança e o dialogar com ela sobre o que se leu são experiências de interação verbal que contribuirão grandemente para o desenvolvimento linguístico do aprendiz de leitor” (p.22). Ainda a mesma autora (2007), explica que fazer várias leituras ajuda as crianças na sua aprendizagem, “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem de ser objeto de uma aprendizagem formal” (p.141).

Sexta-feira, 17 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

Este foi o primeiro dia de Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP). Assisti à Prova de duas colegas da minha turma. A primeira foi no Bibe Encarnado, com o tema animais da quinta. Em particular abordou o coelho e o pato. Levou os animais para a sala e as crianças mantiveram contacto com eles, tendo a aula de Conhecimento do Mundo abrangido as características destes animais.

Contou uma história introduzindo vocabulário e sons relacionados com o tema, para a área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Solicitou a colaboração das crianças para descobrirem pistas que se encontravam no interior de caixas (com rimas, adivinhas, sons e fantoches) dispostas no chão da sala. Ao longo da atividade cantou uma canção que ia completando com o que se descobria em cada caixa.

Para o jogo construiu material que deu às crianças para utilizarem como identificação das equipas. Cada equipa colaborou na construção do seu puzzle, ganhando quem terminasse primeiro.

A aula que assisti posteriormente teve como tema “ a plasticina”.

A colega realizou a sua PPACP com o mesmo grupo de crianças com o qual eu estava a estagiar. Seguindo uma receita as crianças fizeram plasticina e de seguida moldaram letras.

Na área de Domínio da Matemática exploraram a calculadora Papy, conheceram as regras de utilização e aplicaram-nas de seguida.

Inferências e fundamentação teórica

Ambas as aulas foram dinâmicas e organizadas quanto ao espaço e tempo estipulados.

Em relação à primeira aula, o facto de haver um envolvimento com os animais acrescentou-lhe interesse.

Na aula da segunda colega tudo estava igualmente preparado e conduziu os seus objetivos com êxito, especialmente na parte da realização de plasticina pelas crianças. Também no Domínio da Matemática, penso que foi inovadora e explícita na abordagem e concretização dos conteúdos.

Terça-feira, 21 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

Depois do acolhimento, das canções de roda e da ida à casa de banho, a turma deslocou-se para a sala onde estiveram a fazer uma breve leitura de palavras. A educadora escreveu no quadro um texto e ocuparam algum tempo da manhã nesta atividade.

Hoje foi dia de Educação Física e o grupo devidamente equipado dirigiu-se para o ginásio da Escola Superior de Educação que se situa mesmo ao lado. Assisti à aula dada pelo professor Serrano, dedicada à corrida. No final o professor efetuou uma chamada presencial, para que individualmente criasse um contato direto com a criança e o seu nome de modo a verificar e certificar a avaliação que já tinha realizado para cada aluno.

Para esta manhã ainda estava agendada outra atividade. Quando saíram do ginásio deslocaram-se para a sala do Museu João de Deus e puderam assistir à apresentação de um livro de António Sala, "*Histórias para os Avós Contarem aos Netos*" em que o autor leu a história: *O pássaro desnortado*.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de Expressão Física e Motora foi bastante dinâmica, presenciei momentos de grande divertimento na realização dos exercícios propostos. Segundo Spodek e Saracho (1998), "a educação dos movimentos ajuda as crianças a compreenderem a estrutura do movimento e a melhorarem as suas habilidades e a sua coordenação corporal" (p.372).

A dinâmica dos Jardins-Escolas João de Deus no que diz respeito ao seu projeto educativo, organiza-se de forma a promover atividades diversificadas. Uma vez mais a presença de um escritor, que lê para as crianças, comunica através de um contexto diferente da sala de aula e

proporciona momentos especiais trazendo perspectivas relevantes. Neste contexto também Pennac (1999), se refere ao futuro leitor como alguém que perante tais experiências

(...) continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o seu desejo de aprender em lugar de lhe imporem a obrigação de recitar, se o acompanharem no seu esforço sem esperarem contrapartidas, (...) se se recusarem a transformar em trabalho o que era um prazer, se mantiverem esse prazer até se transformar em rotina, se edificarem essa rotina sobre gratuidade de aprendizagem cultural, e se ele próprio descobrir o prazer dessa gratuidade. (p.53)

Segunda-feira, 27 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

O dia começou com mais Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), entre as quais a minha.

Comecei por ajudar a colega que antecedeu à minha prestação, na distribuição de material pelas mesas, ainda antes de chegarem as crianças e a Equipa de Supervisão Pedagógica.

O tema escolhido foi os dinossauros. No que respeita à estimulação à leitura, iniciou com uma história, em que efetuou um texto lacunar. Para Conhecimento do Mundo mostrou um vídeo e expandiu para as características da espécie, utilizando imagens em tamanho grande.

As crianças trabalharam o 3.º e 4.º Dons Fröbel, seguindo as etapas explicadas através de uma projeção no *datashow*, e executando-as na folha que tinham à sua frente com o referido material.

Após a colega ter terminado, por volta das 11h20 dei início à minha PPACP com o tema o “pombo-correio” que apresento no capítulo II deste relatório. Assim, decidi não fazer o relato da minha prova neste dia, pois serão fundamentados todos os pontos e momentos desta atividade. No entanto, ainda neste relato deixo o registo fotográfico (Figuras 10 e 11) de algumas ações no decorrer dessa aula.

No final de todas as provas terem terminado houve uma pequena reflexão com a Equipa de Supervisão Pedagógica que assistiu a cada prova. De seguida, já com toda as colegas estagiárias e todo o corpo docente da Prática Pedagógica, foi-nos atribuída a nota quantitativa da Prova.

Com um momento de avaliação ainda por fazer, da parte da tarde lecionei uma aula de segurança na praia. Com a apresentação de um *powerpoint* onde se trabalhou a leitura de palavras por parte das crianças com a minha ajuda, aplicando as regras da *Cartilha Maternal*, estabelecendo em toda a aula uma interdisciplinaridade.



Figura 10 – PPACP – Domínio da Matemática



Figura 11 – PPACP- Jogo

Inferências e fundamentação teórica

As PPACP envolveram quatro áreas para serem lecionadas em que atempadamente nos foram comunicadas as suas datas, bem como a sua duração: 1h 20m. Relativamente ao tema e conteúdos coube a cada um de nós a escolha daquilo que queríamos trabalhar e junto das educadoras cooperantes decidir o que seria adequado aplicar.

O facto de ser um momento de avaliação deixou-me um pouco mais ansiosa, como também aconteceu nos anteriores, no entanto estava segura e confiante de que apenas sentiria essa ansiedade no início, como realmente aconteceu. Saliento esta confiança dada pela educadora

cooperante que me guarneceu e acompanhou desde que fui sua estagiária e também à Equipa de Supervisão Pedagógica. Segundo Alarcão e Tavares (2003)

(...) o supervisor não será aquele que dá receitas de como fazer, mas aquele que cria junto do professor, com o professor e no professor um espírito de investigação-acção, um ambiente emocional positivo, humano, desencadeador do desenvolvimento das possibilidades do professor, pessoa e profissional. (p. 43)

Terça-feira, 28 de junho de 2011 - JEJD - Estrela

Este foi o último dia de estágio. Para as crianças também foi um dia de arrumação do seu material. Estivemos a colocar o material que sobrou de cada criança em sacos para que no final do dia o levassem para casa. Enquanto isso terminaram alguns trabalhos para também serem arquivados no seu *dossier*. Realizaram jogos cooperativos com as educadoras e estagiárias presentes, da parte da tarde realizei também um jogo sobre reciclagem.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia de atividades para este dia foi importante, uma vez que o dia anterior também para as crianças foi de alguma responsabilidade. O jogo leva-as a uma diversão e faz com que se libertem as energias. Para Huizinga (1996)

(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana. (p.33)

Realizar experiências com as crianças desde cedo é colocá-las em participação ativa com materiais, que permitem um conhecimento alargado sobre as matérias. Como refere Leite (2001) trabalho prático como, “o conceito mais geral e inclui todas as actividades que exigem que o aluno esteja activamente envolvido (...)” e também, manipular ou comparar o que se quer perceber através do trabalho experimental que “inclui actividades que envolvem controlo e manipulação de variáveis e que podem ser laboratoriais, de campo ou de outro tipo de actividades práticas” (p.80). Foi neste sentido que elaborei uma atividade prática com a turma, em que se envolveram desde o início até à recolha do material de forma muito disciplinada. Para Praia (1999, citado por Martins *et al.* 2007, p.38) “as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu desenvolvimento físico com o mundo exterior, aspeto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento”.

1.9. 8.ª Secção: Semana de estágio intensivo

1.9.1. Local e data de estágio

Esta semana de estágio diz respeito a uma semana intensiva no Bibe Azul B do JEJD da Estrela. Foi realizada para além do tempo estipulado para o estágio, no sentido de compensar as horas não presenciadas durante o meu período de ausência.

Este estágio teve início a 11 de julho de 2011 e terminou a 15 de julho de 2011, realizei um total de 40 horas de estágio.

Uma vez que este estágio decorreu numa turma identificada anteriormente na secção 7 (Bibe Azul B – JEJD da Estrela), não apresento os pontos referentes a essa caracterização. Concretizo uma síntese das minhas observações e participações com um relato semanal, uma vez que durante este período as crianças já se encontravam com rotinas diferentes por estarmos no final do ano letivo.

1.9.2. Relato Semanal

Antes de iniciar este relato semanal, pretendo esclarecer que por motivos de uma maior abrangência de experiências, a sua descrição poderá não ter um caráter tão objetivo como os relatos diários apresentados, dada a sua especificidade.

O acolhimento realizou-se ora no salão, ora no recinto exterior, com canções, mas com menos crianças no geral, o que permitiu uma organização diferente e por vezes agrupar crianças de diferentes idades. Nesta altura Não houve cumprimento do horário apresentado no Quadro 8 pelo facto de estarmos em período pós-letivo. Os dias foram passados de forma um pouco diferente, com menos tempo dedicado às atividades de sala de aula e mais tempo para atividades livres ou dirigidas, como jogos, visionamento de filmes, canções de roda, desenhos, etc.

Da parte da tarde as atividades foram igualmente sujeitas a uma diferente dinâmica, houve por vezes leitura de histórias, construções de lego, jogos de tabuleiro e também conversas de tapete.

As educadoras, organizaram algum trabalho referente a documentos e avaliações, organização dos dossiês dos alunos para serem entregues aos encarregados de educação.

Durante este estágio acompanhei as refeições das crianças (almoço e lanche) Conferi um inventário relacionado com o material existente na sala de aula e ajudei na verificação dos materiais para o ano seguinte.

Uma das áreas que consegui abordar quase diariamente foi o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitada pela educadora para ajudar os alunos na leitura de palavras e pequenos textos.

Nesta fase os alunos tendem a trazer de casa com mais frequência brinquedos e jogos. No entanto os jogos eletrônicos apenas eram autorizados para crianças do 1.º ciclo, com tempo estabelecido para tal.

Inferências e fundamentação teórica

Esta experiência, tal como todas as outras, foi importante para a minha formação. Sou da opinião que todos os contextos de acompanhamento com o grupo nos fazem aprender, e como tal, embora não fosse uma altura de aprendizagem para as crianças, mas sim de mais diversão, dá para termos uma perceção de vários tipos de comportamentos, que nos levam a tomar consciência de outras realidades. Estas são as realidades de uma escola que tem de estar preparada para ambas as necessidades, as de instruir e de promover a sociabilidade educativa.

Como forma de orientações para o educador, Hohmann e Weikart (1997) falam de algumas sugestões de estratégias a adotar pelo educador na organização do ambiente educativo e no desenvolvimento das ações pedagógicas. Estes autores referem, no âmbito daquilo a que chamam “iniciativa e relações interpessoais” nove experiências-chave que me parecem estar de acordo com a realidade que vivi neste momento de estágio, assim, segundo Hohmann e Weikart (1997.) as experiências-chave são:

(...) fazer e expressar escolhas e planos e tomar decisões; resolver problemas surgidos durante as brincadeiras; responsabilizar-se pelas suas próprias necessidades; expressar sentimentos através de palavras; participar nas rotinas do grupo; ser sensível aos sentimentos; interesses e necessidades dos outros; construir relações com as outras crianças e com os adultos; criar e experimentar jogos cooperativos; lidar com os conflitos interpessoais. (p.575)

Ao analisar cada uma destas ações podemos perceber a importância do educador, agir de forma coerente e responsável perante tudo o que é a Educação Pré-Escolar e compreender a importância do desenvolvimento global da criança.

Termino desta forma este capítulo, no qual apresentei a descrição dos relatos diários do estágio e realizei as inferências que me pareceram mais importantes. Foi importante a reflexão sobre as minhas ações e também sobre as práticas que observei.

De seguida apresento o segundo capítulo, onde exponho as planificações de algumas aulas relatadas no decorrer deste capítulo, bem como, mais pormenorizadamente as que correspondem à minha PPACP.

CAPÍTULO 2

Planificações

2. Breve descrição do capítulo

O presente capítulo é constituído por um enquadramento teórico fundamentado, no qual exponho algumas das **planificações** que realizei ao longo do meu estágio profissional. Referem-se a diferentes áreas, bem como a diferentes faixas etárias preparadas para a Educação Pré-Escolar. Quatro planificações pertencem à minha PPACP e quatro englobam a área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo e Expressão Plástica.

São também referidos com relevância os objetivos da planificação por parte dos docentes e é apresentado o modelo adotado para a realização das planificações elaboradas durante o estágio profissional.

2.1. Enquadramento teórico

São os educadores e professores que organizam o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, cabe-lhes a responsabilidade de organizar a sua própria atividade, que se inicia com a *planificação*, seguindo-se a *implementação do processo* e a respetiva *avaliação* do currículo.

Parece-me pertinente iniciar este capítulo com uma breve abordagem sobre o conceito de currículo. O currículo é um documento orientador para todo o país, cabe a cada escola, nomeadamente a cada educador, transformá-lo e adaptá-lo à realidade dos seus alunos. Para Zabalza (2000) “o currículo é o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes” (p.12).

Ainda segundo o mesmo autor, o currículo assume determinadas características, em que a escola se posiciona como eixo principal da programação adequando-a às condições sociais e culturais e às necessidades consideradas mais importantes. Desta forma o currículo centra-se na escola e no seu particular contexto social, baseando-se na programação a nível de cada escola e possibilitando a sua própria dinâmica. Segundo Peterson *et al.*, (s.d. citado em Zabalza 2000), a principal função desempenhada pela planificação na escola é a de “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino” (p.54). Roldão (1999) acrescenta que “currículo é aquilo que se quer aprender na escola” (p.35). Pacheco (2006), dirige a definição de currículo, como “um todo organizado em função de propósitos educativos e de saberes, atitudes, crenças e valores que os intervenientes curriculares trazem consigo e que realizam no contextas experiências e dos processos de aprendizagem formais e/ou informais” (p.33).

De forma sucinta Ribeiro *et al.* (1990) explicam como o currículo se pode caracterizar de três formas:

Currículo formal, que designa o plano de ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdos e atividades. *Currículo informal* onde toda a atividade estruturada e não estruturada que faz parte da vida escolar dos alunos para além das atividades letivas (...) *Currículo oculto*, aqui com duas vertentes: *práticas* e processos educativos que induzem resultados de aprendizagem não explicitamente visados pelos planos educativos. E também *efeitos* educativos (aquisição de valores, atitudes, processos de socialização e de formação moral). (p.53)

Ainda relativamente ao currículo, Eisner (1985) afirmou que “o currículo implícito da escola é aquele que ela ensina devido à espécie de lugar que é” (p.82). Fundamental nos dias de hoje, dado ao contexto escolar de cada realidade educativa.

Planificar tornou-se uma atividade muito importante para todos os docentes. Estes dedicam muito do seu tempo a esta atividade que irá condicionar a sua ação. Dada a sua especificidade, a atividade docente implica a elaboração de vários tipos de planificação: Planificação anual, também chamada “a longo prazo”, onde se elaboram planos para todo o ano letivo; planificação de unidade a “médio prazo”, em que os planos individualizam as unidades programáticas (*conjunto de temas organizados em torno de uma ideia central*); e planificação de aula ou núcleos de aulas, também conhecidos através de planos a “curto prazo”. Os últimos são mais específicos e estão diretamente relacionados com a aula em si. Constituem guias fundamentais para orientação e condução das lições e poderão ser diários.

Segundo Arends (1999), “os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e atividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.59). Ainda de acordo com o mesmo autor, “os formatos dos planos de aula podem variar, mas em geral um bom plano inclui a exposição clara dos objetivos, a sequência das atividades de aprendizagem do estudante.” (p.68).

Não existe um modelo perfeito de plano. O que há são planos mais ou menos práticos, mais ou menos eficazes e esclarecedores. No entanto, uma exigência, por mínima que seja, deve ser assinalada: um plano deverá ser fruto de um trabalho baseado nas experiências pessoais e está sempre relacionado com os programas e com o currículo.

Para Zabalza (2000), planear é definir com clareza o que se pretende do aluno, da turma, ou do grupo; é uma atividade que consiste em definir e sequenciar os objetivos do ensino e da aprendizagem dos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram bem conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e selecionar recursos/materiais. O mesmo autor refere algumas razões pelas quais é importante planificar e para quem se planifica. Assim, planifica-se para os alunos, para que eles próprios possam saber o que estão a fazer e porquê;

para o professor, porque é uma forma de organizar o seu trabalho, refletir sobre os conteúdos, métodos, materiais, expectativas e competências a desenvolver nos alunos; para a escola, para possibilitar um trabalho consciente de todos os docentes, permitindo assim a coordenação interdisciplinar. Planifica-se, ainda, para os pais, para perceberem melhor porque é que os filhos aprendem determinados conteúdos e, desta forma, os poderem acompanhar e participar mais conscientemente na vida escolar e, por fim, planifica-se para a sociedade porque, hoje em dia, cada vez se fala mais em autonomia das escolas e em participação ativa da comunidade, ou da sociedade local.

No decorrer do estágio profissional a planificação utilizada foi sempre a curto prazo, uma vez que se planificava para um momento, correspondente a uma manhã no máximo. Assim utilizei o Modelo T de Aprendizagem, um dos modelos propostos por Pérez (1994) em que a sua organização é formada por um T duplo.

A Escola Superior de Educação João de Deus adotou este modelo reduzindo o tempo da planificação uma vez que o original é planeado para uma duração mínima de seis semanas. É esse o modelo representado no Quadro 10 na página seguinte.

Quadro 10 - Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Jardim-Escola João de Deus – Estrela	
Plano de Aula	
Faixa etária:	Teresa Margarida Alves
Educadora:	Turma: MPE - PL
Duração:	N.º 10
Data:	
Área:	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes

*Baseado no Modelo T de Aprendizagem
Plano sujeito a alterações*

Como se observa no quadro estão presentes informações que se organizam no modelo de forma clara e de fácil interpretação.

Porque nem sempre o educador depende unicamente de si, mas sim do meio que o envolve, este tipo de planificação encontra-se ao abrigo de alterações pontuais. Azevedo (2008) realça que este instrumento de trabalho não tem carácter conclusivo, daí a importância de se colocar: “*plano sujeito a alterações*”. O mesmo autor defende que

(...) a planificação tem um carácter orientador das práticas e está sujeita a alterações, dado o andamento destas (...) quando se dá um imprevisto é preciso que o professor esteja preparado para proceder à alteração do plano sem pôr em causa a competência que se pretende desenvolver. (p. 18)

O professor planifica para si, sendo este documento um instrumento de trabalho diário e orientador no desenvolvimento das tarefas. No que diz respeito às capacidades/destrezas e valores/atitude, existe um vasto conjunto de conceitos criteriosamente selecionados pelo docente no momento de realizar a sua planificação, atendendo ao que pretende trabalhar.

Apresento (Quadros 11 e 12) alguns dos critérios utilizados, com base num documento original de Pérez e López (1994) que adaptei.

Quadro 11 - Capacidades / Destrezas

Capacidades / Destrezas		
<p>Raciocínio Lógico:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Fluidez mental; · Observar; · Comparar; · Relacionar; · Interpretar; · Formular; · Analisar; · Deduzir; · Classificar; · Organizar; · Definir; · Classificar; · Calcular; · Transferir; · Aplicar. 	<p>Orientação Espaço Temporal:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Reconhecer; · Saber situar; · Noção de tempo; · Sequenciar; · Noção de tamanho; · Noção de distância; · Explorar; · Identificar; · Localizar; · Interpretar no mapa; · Elaborar mapas; · Elaborar planos; · Medir; · Aplicar; · Representar; · Temporalizar; · Buscar referências; · Identificar. 	<p>Expressão Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Coordenar; · Equilibrar; · Explorar; · Improvisar; · Criatividade; · Expressar; · Sensibilidade; · Simbolizar; · Grafismo; · Elaborar frases; · Elaborar textos; · Vocabulário; · Ortografia; · Pontuação; · Produzir mensagem.
<p>Classificação:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Observar; · Analisar; · Identificar; · Comparar; · Caracterizar; · Selecionar; · Descodificar; · Relacionar; · Reconhecer; · Deduzir; · Catalogar; · Distinguir. 	<p>Expressão Oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Fluidez verbal; · Vocabulário; · Expressar ideias; · Compreensão; · Interpretação; · Fluidez verbal; · Sequencia; · Dicção; · Dialogar; · Escutar; · Elaborar frases · Produzir mensagens. 	<p>Socialização:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Relacionar; · Altruísmo; · Compartilhar; · Compromisso; · Dialogar; · Reconhecer; · Observar; · Escutar; · Indagar; · Aplicar; · Resolver problemas; · Ser flexível; · Conviver.

Adaptado de Pérez e López (1994)

Quadro 12 - Valores / Atitudes

Valores / Atitudes		
<p>Solidariedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Ajudar; · Colaborar; · Partilhar; · Tolerar; · Compreensão; · Companheirismo; · Cuidar; · Conviver; · Cuidar; · Aceitar; · Respeitar; · Cooperar; · Generosidade. 	<p>Respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Tolerar; · Aceitar; · Escutar; · Compreender; · Ceder; · Conviver; · Dialogar; · Aprender; · Conviver; · Consciencializar; · Estimar; · Colaborar; · Saber estar; · Igualdade. 	<p>Cooperação:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Ser humilde; · Ser compreensivo; · Ser comunicativo; · Ser sensível; · Ser afetivo; · Ser altruísta; · Ser dinâmico; · Entre - ajuda; · Recetivo; · Disponibilidade; · Partilhar; · Colaborar; · Aceitar; · Conhecer; · Conviver; · Trabalhar em equipa.
<p>Responsabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Consciente; · Empenhado; · Cumpridor; · Organizado; · Interessado; · Honestidade; · Respeitador; · Comprometer-se; · Ser constante; · Ser coerente; · Ser ordenado; · Ser limpo; · Participar; · Atender; · Ordenar; · Esforçado. 	<p>Tolerância:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Valorizar; · Apoiar; · Calma; · Interesse; · Ser recetivo; · Bom ouvinte; · Aceitar; · Respeitar; · Comprometer-se; · Valorizar; · Ajudar; · Empatia; · Ajudar; · Compreensivo. 	<p>Criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Espontaneidade; · Imaginação; · Hábil; · Inventar; · Fantasiar; · Interpretar; · Iniciativa; · Curiosidade; · Esforçado; · Original; · Inovador; · Desinibido.

Adaptado de Pérez e López (1994)

De acordo com Arends (1999), “normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.59).

O modelo utilizado é um exemplo das palavras do autor. Também segundo Pérez (1994), apresento as definições que facilitam a rápida interpretação de conceitos base definidos segundo o autor e que constam no presente modelo de aprendizagem (Quadro 13).

Quadro 13 - Exposição de conceitos

<p>Currículo: é uma seleção cultural, cujos elementos fundamentais são capacidades-destrezas e valores-attitudes, conteúdos e métodos/procedimentos.</p>	
<p>Capacidade: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo.</p>	<p>Destreza: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.</p>
<p>Atitude: Predisposição estável face a algo cujo componente fundamental é afetivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor.</p>	<p>Valor: Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afetiva.</p>
<p>Conteúdo: É uma forma de saber. Existem dois tipos de fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais).</p>	<p>Método/procedimento: É uma forma de fazer. Inteligência afetiva: Consta das capacidades e valores de um aprendiz.</p>

Adaptado de Pérez e López (1994).

De acordo com Hohmann (2004)

A planificação (pensar sobre aquilo que se vai fazer antes de o fazer) e a recordação (evocação e reflexão sobre aquilo que se fez depois de o ter feito) são processos intelectuais que dependem da capacidade de imaginar, formar imagens mentais de materiais, locais ou ações. (p.262)

De seguida são apresentadas as planificações em quadro com as respetivas inferências relativas aos procedimentos e métodos utilizados estrategicamente em cada área mencionada.

2.2. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

O Quadro 14 apresenta a 1.ª planificação.

Quadro 14 - Plano de aula na área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Estrela	
Plano de Aula	
Faixa etária: Azul Educadora: Duração: 30 minutos Data: 06 de dezembro de 2010	Teresa Margarida Alves Turma: MPE - PL N.º 10
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Revisão da letra /s/ (Cartilha Maternal)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ -Pedir às crianças para ocuparem os respetivos lugares; ✓ -Dar a cada criança um envelope com um puzzle correspondente a uma palavra com uma imagem; ✓ -Pedir que resolvam o <i>puzzle</i> no flanelógrafo; ✓ -Realizar uma atividade relacionada com a palavra lida. Por exemplo: rosa; vão colorir as sílabas que estão presentes nessa palavra e também a imagem que corresponde à palavra; ✓ -Chamar um grupo de crianças à <i>Cartilha Maternal</i>, onde será feita a leitura preparatória da letra /s/.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
Expressão oral e escrita: Vocabulário; Simbolismo. Classificação: Distinguir.	Responsabilidade: Interesse. Criatividade: Imaginação.
Material: <i>Cartilha Maternal</i> , puzzle, flanelógrafo e proposta de atividade.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações	

Inferências e fundamentação teórica

Jolibert (1989) defende que, “não se ensina uma criança a ler, é ela que aprende a ler com a nossa ajuda, a dos colegas e a de diversos materiais da aula (...)” (p.18). Nesta perspectiva o educador orienta a criança para que perceba a dinâmica da leitura dando a conhecer os pontos de articulação, bem como a fonética das letras.

Através da metodologia João de Deus, recorrendo à *Cartilha Maternal*, os alunos aprendem facilmente a ler, mesmo em idade Pré-Escolar.

Manter a disposição da sala

As crianças mantiveram os seus lugares, onde habitualmente trabalham quando é lecionada esta área de Expressão Oral e Abordagem à Escrita. Arends (1999), diz-nos que “um trabalho independente, onde as crianças têm que estar com atenção ao orientador da atividade, a disposição de filas e/ou colunas é a mais indicada” (p.94).

Dar a cada criança um envelope com puzzle correspondente a uma palavra com uma imagem

A importância de as crianças terem ao seu dispor o material necessário para executar as atividades leva o educador a preparar criteriosamente e de forma cuidada o que pensa ser apelativo e funcional para determinado momento. Foi neste sentido que realizei todo o material necessário para a atividade, esclarecendo esta mesma ideia Caldeira (2009 cita Pimm 1995, p.27), “é necessário que os materiais sejam tangíveis e significativos para a construção do conhecimento, assim como é também preciso, reflectir sobre as acções que se concretizam com eles”.

Pedir que realizem o *puzzle* no flanelógrafo

O flanelógrafo é uma base preta ou de outra cor que pode ter o tamanho que se desejar. Quando apareceu este tipo de material era essencialmente de flanela, mas também pode ser feito com uma cartolina plastificada. Funcionando como suporte para o puzzle, as crianças realizaram a atividade pretendida enquanto outras foram ler à *Cartilha Maternal*.

Realizar uma atividade relacionada com a sua palavra

Após construírem o puzzle e de lerem a palavra, coloriram as sílabas que estavam presentes nessa palavra numa proposta de atividade. A esta estratégia podemos chamar-lhe um modelo ascendente. De acordo com Ruivo (2009), trata-se de um modelo ascendente, no qual “a

leitura começa através de unidades mais pequenas (micro estruturas) que são as letras e os fonemas, para logo proceder à combinação em sílabas, depois em palavras e textos que tenham significado (macro estruturas) ” (p.90).

Chamar um grupo de crianças à *Cartilha Maternal*, onde será feita a leitura preparatória da letra /s/

Esta é a 19.^a lição da *Cartilha Maternal*, e também uma das mais difíceis de apresentar às crianças, normalmente e segundo o *Guia da Cartilha Maternal* (1997), são necessárias três lições para as crianças conhecerem os três valores e respetivas regras. Nesta lição realizei a leitura preparatória com um carácter de revisão dos três valores.

Torna-se pertinente dizer que este método de ajudar as crianças a ler é curioso e eficaz. Cada criança tem o seu ritmo, como tal organizei a turma de modo a agrupá-las relativamente às aprendizagens consolidadas. Assim quando vão à *Cartilha Maternal* o grupo vai estudar a mesma lição. Depois de lerem a palavra, formam uma frase para aplicarem o seu sentido semântico. O treino diário assume assim a sua importância para se consolidar o que se aprende.

2.3. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

O Quadro 15 apresenta a 2.ª planificação.

Quadro 15 - Plano de aula na área do Domínio da Matemática.

Jardim-Escola João de Deus – Estrela Plano de Aula	
Faixa etária: Bibe Azul Educadora: Duração: 30 minutos Data: 06 de junho de 2011	Teresa Margarida Alves Turma: MPE - PL N.º 10
Domínio da Matemática	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p style="text-align: center;">Dons de Fröbel 3.º e 4.º</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Construções com o 3.º e 4.º Dons juntos; ✓ Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ -Explorar o material relativamente ao número e forma das peças; ✓ -Distribuir 10 peixes em papel para cada criança utilizar no decorrer da aula; ✓ -Contar história relacionada com o tema: da aula; ✓ -Pedir para que realizem a “ponte baixa”; ✓ -Criar situações problemáticas utilizando conceitos como dezena e meia dezena; ✓ -Fazer a construção da “camioneta”; ✓ -Rever conceitos de par e ímpar.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<p>Experimentar: Manipular;</p> <p>Raciocínio lógico: Resolver problemas.</p>	<p>Tolerância: Saber escutar;</p> <p>Responsabilidade: Autonomia.</p>
<p>Material: 3.º e 4.º Dons de Fröbel e peixes em papel várias cores.</p> <p style="text-align: right;"><i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</i></p>	

2.3.2. Inferências e fundamentação teórica

Nesta planificação utilizei materiais manipuláveis para a realização da atividade, bem como materiais alternativos. Para tal, Pais (2000) refere a importância de se “organizar ou não a interface mediadora para facilitar na relação entre o professor, o aluno e o conhecimento, num momento preciso de elaboração do saber” (pp.2-3). Assim, organizar vai ajudar toda a conceção pedagógica do professor.

Os Dons de Fröbel são utilizados nos Jardins-Escolas João de Deus, permitindo à criança concretizar experiências diversificadas com o material. Friedrich Fröbel, seu criador, alemão nascido em 1854, foi Educador e fundador do sistema do Jardim-de-Infância. Fröbel, (s.d., citado por Caldeira 2009, p.240), diz que “ao imaginar os vários tipos de materiais para os seus jogos educativos, pretendia permitir à criança a passagem do conhecimento concreto para as “abstracções” da superfície, da linha e do ponto”.

Os 3.º e 4.º Dons de Fröbel são materiais feitos com peças de madeira e apresentam-se dentro de uma caixa de forma cúbica construída no mesmo material. O 3.º Dom é composto por 8 cubos e o 4.º por 8 paralelepípedos. Estes jogos matemáticos são aplicados de forma separada ou, como no caso da planificação apresentada, podem ser misturados como se de um material apenas se tratasse.

Explorar o material relativamente ao número e forma das peças

Após a distribuição do material é importante relembrar alguns conceitos (como contagens) e daí questionar a criança em relação ao número de peças existentes dentro de cada caixa, bem como a forma que estas têm.

Distribuir 10 peixes em papel para cada criança

Com material a criança acompanha na íntegra o decorrer da aula, explorando e podendo concretizar os cálculos que lhe são pedidos.

Contar uma história relacionada com o tema da aula

Quando o educador pensa no tema que tem para trabalhar, tenta também encontrar uma forma de criar interdisciplinaridade. Foi assim que no decorrer da atividade fui contando uma história que envolvia o tema e empreguei material que estava contextualizado.

Pedir para que realizem a “ponte baixa”

A “ponte baixa”, é uma das construções em que se utilizam os 3.º e 4.º Dons juntos. Pretende-se com esta construção o acompanhamento e imaginação da criança na realização da mesma com o objetivo de poder perceber a história.

Criar algumas situações problemáticas utilizando conceitos como dezena e meia dezena

Referindo Caldeira (2009)

(...) é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

Neste contexto o envolvimento da criança na situação torna-se real, podendo, sempre que possível, o educador fazer referência a conceitos que já envolvem uma certa abstração e conhecimento.

Fazer a construção da “camioneta”

Esta construção surge no contexto da história, com a finalidade de passar de uma construção para a outra sem a desfazer na totalidade. Além de, mais uma vez, desenvolver capacidades e destrezas, aplicam-se conceitos ecológicos de reutilização e reciclagem de materiais, ao passar de uma a outra construção sem haver destruição e desperdício.

Rever conceitos de par e ímpar

Todas as matérias devem ser bem trabalhadas pelo educador e torna-se pertinente relacionar conceitos sempre que possível. Os conceitos de par e ímpar nesta faixa etária têm essa particularidade e devem ser relembrados consoante as situações.

2.4. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio das Expressões - Expressão Plástica.

O Quadro 16 refere-se à 3.ª planificação.

Quadro 16 - Plano de aula no Domínio da Expressão Plástica

Jardim-Escola João de Deus – Albarraque Plano de Aula	
Faixa etária: Bibe Encarnado Educadora: Duração: 30 minutos Data: 08 de Novembro de 2010	Teresa Margarida Alves Turma: MPE - PL N.º 10
Domínio da Expressão Plástica	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p style="text-align: center;">Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ .Conhecer os contornos geográficos do mapa; ✓ . Localizar a região de Lisboa; ✓ . Identificar a bandeira de Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ - Distribuir o material necessário para realização da atividade de picotagem. ✓ - Explicar a imagem e como será realizada a atividade; ✓ - Colar o mapa picotado numa folha de papel; ✓ - Colar uma casa na região onde cada aluno vive; ✓ - Colar a bandeira de Portugal ao lado superior direito do mapa; ✓ - Ajudar e orientar a turma na realização dos trabalhos propostos.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
Classificação: ✓ Observar; Identificar; Orientação espaço/temporal: ✓ Noção de distância.	Responsabilidade: ✓ Interesse; Criatividade: ✓ Imaginação.
Material: ficha de atividade, bandeira, casa, picos e cola.	
<i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</i>	

Inferências e fundamentação teórica

O ensino da geografia representa em idade pré-escolar alguma relevância. Recorrendo a explicações de Gardner (1994), as noções de orientação e capacidade de representação são especialmente habilidades da inteligência espacial. Segundo Castellar (2000)

(...) ao ensinar geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica. (p.31)

Ao conhecer o “modelo” geográfico do seu país, a criança vai memorizando e preparando-se para a descoberta do mundo. Ainda para o mesmo autor, “(...) toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive é altamente instigadora de novas descobertas” (p. 32).

Distribuir o material necessário para realização da atividade de picotagem

Através da Expressão Plástica que foi a área a trabalhar nesta planificação, pretendi que conhecessem os contornos geográficos de Portugal Continental, mas, mais do que isso, que desenvolvessem algumas capacidades, tais como a motricidade fina. Uma vez que esta proposta requer a utilização de materiais específicos e que devem estar sempre sob a observação do educador, optei primeiramente por relembrar as regras de utilização.

Explicar a imagem e como será realizada a atividade

Fiz uma explicação para o grupo, interpretámos e definimos alguns conceitos.

Colar o mapa picotado numa folha de papel

Nesta fase da aula ajudei a retirar o mapa e os alunos colaram o seu trabalho numa folha de papel.

Colar uma casa na região onde cada aluno vive

A identificação do local onde residem levou o grupo a descobrir que moram todos muito próximo uns dos outros comparativamente ao mapa (todos na região de Lisboa). No entanto já há crianças que identificam sem dificuldade outras regiões que lhes são familiares, como por exemplo o local onde passam férias.(Algarve). Castellar (2000) refere, relativamente à localização geográfica, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (p. 30).

Colar a bandeira de Portugal ao lado superior direito do mapa

Conhecer e reconhecer a bandeira de Portugal, descrever as cores que tem e perceber o seu significado foi o diálogo estabelecido quando iniciaram este ponto. No entanto, para além da colagem, as crianças tinham de aplicar mais alguns conceitos matemáticos, pois a proposta tinha indicações específicas de orientação espaço-temporal.

Ajudar e orientar a turma na realização dos trabalhos propostos

O educador deve desenvolver o processo de exploração e estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas. Ajudei, sempre que possível, os alunos durante a atividade. Para Zabalza (2001)

(...) converter o espaço, e cada um dos seus instrumentos, em recurso didáctico (...) temos de pensar em como vamos estabelecer e organizar os espaços de maneira a que se convertam num marco adequado e facilitador do que pretendemos fazer e ao mesmo tempo, numa estrutura de estímulos e oportunidades de expansão experiencial para as crianças. (p.122)

A orientação por parte do educador é uma forma de obter bons resultados para todo o grupo.

2.5. Planificação realizada na área de Conhecimento do Mundo – PPACP

No Quadro 17 apresento a 4.ª planificação

Quadro 17 - Plano de aula no Domínio do Conhecimento do Mundo.

<p style="text-align: center;">Escola Superior de Educação João de Deus Jardim-Escola da Estrela Mestrado em Educação Pré-Escolar Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional Plano de aula</p>	
<p>Faixa etária: Bibe Azul</p> <p>Educadora:</p> <p>Duração: 20 minutos</p> <p>Data: 27 de junho de 2011</p>	<p style="text-align: right;">Teresa Margarida Alves</p> <p style="text-align: right;">Turma: MPE - PL</p> <p style="text-align: right;">N.º 10</p>
Domínio do Conhecimento do Mundo	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p style="text-align: center;">O Pombo-correio</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Caraterísticas das aves; ✓ A columbofilia 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mostrar alguns exemplares de pombos, questionando crianças sobre as caraterísticas das aves (penas, bico, patas, papo, ovos etc.); ✓ Fazer passar por todas as crianças a ração que os pombos comem; ✓ Apresentar o ninho, ovos e dois borrachos; ✓ Explicar porque têm uma anilha e para que serve; ✓ Dar a noção de columbofilia. ✓ Elucidar com imagens e pequeno vídeo toda a dinâmica de uma solta de pombos e o seu regresso ao pombal.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<p>Criatividade: ser curioso;</p> <p>Tolerância: saber escutar.</p>	<p>Compreender: Identificar;</p> <p>Relacionar: conhecer.</p>
<p>Material: Pombo-correio, cestos, comida, bebedouro, ovos, bata, computador e retroprojektor.</p> <p style="text-align: right;"><i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</i></p>	

Inferências e fundamentação teórica

Esta planificação foi utilizada numa das áreas de avaliação da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

O tema central foi “o pombo-correio”. O objetivo era passar para as crianças toda a dinâmica de um desporto que não está muito divulgado e ao mesmo tempo explorar as características das aves.

Mostrar alguns exemplares de pombos, questionando crianças sobre as características das aves (penas, bico, patas, papo, ovos, etc.)

Perceber as características das aves faz parte dos conteúdos programáticos para a presente faixa etária. Segundo Cachapuz *et al.* (2002), o educador deve “(...) responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela actividade” (p. 17). Ao contactarem com os pombos, observá-los e ouvindo as minhas explicações, o interesse e curiosidade das crianças aumentou.

Fazer passar por todas as crianças a razão que os pombos comem

A alimentação dos seres vivos difere de classe para classe. A percepção do tipo de alimentação de cada um, ajuda a construir pensamentos de associação e percepção da sua formação biológica. De acordo com Santos e Fumagalli (2001 e 1998 citado por Martins 2007, p. 17), deve-se “promover a construção de conhecimento científico útil e com significado social, que permita às crianças e aos jovens melhorar a qualidade da interacção com a realidade natural”.

Apresentar o ninho, ovos e dois borrachos

Nem sempre é do conhecimento das crianças o modo de nascimento, de habitat e de vida dos animais nos primeiros tempos de vida. Por vezes desconhecem como é o crescimento de cada ser vivo e de como se apresentam quando estão sob protecção dos seus progenitores. Foi neste sentido que dei a oportunidade de dar a conhecer a vida de um pombo-correio desde o seu nascimento até à idade adulta.

Explicar porque têm uma anilha e para que serve

Mostrar e identificar o pombo-correio. Esta espécie é normalmente identificada com uma anilha que se coloca ainda em borrachos e que os acompanha ao longo da vida. Serve de identificação da ave.

Dar a noção de columbofilia

Uma palavra nova para todas as crianças que desconheciam o termo. A presente definição foi retirada de um *síte* da Federação Portuguesa de Columbofilia:

A columbofilia é a arte de criar pombos-correio, com fins desportivos. O seu fundamento baseia-se na capacidade, inata, que estas aves possuem em voltar ao seu pombal, quando postos em liberdade, a grandes distâncias do mesmo. De acordo com esta capacidade de orientação, com o treino a que se submete, e o seu amor ao ninho, ao cônjuge, ao seu pombal e ao seu próprio treinador, percorre estas distâncias em maior ou menor tempo.”
<<http://www.fpcolumbofilia.pt/Ser.htm>>

Elucidar com imagens e pequeno vídeo toda a dinâmica de uma solta de pombos e o seu regresso ao pombal

Para consolidar um conjunto de conhecimentos apresentei um pequeno vídeo que mostrava uma solta de pombos. De acordo com e Saracho (1998), os filmes, os slides e os audiovisuais ajudam as crianças a compreenderem diversos fenómenos. Nesta atividade foi, de certo modo, um momento em que se tornou possível a observação e compreensão dos assuntos abordados.

2.6. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – PPACP

No Quadro 18 podemos observar a 5.ª planificação.

Quadro 18 - Plano de aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

<p>Escola Superior de Educação João de Deus Jardim-Escola da Estrela Mestrado em Educação Pré-Escolar Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional</p> <p>Plano de aula</p> <p>Faixa etária: Bibe Azul Teresa Margarida Alves Educadora: Turma: MPE - PL Duração: 20 minutos N.º 10 Data: 27 de junho de 2011</p> <p style="text-align: center;">Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p>Dinamização das regras da <i>Cartilha Maternal</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentar à turma um cartão de sócio em ponto grande; ✓ Explicar para que serve; ✓ Elaborar com as crianças um cartão de sócio da “União Columbófila da Estrela”; ✓ Preencher com o nome na parte da frente; ✓ Preencher o verso do cartão colando algumas palavras de modo a que formem uma frase; ✓ Fazer o seu retrato na zona da fotografia; ✓ Ler e interpretar o cartão de identificação do pombo-correio.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<p>Expressão escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Regras ortográficas; <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura compreensiva. 	<p>Criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interpretar; <p>Responsabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Atenção.
<p>Material: cartões, cartolina, lápis de carvão, palavras para colar, velcro, cartão de identificação do pombo- correio.</p> <p style="text-align: right;"><i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</i></p>	

Inferências e fundamentação teórica

Apresentar à turma um cartão de sócio em ponto grande no quadro

A visualização em tamanho grande daquilo que se apresenta às crianças faz com que se capte a sua atenção, pois têm simultaneamente o exemplo concreto do que estamos a falar, fazendo com que entendam mais rápido.

Explicar para que serve

Antes de uma explicação, estabeleci um diálogo no sentido de questionar as crianças relativamente às ideias que têm, pois algumas delas poderiam saber, ou ter conhecimentos prévios do que é um cartão de sócio. Depois de as ouvir realizei uma síntese explicativa do mesmo.

Elaborar com as crianças um cartão de sócio da “União Columbófila da Estrela”

Com esta atividade consolidaram a realização de um cartão pessoal, aplicaram várias estratégias e obtiveram um produto final.

Como os pontos que se seguem falam por si só, e estão relacionados com todo este ponto, não faço uma inferência pormenorizada, mas sim uma abordagem global da atividade.

De acordo com Sim-Sim (1998), todo este processo implica muito mais do que aprender palavras novas, produzir todos os sons da língua ou de compreender e fazer uso das regras gramaticais. O Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita assenta na forma de expressão e comunicação, com formas variadas de representação, através de um clima de comunicação criado pelo educador, em que a criança irá dominando a linguagem e alargando o seu vocabulário. É necessário, pois, proporcionar momentos de contacto livre e direto com diferentes tipos de códigos simbólicos, explorando, com carácter lúdico, imagens, gravuras e texto, para que a criança sinta interesse e prazer pela leitura e escrita e conseqüente emergência da escrita.

Com a elaboração da frase no cartão de sócio, proporcionei uma interdisciplinaridade, levando as crianças a ler, interpretar (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita), conhecer documentos de identificação (Conhecimento do Mundo), e também partilhei uma mensagem através da frase final (Área de Desenvolvimento Pessoal e Social).

2.7. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática – PPACP

No Quadro 19 apresento a 6.ª planificação.

Quadro 19 - Plano de aula no Domínio da Matemática.

<p>Escola Superior de Educação João de Deus Jardim-Escola da Estrela Mestrado em Educação Pré-Escolar Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional</p>	
<p>Plano de aula</p>	
<p>Faixa etária: Bibe Azul Educadora: Duração: 20 minutos Data: 27 de junho de 2011</p>	<p>Teresa Margarida Alves Turma: MPE - PL N.º 10</p>
<p>Domínio da Matemática</p>	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p style="text-align: center;">Calculadoras Papy</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Decomposição de números ✓ Regras. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Distribuir as calculadoras pelos alunos e as respetivas marcas: anilhas de pombo-correio; ✓ Colocar uma situação problemática para contextualizar o tema; ✓ Indicar uma quantidade: exemplo 6 unidades e pedir para as crianças encontrarem as várias hipóteses de representação na calculadora; ✓ Explicar que apenas podemos obter 1 marca em cada um dos 4 espaços da calculadora; ✓ Aplicar a regra com a entrega de mais uma calculadora, explicando como fica representada a dezena; ✓ Relacionar, ao longo da aula, as cores da calculadora Papy com os valores das peças do Cuisenaire, bem como alguns conceitos: dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, par, ímpar.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<p>Experimentar: ✓ Manipular;</p> <p>Raciocínio lógico: ✓ Cálculo mental.</p>	<p>Cooperação: ✓ Dinâmica;</p> <p>Criatividade: ✓ Imaginação.</p>
<p>Material: calculadoras Papy, marcas (anilhas), cartolina.</p>	
<p><i>Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</i></p>	

Inferências e fundamentação teórica

O material que escolhi para lecionar esta área foi a Calculadora Papy, o qual, já apresentei e fundamentei no capítulo 1.

Elaborei duas placas para cada criança, em que aplicaram regras de numeração binária e decimal em cada placa.

Também realizaram decomposição de números, ao pedir-lhes que representassem uma determinada quantidade onde pudemos verificar as várias hipóteses de representação e com um registo no quadro observaram os vários resultados dos colegas. Concluíram assim, que o mesmo número foi representado de diferentes formas.

Distribuir as Calculadoras pelos alunos e as respetivas marcas: anilhas de pombo-correio

Uma componente elementar do processo de desenvolvimento curricular é a produção de materiais de ensino e respetivos fatores de suporte para o educador. São esses materiais que traduzem de forma concreta as intenções do currículo oficial e ajudam o educador a operacionalizá-lo na sala de aula. Para trabalhar esta Calculadora os alunos utilizaram anilhas de pombo-correio, estabelecendo uma relação com o tema explorado por mim no decorrer das várias áreas. Caldeira (2009) salienta que se podem “utilizar: massas, fichas, figuras geométricas em papel... qualquer material que ocupe o espaço permitido pelo quarto do quadrado” (p.346).

Colocar uma situação problemática para contextualizar o tema

Magina (2001) afirma que “os conceitos matemáticos traçam os seus sentidos a partir de uma variedade de situações” (p. 9). Através de um pequeno contexto criei uma situação relacionada com as aves existentes num pombal, para conduzir os alunos a conceitos matemáticos como a adição.

Indicar uma quantidade (exemplo 6 unidades) e pedir para as crianças encontrarem as várias hipóteses de representação na Calculadora

Com esta tarefa os alunos representaram a quantidade, encontraram várias formas de representação que através do diálogo deram a conhecer à turma e posteriormente realizaram no quadro os resultados obtidos.

A decomposição do número promove o cálculo mental que será facilitado a partir do conhecimento das propriedades das operações.

Explicar que apenas podemos obter uma marca em cada um dos quatro espaços da Calculadora

Na primeira fase pretendia que os alunos explorassem o material, e compreendessem que uma quantidade pode ser representada de várias formas. De seguida lembrei-os de outra regra importante para a utilização do material: apenas poderiam ter uma marca em cada espaço e a sua soma representava as unidades.

Aplicar a regra com a entrega de mais uma Calculadora, explicando como fica representada a dezena

A concretização deste ponto aconteceu sem dificuldades e os alunos trabalharam vários exercícios.

Relacionar, ao longo da aula, as cores da Calculadora Papy com os valores das peças do Cuisenaire, bem como alguns conceitos: dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, par, ímpar

Proporcionar aos alunos uma apreensão e reflexão de conceitos relacionados com o raciocínio lógico foi um dos meus objetivos. Como está estabelecido nas OCEPE (1997), a aprendizagem matemática implica que, “O educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas”(p.74). Também o material Cuisenaire tem todo o potencial para o desenvolvimento de atividades com o objetivo de o aluno se apropriar do domínio da adição e subtração com quaisquer números menores que 10, uma vez que os alunos têm um grande contacto com este material nos JEJD.

Esta escolha contribuiu também para mais uma estratégia que desenvolvi e, de acordo com Chauvel e Wach (2007)

(...) proporcionar aos alunos um contacto com as ideias e métodos fundamentais da Matemática que lhes permita apreciar o seu valor e a sua natureza, e desenvolver a capacidade e confiança pessoal no uso da Matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar. (p. 6)

2.8. Planificação de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora – PPACP

A planificação que se segue no Quadro 20 diz respeito à 7.ª planificação.

Quadro 20 - Plano de aula no Domínio da Expressão Motora.

Escola Superior de Educação João de Deus Jardim-Escola da Estrela Mestrado em Educação Pré-Escolar Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional	
Plano de aula	
Faixa etária: Bibe Azul	Teresa Margarida Alves
Educadora:	Turma: MPE - PL
Duração: 20 minutos	N.º 10
Data: 27 de junho de 2011	
Jogo	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
<p>Jogo:</p> <p>“Solta o pombo”</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dividir a turma em dois grupos no exterior; ✓ Entregar “pombos” em cartolina plastificada às duas equipas; ✓ Explicar as regras do jogo: cada um terá de colocar dentro do ninho o seu pombo, só pode sair o próximo jogador quando o anterior lhe tocar com a mão; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ganha a equipa que acabar primeiro; ✓ Colocar metade de uma mensagem em cada pombo, na sua anilha; ✓ Deixar as outras partes com a equipa vencedora; ✓ Fazer uma roda e soltar o pombo explicando que irá para o seu pombal e que no dia seguinte podemos completar as mensagens iniciais.
Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores / Atitudes
<p>Orientação espacial:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interpretar; <p>Compreender:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Simbolizar. 	<p>Convivência:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Participação; <p>Respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aceitar.
<p>Material: pombos em cartolina plastificada, ninhos, pombos (verdadeiros) e mensagem em papel.</p> <p style="text-align: right;">Baseado no Modelo T de Aprendizagem <i>Plano sujeito a alterações</i></p>	

Inferências e fundamentação teórica

Este jogo foi concretizado de uma forma divertida e lúdica. Houve uma grande participação por parte das crianças que demonstraram saber estar em equipa. O tipo de jogo proposto para este momento foi um jogo de estafetas (caminhos e corridas com passagem pelos colegas de equipa). Pretendi com esta atividade proporcionar uma atividade física em que as crianças pudessem correr e saltar para descontraírem do ambiente de sala de aula.

Dividir a turma em dois grupos no exterior

Para esta atividade optei por dividir a turma, fazendo dois grupos. Foram selecionados aleatoriamente já no exterior, e organizaram-se em duas filas. O trabalho de grupo é uma forma de levar as crianças a desenvolver o sentido de partilha e de cooperação entre si. Referindo Zabalza (2001), “quantas mais actividades grupais programarmos ou possibilitarmos, maior probabilidade haverá de que adquiram o hábito de trabalhar/jogar juntas acabando por formar um grupo” (p.252).

Entregar “pombos” em cartolina plastificada às duas equipas

Como estratégia construí material que servisse de identificação; cada criança ficou com um colar no qual tinha uma imagem de um pombo e que apenas diferia na cor (equipa azul e equipa branca).

Explicar as regras do jogo

Através de um breve diálogo expliquei à turma como iria decorrer o jogo. Cada um teria de colocar dentro do ninho o seu colar, como de um pombo verdadeiro se tratasse. Regressava para junto dos seus colegas e tocava com a mão no que estava logo a seguir. Só assim podia o próximo jogador avançar. Recorrendo a Bassedas *et al.* (1999)

(...) o jogo caracteriza-se muitas vezes, pela simulação, por um “fazer de conta”, pela sua própria condição de semi-realidade e para possibilitar um mundo de fantasia, no qual os desejos podem ser realidade graças à simulação e à ilusão. No jogo, transformamos o mundo exterior para adaptá-lo às nossas necessidades. (p.143)

Ganha a equipa que acabar primeiro

Quando se joga, pretende-se que haja um objetivo a atingir. Decidi desta forma estipular para este jogo que ganharia a equipa que conseguisse colocar todos os pombos no cesto em primeiro lugar e que respeitasse as regras estabelecidas.

De acordo com Cordeiro (2008)

(...) a prática de desporto em grupo prepara a criança para uma maior aceitação da diferença e para o ideal altruísta de construir algo em comum”, para saber “dirigir” as derrotas sem agressividades ou desânimo e, desde que bem orientado, para uma competitividade sadia e estimulante, com o absoluto respeito pelas regras do jogo e pelo adversário. (p.434)

Colocar metade de uma mensagem em cada pombo, na sua anilha

No intuito de fazer perceber a finalidade de um pombo-correio, escrevi uma mensagem e mostrei como se colocava na anilha, para que pudessem perceber como se pode verdadeiramente comunicar com estas aves. Nesta altura a curiosidade suscitou interesse por parte das crianças, perguntando-me se os pombos iriam mesmo para o pombal. Para que ainda melhor ficasse esclarecida essa dúvida, rasguei ao meio a mensagem, coloquei metade numa das anilhas e soltei os pombos.

Deixar as outras partes com a equipa vencedora

Este procedimento foi alterado na altura. A participação e o envolvimento foram tão grandes por parte de ambas as equipas que decidi deixar a outra parte da mensagem com a equipa que não tinha ganho de modo a deixá-los com a responsabilidade de a guardarem até ao dia seguinte e de certo modo com um enlace pelo que tinham feito. A equipa vencedora ficou radiante pela sua prestação.

Fazer uma roda e soltar o pombo explicando que irá para o seu pombal e que no dia seguinte podemos completar as mensagens iniciais

Devido à agitação das aves e para não exceder o tempo previsto, apenas foi escrita uma mensagem. Como tal, após ter feito uma roda e pedir às crianças para se sentarem, soltei o pombo explicando que no dia seguinte teriam aquela parte da mensagem para unir e que a equipa não vencedora iria verificar se era realmente a parte da mensagem que completava a que tinham.

Concluo com a informação de que me desloquei no dia seguinte à turma e as crianças verificaram que a ave tinha chegado ao seu pombal com a mensagem.

Planificar foi uma realidade constante e enriquecedora para a concretização das atividades.

No próximo capítulo, é feita uma abordagem à avaliação na Educação Pré-Escolar e apresentados alguns dispositivos de avaliação realizados no decorrer do estágio.

CAPÍTULO 3

Dispositivos de Avaliação

3. Breve descrição do capítulo

Neste capítulo é feita uma fundamentação teórica sobre as práticas de avaliação no Jardim-de-Infância e apresentados três dispositivos de avaliação elaborados ao longo do meu Estágio Profissional em ambos os Jardins-Escolas João de Deus (Estrela e Albarraque). Referem-se ao Bibe Azul e dizem respeito a três áreas curriculares: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (JEJD-Albarraque), Domínio do Conhecimento do Mundo (JEJD-Estrela) e Domínio da Matemática (JEJD-Albarraque).

Apresenta ainda o modelo da escala de avaliação selecionado para a correção dos dispositivos de avaliação. Uma breve apresentação de cada atividade proposta, seguida da sua contextualização, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a apresentação parâmetros e critérios em tabelas, a apresentação de grelhas com a classificação dos resultados individuais dos alunos e o gráfico com os resultados percentuais da turma.

Saliento que todas as tabelas apresentadas neste capítulo apresentam uma lista numeral de alunos que não correspondem aos números atribuídos da lista nominal das turmas, atendem sim ao número total de alunos designados de forma aleatória.

3.1. Fundamentação teórica

De acordo com o conceito de avaliação definido por Pacheco (1996), “a avaliação apresenta-se como um processo de obtenção de informação, de formulação de juízos e de tomadas de decisões seja qual for a perspectiva que adoptarmos (...)” (p.129). A avaliação do processo educativo assume um delineamento diferente, constituindo-se enquanto avaliação diagnóstica e formativa para a Educação Pré-Escolar. Para o 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico a avaliação assume para além de diagnóstica e formativa, uma avaliação sumativa, levando a que os professores tenham de desenvolver determinados procedimentos que não abrangem os educadores de infância.

Não sendo a avaliação utilizada, na Educação Pré-Escolar, para fins de classificação ou promoção das crianças, leva a que por vezes seja colocada a questão: para que se avalia nesta etapa educativa?

Com base em afirmações de Bassedas *et al.* (1999), “a avaliação deve servir para intervir, modificar e melhorar a nossa prática, a evolução e a aprendizagem dos alunos” (p.174).

O processo de avaliação é, de acordo com as finalidades da fase educativa, guiado pelo impulso de recolha de informação que permita compreender, orientar e melhorar os projetos e as práticas de educar, a aprendizagem e desenvolvimento de cada criança. Para o efeito, deve adotar

um caráter processual e contínuo, numa perspetiva formativa de natureza qualitativa e contextualizada.

Como refere Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p.342). Esta consiste na recolha de informações sobre os conhecimentos de cada criança com o objetivo de adaptar as estratégias.

A avaliação inicial do desenvolvimento de cada criança, das suas capacidades e necessidades e desenvolvimento de cada uma, é a chave de toda a organização programática. É a avaliação das necessidades de cada criança que vai permitir o estabelecimento dos objetivos programáticos e de toda a decorrente estratégia.

Segundo Estrela e Nóvoa (1993), a avaliação deixou de servir para julgar, ou para provar o que quer que seja

(...) serve, sim, para atuar e, neste sentido, encontra-se intimamente articulada com o processo decisional. Diga-se, no entanto, que a tomada de decisão em matéria educativa não deve ser pensada a partir de uma “grande avaliação”, mas sim, com base num “conjunto de pequenas avaliações” que vão alimentando e reorientando os processos de mudança. (p.11)

A avaliação não incide somente sobre as aprendizagens e desenvolvimento das crianças e do grupo, mas também sobre a mediação do educador, o ambiente e os processos educativos adotados.

Citando as OCEPE (1997),

(...) avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem das crianças, devem ser valorizados todos os domínios do desenvolvimento (cognitivo, afetivo, social, moral, psicomotor e expressivo), assim como todas as áreas e domínios curriculares (formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento do mundo). Todas estas dimensões devem ser tidas em conta nos processos de avaliação.

Segundo Bassedas *et al.* (1999), a principal finalidade da avaliação é contribuir para melhorar a qualidade das aprendizagens de cada criança e do grupo, não devendo esta apenas incidir sobre os resultados obtidos, mas principalmente sobre os processos, possibilitando ao educador conhecer: os ritmos de aprendizagem; os estilos cognitivos ou de trabalho; a configuração das

relações; as atitudes; as habilidades e os conhecimentos, mas também as dificuldades e os problemas encontrados ao longo de todo este percurso.

Segundo Figueiredo (2005), “o papel do educador e da avaliação só pode ser um: contribuir na medida do possível para criar condições necessárias ao desenvolvimento de todos e de cada um dos alunos”. O mesmo autor refere, “ trata-se, de fazer com que cada aluno desenvolva as suas potencialidades” (p.3). Também salienta a avaliação como uma forma de orientação para uma prática inteligente, refletida e criativa na Educação Pré-Escolar. Será possível desta forma, o educador obter dados que lhe permitam propor experiências e tarefas adequadas.

A observação contínua de regulação interativa é um processo bastante valorizado, nesta etapa educativa, pois permite ao educador reconhecer dados em situação de atividade, propor atividades e colocar questões que facilitem a aquisição de conhecimento das crianças e a sua estimulação individual.

As práticas de autoavaliação e de coavaliação também devem ser incentivadas, pois, como afirma Silva (2002), “planear e avaliar com as crianças, individualmente, em pequenos grupos ou no grande grupo, são oportunidades de participação das crianças e meios de desenvolvimento cognitivo e da linguagem” (p.37).

No que se refere à avaliação dos projetos e das práticas educativas em que se envolvem as crianças e toda a comunidade educativa, constitui-se igualmente um processo complexo, porque intervêm múltiplos fatores e a sua finalidade pode ser diferente, conforme a perspetiva teórica adaptada. Enveredando por perspetivas educativas (construtivistas e ecológicas), que subsistem às OCEPE, devem ser tidas em consideração as características pessoais dos diferentes intervenientes simultaneamente com os contextos físicos, sociais e culturais em que se interagem.

A avaliação na Educação Pré-Escolar de acordo com a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, assenta nos seguintes princípios:

(...) coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas OCEPE; utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; carácter marcadamente formativo da avaliação; e valorização dos progressos da criança.

A avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão essencialmente formativa, como já referi, pois trata-se de um processo contínuo e interpretativo, que se interessa mais pelos processos, do que pelos resultados. Procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

De acordo com as OCEPE (1997), Educação Pré-Escolar é perspectivada no sentido da educação ao longo da vida, assegurando à criança condições para abordar com sucesso o 1.º Ciclo.

Cabe a cada educador avaliar, numa perspectiva formativa, os processos educativos, o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo, tendo em conta os seguintes aspetos: Interesse / motivação; participação / iniciativa; capacidade de organização; assiduidade e/ou pontualidade criatividade, espírito de observação e espírito crítico / raciocínio.

Para Portugal e Laevers (2010),

Avaliar o desenvolvimento de uma criança não se pode limitar a inventariar capacidades adquiridas, em vias de aquisição ou ainda inexistentes. Este tipo de avaliação sumativa pode conduzir a uma constatação interessante e, por vezes, até necessária mas não suficiente e aquém de uma avaliação dinâmica, contextualizada, ao serviço do desenvolvimento e da educabilidade das pessoas. (p.10)

Atendendo à abordagem destas duas principais dimensões da avaliação na Educação Pré-Escolar, considere importante uma breve apresentação de cada uma, de forma a clarificar um pouco estes dois conceitos: avaliação diagnóstica e avaliação formativa.

3.1.1. A avaliação numa dimensão diagnóstica

Uma das tarefas da Educação Pré-Escolar é a de prevenir as dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, visando segundo a Lei n.º 5/97, de 10/02, art. 10.º - Lei de Quadro da Educação Pré-Escolar:

(...) proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favorecem aprendizagens diversas e significativas.

Para favorecer e ativar o desenvolvimento global das crianças é de primordial importância saber como cada uma se apresenta, quais as suas características, capacidades e dificuldades, pois, só assim se poderá saber como intervir de modo adequado, quer em situações normais quer em situações de carência.

Todavia, trata-se de uma tarefa difícil de concretizar, pois os ritmos de desenvolvimento das crianças são diferentes e recolher informação para conhecer cada uma em particular, além de não ser fácil, leva algum tempo. Para promover a progressão e diferenciação de situações de aprendizagem que possibilitem a todas e a cada uma progredir, pressupõe-se mobilizar saberes no âmbito do desenvolvimento e da aprendizagem da criança e do desenvolvimento do currículo.

A avaliação numa dimensão diagnóstica é, normalmente, realizada quando se inicia uma nova etapa formativa sobre as competências e saberes dominados pelas crianças, em relação às propostas que se pretendem desenvolver. Neste sentido, pode ser implementada não apenas

quando se inicia um ano escolar, mas ao longo deste, procurando através dela, identificar pré-requisitos necessários para a aquisição progressiva de novas e diferentes competências.

Ao referir-se sobre a avaliação diagnóstica, Gil (2006) revela que:

(...) constitui-se num levantamento das capacidades dos estudantes em relação aos conteúdos a serem abordados, com essa avaliação, busca-se identificar as aptidões iniciais, necessidades e interesses dos estudantes com vistas a determinar os conteúdos e as estratégias de ensino mais adequadas. (p. 247)

A avaliação diagnóstica ganha ainda pertinência, se considerarmos que, quanto mais cedo as dificuldades forem identificadas, mais probabilidades existem de serem superadas pelas crianças. Para se aperceber dessas dificuldades ou aquisições, o educador ou professor, segundo Sanches (2001), deverá atender à “construção dos instrumentos de avaliação (...) considerar a diversidade das aprendizagens realizadas” (p. 34), para que se possa estar devidamente informado sobre cada aluno.

3.1.2. A avaliação numa dimensão formativa

A avaliação formativa tem, antes de mais, uma finalidade pedagógica.

Para Bassedas *et al.* (1999), esta avaliação “é a que possui mais sentido e importância na questão educativa” (p.176). Através da observação conseguimos alcançar uma regulação dos processos de ensino-aprendizagem.

A sua principal característica é ser integrada no próprio ato de ensino e como refere Hadji (1994), “contribuir para melhorar a aprendizagem em curso, informando o educador sobre as condições em que está a decorrer essa aprendizagem e instruindo o aprendente sobre o seu próprio percurso, os seus êxitos e as suas dificuldades” (pp.63-64). Como tal, é a sua dimensão da avaliação que apresenta maior importância e valor na Educação Pré-Escolar.

A avaliação formativa compreende um conjunto de elementos informativos, que o educador e as crianças trocam entre si, formando alicerces fundamentais no processo de aprendizagem. O *feedback* como lhe chama Sanches (2001), “é um destes elementos e os seus efeitos tanto podem ser positivos, como negativos, conforme o conteúdo da informação e o significado que lhe é atribuído pelos diferentes intervenientes” (p.116).

Deste modo, é importante prestar atenção às apreciações que se fazem das crianças e criar oportunidades para viver experiências de êxito, para que sintam confiança e vontade de aprender a crescer através da interação com o educador e com os colegas.

De acordo com Ferreira (2007)

A avaliação formativa tem como funções principais a informação dos vários intervenientes no acto educativo sobre o processo de ensino-aprendizagem, o *feedback* sobre os êxitos

conseguidos e as dificuldades sentidas pelo aluno na aprendizagem e, ainda, a regulação da mesma, com a intervenção atempada no sentido de encaminhar o processo realizado pelo aluno. (p.27)

Ao pretender-se que a avaliação seja formativa deve procurar-se que ela assuma também uma função reguladora e orientadora do processo de ensino e aprendizagem. As informações que vão sendo recolhidas, de forma mais ou menos continuada, formais e informais, vão permitir ao educador ajustar o projeto de intervenção às necessidades formativas das crianças e a estas regularem a sua ação em função das tarefas e exigências propostas.

Para tal, é vantajoso que a criança conheça os objetivos propostos pelo educador e, tanto quanto possível, os partilhe. Não será fácil concretizar, com crianças tão pequenas, uma ação deste género, mas ela não será de todo impossível, desde que simplificados e ajustados os objetivos ao seu nível de compreensão.

Com base em afirmações de Thorndike e Hagen (1960 citado por Sant'anna, 1995), todos os comportamentos poderão ser registados: etapas de desenvolvimento e aprendizagem, dificuldades e aptidões especiais, atitudes e relações socio-afetivas, traços de personalidade, entre outros fatores. Usar os instrumentos formais disponíveis ou adaptá-los, se for o caso, criar os instrumentos. Para estes autores citados por Sant'anna, "avaliação em educação significa descrever algo em termos de atributos selecionados e julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito. O algo, que deve ser descrito e julgado, pode ser qualquer aspecto educacional, mas é tipicamente: (a) um programa escolar, (b) um procedimento curricular ou (c) o comportamento de um indivíduo ou de um grupo" (p.29).

Alguns dos docentes recorrem com alguma frequência a escalas e grelhas como instrumentos de avaliação. Se estes instrumentos não forem adaptados, dificilmente poderão dar as respostas que se esperam. Conceber instrumentos ou usar em seu lugar técnicas alternativas, necessita de uma informação específica. Tendbrink (2002), refere que "as escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes" (p.257). Uma escala de observação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia" (...) o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado" (p.259).

A escala de Likert é uma escala psicossociométrica que reduz a um conjunto de tópicos atitudes ou situações observáveis (Albaum, 1997). Genericamente, os itens são preenchidos entre dois extremos como NUNCA / SEMPRE, ou DISCORDO TOTALMENTE / CONCORDO TOTALMENTE. Nesta avaliação a escala quantitativa utilizada vai de 0 (zero) a 10 (dez), sendo relacionada numa escala de Likert com cinco itens que vão de FRACO a MUITO BOM, tal como a tabela seguinte demonstra:

Quadro 21 - Escala de "Likert"

Classificação quantitativa (0 a 10)	Classificação qualitativa (Escala de Likert)
0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

3.2. Dispositivo de Avaliação da Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta atividade foi elaborada para o Bibe Azul do Jardim-Escola de Albarraque e assistida pela Equipe de Supervisão Pedagógica no dia 6 de dezembro de 2010.

Neste dia todos os alunos da turma estiveram presentes (26 alunos).

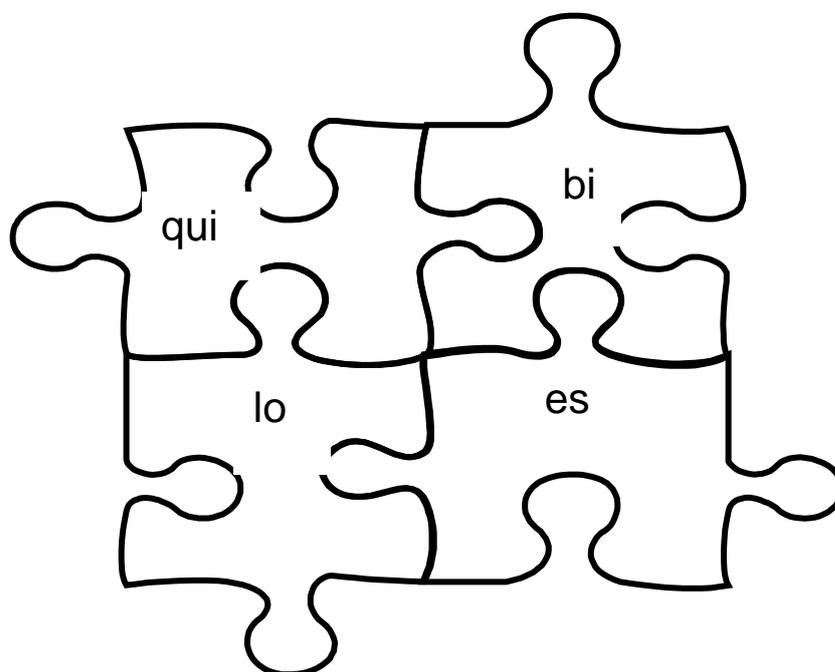
3.2.1. Contextualização da Atividade

Os alunos realizaram a proposta de atividade nos seus lugares. Distribuí a cada aluno um envelope com umas peças soltas (sílabas que formavam uma palavra), e um flanelógrafo, entreguei também a proposta de atividade apresentada na Figura 12.

A proposta de trabalho atendeu a diferentes palavras, coincidentes com o ritmo de aprendizagem dos alunos. Utilizei sempre a mesma estratégia, que foi levar os alunos a construir com o puzzle a palavra solicitada, no entanto, antecipei os conhecimentos individuais de cada criança e criei exemplares de acordo com as competências adquiridas e as aprendizagens efetuadas na *Cartilha Maternal* até ao momento desta atividade.

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1. Constrói o puzzle no flanelógrafo.
2. Lê a palavra que descobriste.
3. Identifica as sílabas que fazem parte da palavra.
4. Pinta a teu gosto as peças do puzzle que correspondem à palavra.



Nome: _____ Data: _____

Figura 12 - Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para esta atividade selecionei alguns parâmetros e critérios que exponho de seguida:

1.º Parâmetro: Construção do *puzzle* no flanelógrafo:

Critérios	Construiu
	Não construiu

2.º Parâmetro: Leitura da palavra

Critérios	Leu
	Não leu

3.º Parâmetro: Identificação das sílabas que pertencem à palavra

Critérios	Identificou 1 Sílabas
	Identificou 2 Sílabas
	Identificou 3 Sílabas

4.º Parâmetro: Pintura dentro dos limites de cada peça

Critérios	Pintou corretamente
	Não pintou corretamente

5.º Parâmetro: Apresentação da atividade

Critérios	Boa apresentação
	Má apresentação

3.2.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações

O Quadro 22 apresenta a tabela dos parâmetros e critérios elaborados de acordo com a proposta de atividade, com uma parte reservada à cotação, de cada parâmetro.

Quadro 22 - Tabela de Avaliação da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Critérios	Cotação
Construção do puzzle no flanelógrafo	Construiu	2 Valores
	Não construiu	0 Valores
Leitura da palavra	Leu	3 Valores
	Não leu	0 Valores
Identificação das sílabas que pertencem à palavra	Identificou 1 Sílaba	1 Valor
	Identificou 2 Sílabas	2 Valores
	Identificou 3 Sílabas	3 Valores
	Não identificou	0 Valores
Pintura dentro dos limites de cada peça	Pintou corretamente	1,5 Valores
	Não pintou corretamente	0 Valores
Apresentação da atividade	Boa apresentação	0,5 Valores
	Má apresentação	0 Valores
Total		10 Valores

3.2.4. Descrição da Tabela de Avaliação

Os parâmetros utilizados permitem uma avaliação abrangente de vários conteúdos. É atribuída uma cotação aos vários critérios para que seja registrada uma avaliação qualitativa da elaboração da proposta de atividade.

Para avaliar esta atividade os parâmetros classificados com mais pontuação dizem respeito à leitura da palavra e à identificação das sílabas, uma vez que pretendia desenvolver uma atividade de Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.

3.2.5. Apresentação da Grelha de Correção da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Podemos verificar no Quadro 23 os resultados obtidos na turma do presente Bibe Azul e perceber quais as maiores dificuldades registadas.

Quadro 23 - Grelha de Correção da turma

Parâmetros	Construção do puzzle no flanelógrafo	Leitura da palavra	Identificação das sílabas na palavra	Pintura dentro dos limites de cada peça	Apresentação da atividade	C o t a ç ã o
Crítérios	Construiu (2)	Leu (3)	Identificou: 1 Sílabas (1) 2 Sílabas (2) 3 Sílabas (3)	Pintou corretamente (1,5)	Boa apresentação (0,5)	
Alunos	Não construiu (0)	Não leu (0)	Não identificou (0)	Não pintou corretamente (0)	Má apresentação (0)	
1	2	3	3	1,5	0,5	10
2	2	3	3	1,5	0,5	10
3	2	3	3	1,5	0,5	10
4	2	3	3	0	0,5	8,5
5	2	3	3	1,5	0,5	10
6	2	3	3	0	0	8
7	2	0	0	1,5	0	3,5
8	2	3	3	1,5	0,5	10
9	2	0	3	1,5	0	6,5
10	2	3	3	0	0	8
11	2	3	3	1,5	0,5	10
12	2	0	3	0	0	5
13	2	0	3	1,5	0,5	7
14	2	0	3	1,5	0,5	7
15	2	3	3	1,5	0,5	10
16	2	3	3	1,5	0,5	10
17	2	3	3	0	0	8
18	2	3	3	0	0	8
19	2	0	0	1,5	0,5	4
20	2	3	3	1,5	0,5	10
21	2	0	0	1,5	0,5	4
22	2	3	3	0	0,5	8,5
23	2	3	3	1,5	0,5	10
24	2	3	3	1,5	0,5	10
25	2	0	0	1,5	0,5	4
26	2	3	3	1,5	0,5	10

3.2.6. Descrição da Grelha de Correção

As classificações obtidas através desta atividade implementada à turma revelam o resultado de 1 aluno com uma classificação de 3,5 valores; 3 alunos com uma classificação de 4 valores; 1 aluno que obteve uma classificação de 5 valores; 1 aluno com 6,5 valores; 2 alunos classificados

com 7 valores; 4 alunos com uma classificação final de 8 valores, 2 alunos registam uma classificação de 8,5 valores e finalmente 12 alunos com resultados nos 10 valores.

Podemos verificar relativamente à concretização dos parâmetros que todos os alunos conseguiram realizar o *puzzle* no flanelógrafo, alguns alunos identificaram as sílabas na proposta de atividade, recorrendo à associação das letras que formavam a sílaba e que estavam representadas, no entanto nem sempre estes alunos conseguiram realizar a sua leitura na globalidade da palavra.

3.2.7. Apresentação dos resultados em Gráfico

Apresento de seguida o gráfico, onde se podem verificar os resultados obtidos por todos os alunos presentes (Figura 13).

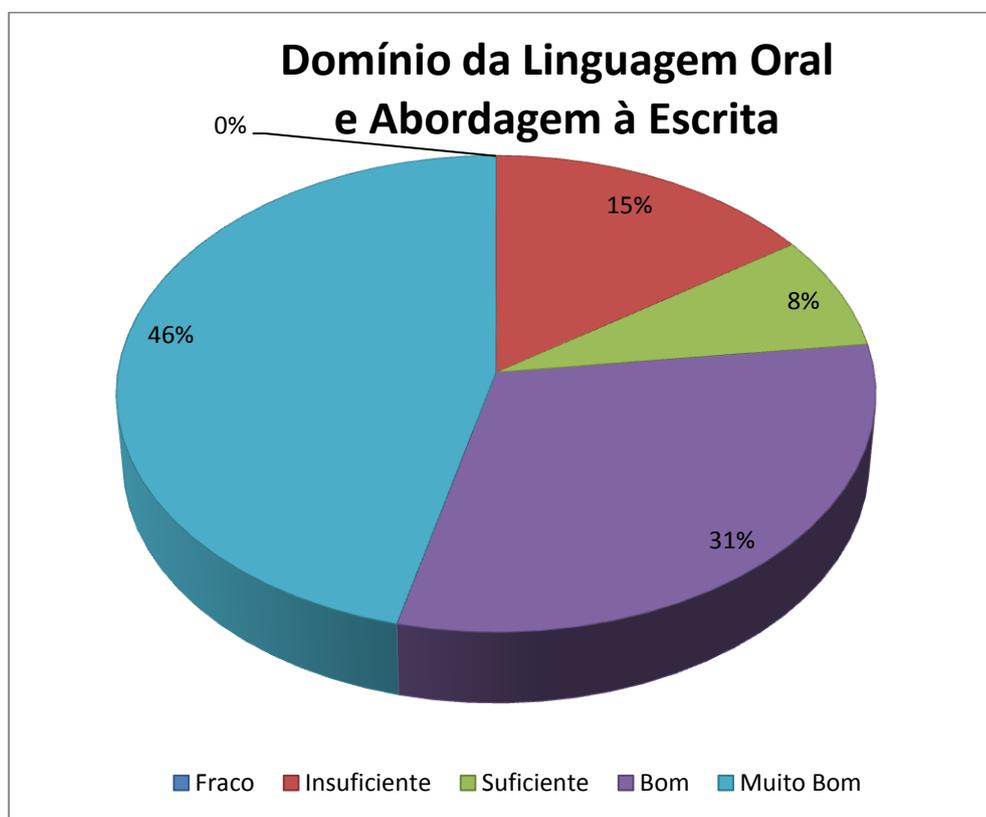


Figura 13 - Resultados da Avaliação da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

3.2.8. Análise do Gráfico

Através da análise do gráfico dos 26 alunos da turma, verificamos que 46% obtiveram a classificação de Muito Bom, seguida de uma percentagem de 31% da turma com resultados de

Bom. Verifica-se ainda, 8% dos alunos com uma classificação de suficiente, porém, 15% dos alunos registaram baixos resultados com classificação de insuficiente.

Podemos dizer que os resultados, grosso modo, foram satisfatórios, no entanto 4 alunos obtiveram avaliação negativa, o que deverá levar o professor a trabalhar mais os conteúdos que esses alunos erraram, nomeadamente propor-lhes com maior frequência a leitura de palavras e uma leitura recreativa sempre que possível. De acordo com Andrade (1999), “a leitura é uma fonte de saber que nos leva à busca de novos conhecimentos” (p.43), há que preparar bem as crianças incentivando o gosto pela leitura.

3.3. Dispositivo de Avaliação da Atividade de Conhecimento do Mundo

No decorrer de uma atividade para uma aula de Conhecimento do Mundo, elaborei uma ficha para consolidar alguns conhecimentos explorados para a faixa etária dos cinco anos (Bibe Azul). A presente aula teve lugar no Jardim-Escola da Estrela no dia 6 de maio de 2012. Estiveram presentes 26 alunos, sendo a turma um total de 28 alunos. Avaliei esta atividade, atendendo aos critérios que considerei mais importantes.

3.3.1. Contextualização da Atividade

Esta tarefa surge no decorrer de uma aula de Conhecimento do Mundo, em que o tema principal foi a “poluição da água”. Após um diálogo sobre as formas de evitar a poluição da água e as consequências do incumprimento de alguns gestos por parte do ser humano, nomeadamente o resultado das penas das aves ao entrarem em contacto com a água poluída com óleo ou petróleo. De seguida os alunos realizaram uma atividade experimental e comprovaram o que havia sido falado. Numa outra fase, resolveram uma ficha onde consolidaram o conteúdo da aula, foi esta ficha que serviu de dispositivo para avaliação nesta área disciplinar (Figura 14).

Conhecimento do mundo

1. Recorta as imagens.
2. Completa a frase com as palavras do quadro em baixo de forma a fazer sentido.
3. Cola as imagens à frente da palavra correspondente.

As _____  que ficam com as suas

_____  sujas de _____ 

perdem a possibilidade de voar.

penas aves tartaruga óleo

Nome: _____ Data: _____

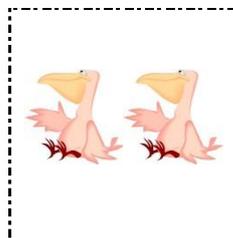
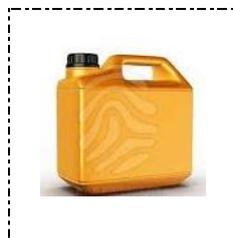
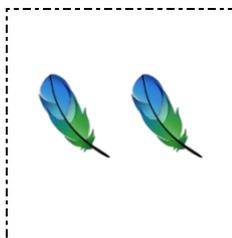
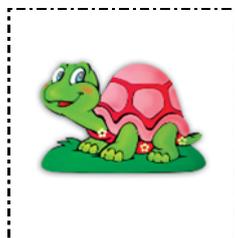


Figura 14 - Proposta de Atividade para o Conhecimento do Mundo

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Foram estabelecidos parâmetros de avaliação relativos ao recorte das imagens, à sua colagem, à caligrafia e com mais relevância à semântica, uma vez que se pretendia que a informação da aula ficasse registada de forma correta por escrito.

Nesta atividade os parâmetros e critérios adotados referem-se essencialmente à totalidade da execução e à forma de realização nas tarefas.

1.º Parâmetro: **Recorte**, pretende-se avaliar a forma como a criança utiliza a tesoura para recortar.

Critérios	Recortou 0 imagens
	Recortou 1 imagem
	Recortou 2 imagens
	Recortou 3 imagens

2.º Parâmetro: **Sentido semântico da frase**, com este parâmetro pretendi avaliar se a criança percebeu e escreveu a frase com concordância entre a imagem e a palavra.

Critérios	Construiu a frase com sentido
	Não construiu a frase com sentido

3.º Parâmetro: **Colagem**, pretendi com esta tarefa verificar se as imagens estavam coladas no local pretendido.

Critérios	Colou corretamente 0 imagens
	Colou corretamente 1 imagem
	Colou corretamente 2 imagens
	Colou corretamente 3 imagens

4.º Parâmetro: **Caligrafia**, neste parâmetro avaliei a apresentação da letra.

Critérios	Legível
	Ilegível
	Regular
	Não regular

3.3.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações da Atividade de Conhecimento do Mundo

No Quadro 24 podemos verificar os parâmetros, critérios, e as cotações da atividade de Conhecimento do Mundo.

Quadro 24 - Tabela de Avaliação da Atividade de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	CrITÉrios	Cotação	Total
Recorte	Recortou corretamente 0 Imagens	0	3 Valores
	Recortou corretamente 1 Imagem	1	
	Recortou corretamente 2 Imagens	2	
	Recortou corretamente 3 Imagens	3	
Sentido semântico	Construiu a frase com sentido	3	3 Valores
	Não construiu a frase com sentido	0	
Colagem	Colou corretamente 0 Imagens	0	3 Valores
	Colou corretamente 1 Imagem	1	
	Colou corretamente 2 Imagens	2	
	Colou corretamente 3 Imagens	3	
Caligrafia	Legível	0,5	1 Valor
	Ilegível	0	
	Regular	0,5	
	Não regular	0	
Total	10 Valores		

3.3.4. Descrição da Tabela de Avaliação

Os parâmetros utilizados permitem uma avaliação abrangente de vários conteúdos. É atribuída uma cotação aos vários critérios para que seja registada uma avaliação qualitativa da elaboração da proposta de atividade.

Para avaliar esta atividade os parâmetros classificados com mais pontuação dizem respeito ao sentido semântico da frase, pois tinha como objetivo avaliar a compreensão da atividade, considerando também outros domínios, em que avaliei a caligrafia. Atendendo ao recorte, avaliei o desempenho na área de Expressão Plástica.

3.3.5. Apresentação da Grelha de Correção da Atividade de Conhecimento do Mundo

Foram colocados em grelha os resultados individuais de cada aluno (Quadro 25)

Quadro 25 - Grelha de Correção da turma para a Atividade de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Recorte (0 a 3 valores)	Semântica (0 a 3 valores)	Colagem (0 a 3 valores)	Caligrafia (0 a 1 valor)	C o t a ç ã o
Alunos	Recortou corretamente: 0 imagens 1 imagem 2 imagens 3 imagens	Construiu a frase: sem sentido (0) com sentido (3)	Colou corretamente: 0 Imagens 1 imagem 2 imagens 3 imagens	Ilegível (0) legível (0,5) Não Regular (0) Regular (0,5)	
1	3	3	2	1	9
2	2	3	2	1	8
3	2	2	3	1	8
4	2	2	2	0	6
5	3	2	2	1	8
6	2	2	3	1	8
7	2	2	2	1	7
8	2	3	3	1	9
9	F	F	F	F	-
10	3	3	2	1	9
11	3	3	3	1	10
12	2	3	2	1	8
13	2	2	2	1	7
14	3	3	3	0	9
15	3	3	2	1	9
16	2	2	3	0	7
17	2	2	3	1	8
18	3	2	2	1	8
19	3	3	2	1	9
20	2	3	2	1	8
21	3	2	3	1	9
22	2	2	2	1	7
23	F	F	F	F	-
24	3	2	2	1	8
25	3	3	2	1	9
26	2	3	2	0	7
27	2	3	2	1	8
28	2	2	3	1	8

3.3.6. Descrição da Grelha de Correção

Nesta atividade os alunos realizaram os exercícios com facilidade, atingindo bons resultados. Salienta-se a classificação mais baixa, embora positiva (6 valores), respeitante a 1 aluno que apresenta alguma dificuldade em acompanhar a restante turma nas tarefas. Com uma classificação de 7 valores surgem 5 alunos, seguida de uma classificação com 8 valores em 11 crianças, com 9 valores registaram-se 8 alunos e com uma classificação de 10 valores, 1 aluno.

A turma é de 28 alunos, no entanto como podemos verificar na grelha de correção, neste dia faltaram 2 alunos.

3.3.7. Apresentação dos resultados em Gráfico

A Figura 15 dá-nos a conhecer os resultados qualitativos da turma do Bibe Azul, na atividade de Conhecimento do Mundo.

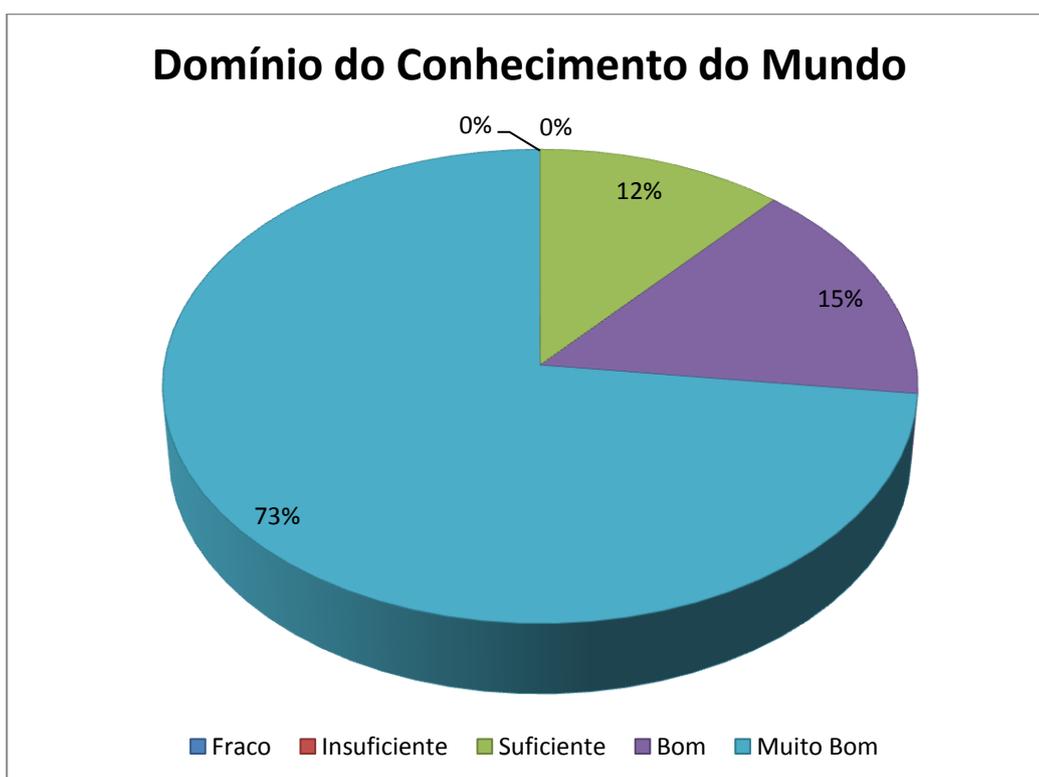


Figura 15 - Resultados da Avaliação da Atividade de Conhecimento do Mundo

3.3.8. Análise do Gráfico

Ao efetuar a análise do gráfico, verifica-se que a avaliação qualitativa dos resultados da turma situa-se entre o Muito Bom e o Bom como classificações predominantes. Analisando os resultados percentuais da turma verificamos que 73% obtiveram uma classificação de Muito Bom,

15% atingiram um resultado de Bom, e 12% tiveram uma classificação de Suficiente. Podemos também verificar uma ausência de resultados inferiores a Suficiente.

Concluindo, direi que este resultado se deve ao facto da atividade ser acessível à turma em questão, por terem feito antecipadamente uma atividade experimental e também porque o que lhes foi solicitado estava adequado aos conhecimentos das crianças.

3.4. Dispositivo de Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática

A atividade que se segue não foi objeto de uma avaliação com registos escritos por parte das crianças, uma vez que foi uma atividade prática em que envolvi os alunos num trabalho realizado com material alternativo. As informações foram registadas por observação e avaliação oral aquando do decorrer das tarefas propostas, recolhendo a informação através da deslocação pela sala, utilizando a grelha de correção. Esta atividade foi assistida pela Equipa de Supervisão Pedagógica. Foi uma aula planificada para o Bibe Azul, no dia 6 de dezembro de 2010. Todos os alunos estiveram presentes.

Podemos visualizar na Figura 16 a resolução efetuada por uma criança no decorrer dessa mesma atividade.

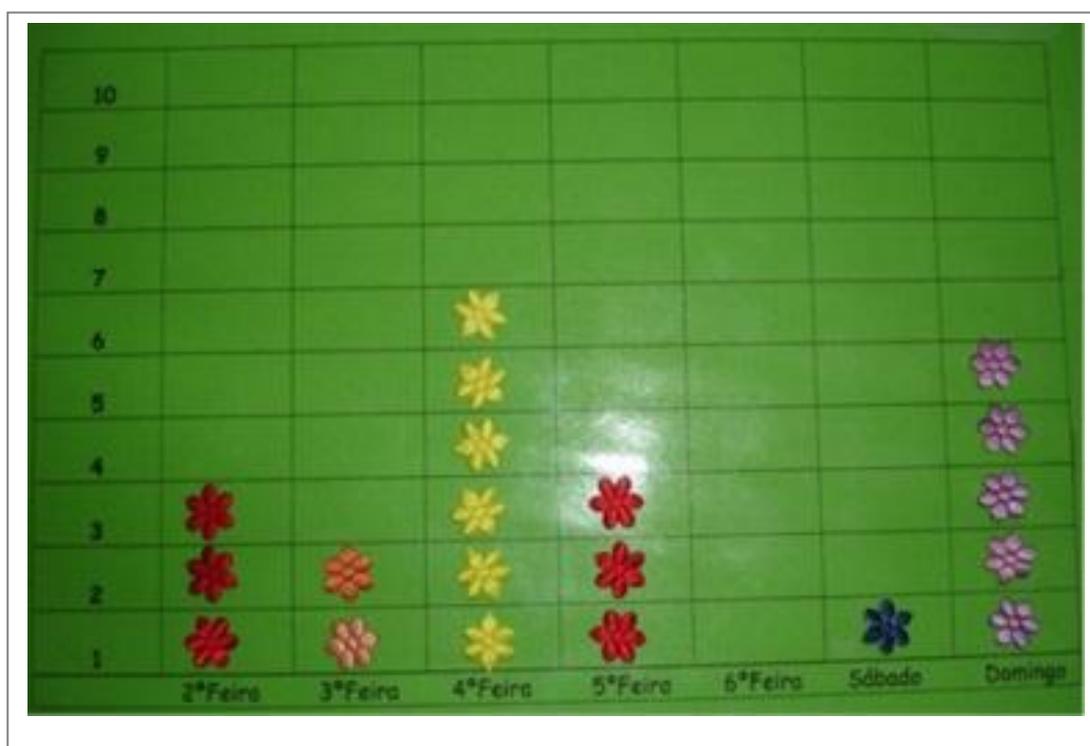


Figura 16 - Atividade do Domínio da Matemática

3.4.1. Contextualização da Atividade

O principal objetivo foi trabalhar com as crianças tabelas de dupla entrada através de uma história inventada por mim e remetendo a orientações para conduzir o raciocínio dos alunos numa situação problemática.

A atividade processou-se da seguinte forma: cada criança tinha uma tabela em tamanho A4 e as respetivas flores. No decorrer da história fiz quatro perguntas, registando numa tabela as respostas obtidas, considerei sempre os mesmos dois critérios: Sim / Não. Tratando-se de uma atividade prática e a minha observação mais generalizada, achei esta estratégia a mais adequada.

As orientações dadas às crianças foram as seguintes:

1. **A formiga comprou 3 flores na 2.^a feira.** (R: o aluno colocava as flores na respetiva coluna).
2. **A formiga comprou 2 flores no dia seguinte.** (R: 3.^a feira).
3. **Na 4.^a feira a formiga comprou meia dúzia de flores amarelas.** (R: 6).
4. **No domingo a formiga comprou meia dezena de flores.** (R: 5 flores)

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Considerei os seguintes parâmetros e critérios para a avaliação:

1.º Parâmetro: **Identificou a coluna da 2.^a feira**

Critérios	Identificou
	Não identificou

2.º Parâmetro: **Identificou a coluna da 3.^a feira**

Critérios	Identificou
	Não identificou

3.º Parâmetro: **Reconheceu a quantidade de meia dúzia**

Critérios	Reconheceu
	Não reconheceu

4.º Parâmetro: **Reconheceu a quantidade de meia dúzia dezena**

Critérios	Reconheceu
	Não reconheceu

5.º Parâmetro: Assinalou a coluna do domingo

Critérios	Assinalou
	Não assinalou

3.4.3. Apresentação da Tabela de Avaliação dos parâmetros, critérios e cotações da Atividade do Domínio da Matemática

No quadro 26 apresento a tabela com os parâmetros, critérios e cotações.

Quadro 26 - Tabela de Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação	Total
Identificou a coluna da 2. ^a feira	Identificou	2	2 Valores
	Não identificou	0	
Identificou a coluna da 3. ^a feira	Identificou	2	2 Valores
	Não identificou	0	
Reconheceu a quantidade de meia dúzia	Reconheceu	2	2 Valores
	Não reconheceu	0	
Reconheceu a quantidade de meia dezena	Reconheceu	2	2 Valores
	Não reconheceu	0	
Assinalou a coluna do domingo	Assinalou	2	2 Valores
	Não assinalou	0	
Total			10 Valores

3.4.4. Descrição da Tabela dos parâmetros e critérios de avaliação

Como parâmetros para esta atividade selecionei cinco, aos quais atribuí uma cotação de fácil aplicação. Os critérios escolhidos também permitiam um rápido registo na folha que utilizei para a observação.

3.4.5. Apresentação da Grelha de Correção da Atividade de Domínio da Matemática

O Quadro 27 representa os resultados individuais de cada aluno, colocados em grelha.

Quadro 27 - Grelha de Correção da turma na Atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Identificou a coluna da 2. ^a feira		Identificou a coluna da 3. ^a feira		Reconheceu a quantidade de meia dúzia		Reconheceu a quantidade de meia dezena		Assinalou a coluna do domingo		C o t a ç ã o
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Valores Alunos	2	0	2	0	2	0	2	0	2	0	
1	2		2		2		2		2		10
2	2		2		2		2		2		10
3	2		2		2		2		2		10
4	2		2		2		0		2		8
5	2		2		2		2		2		10
6	2		2		0		0		2		6
7	2		2		0		0		2		8
8	2		2		2		2		2		10
9	2		2		2		2		2		10
10	2		2		0		0		2		6
11	2		2		2		2		2		10
12	2		2		2		2		2		10
13	2		2		2		2		2		10
14	2		2		0		0		2		6
15	2		2		2		2		2		10
16	2		2		2		2		2		10
17	2		2		2		2		2		10
18	2		2		2		2		2		10
19	2		2		2		2		2		10
20	2		2		2		2		2		10
21	2		2		0		0		2		8
22	2		2		2		2		2		10
23	2		2		2		2		2		10
24	2		2		0		0		2		8
25	2		2		2		2		2		10
26	2		2		2		2		2		10

3.4.6. Descrição da Grelha de Correção

Os resultados obtidos após a avaliação que realizei revelam de forma geral, uma grande facilidade de execução e conhecimento das tarefas solicitadas. A presente grelha dá-nos a conhecer que 19 alunos obtiveram a classificação máxima de 10 valores, 4 alunos somaram um total de 8 valores e os restantes 3 alunos classificaram-se com 6 valores.

3.4.7. Apresentação dos resultados em Gráfico

A Figura 17 que se segue diz respeito aos resultados obtidos na turma, após a sua classificação segundo a escala de Likert.

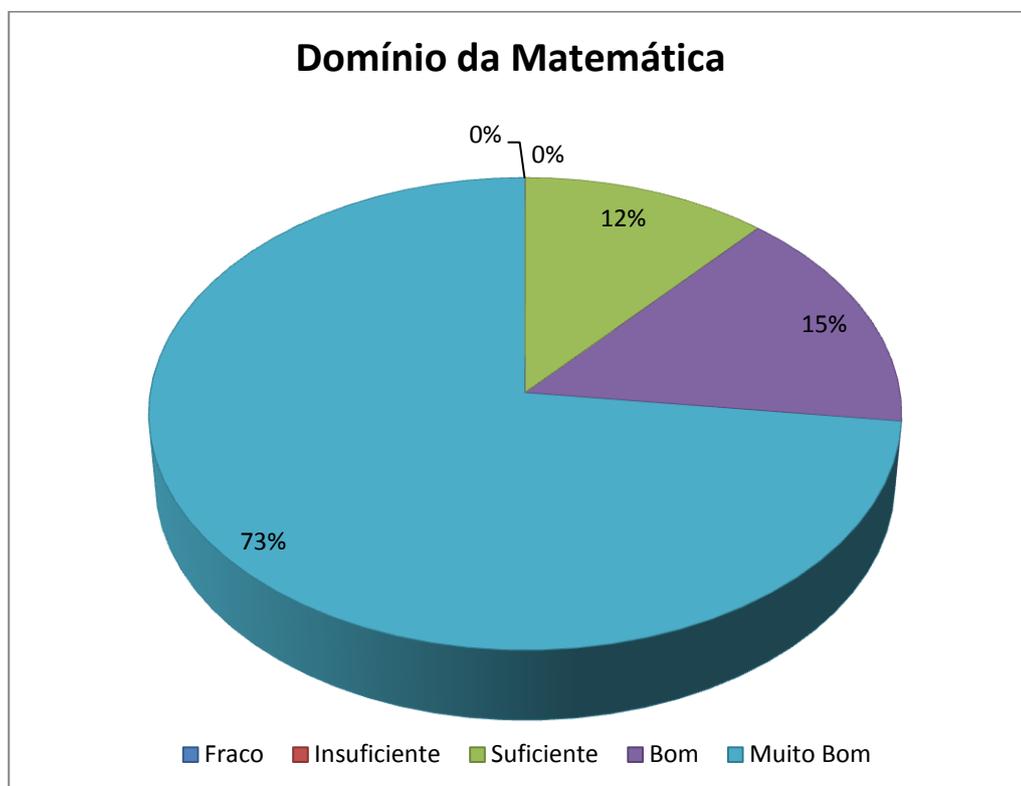


Figura 17 - Resultados da Avaliação da Atividade do Domínio da Matemática

3.4.8. Análise do Gráfico

Com a interpretação do gráfico, verifica-se que a turma obteve resultados muito positivos, o que quer dizer que não tiveram dificuldades na execução das tarefas, por isso 73% da turma obteve os melhores resultados com classificação de Muito Bom, 15% atingiram o Bom, 12% classificou-se com resultados Suficientes e não se verificaram classificações inferiores a Suficiente.

As crianças revelam conhecimento dos conteúdos explorados nas atividades. No entanto, as dificuldades sentidas por parte da turma correspondem aos parâmetros referentes ao reconhecimento da meia dúzia e meia dezena. Com esta atividade recolhi informações importantes que me permitiram pensar em mais propostas com a finalidade de se trabalharem as noções de dezena e dúzia, para que os alunos possam ultrapassar as dificuldades sentidas.

Reflexão Final

1. Considerações finais

A realização do estágio que apresento foi alvo de uma grande pesquisa sobre matérias importantes, que me levaram a refletir e a querer saber um pouco mais sobre as práticas da educação.

Considero que o estágio desenvolveu a minha visão crítica e alargou os meus conhecimentos, na medida em que me colocou perante situações, experiências e conclusões com as quais foi imprescindível adotar posições face ao modo de agir enquanto futura educadora.

Ao longo do estágio, que decorreu a par da teoria na ESE, unifica-se a articulação entre dois conceitos a teoria e a prática. Citando Pires (2007), “ a teoria [é] onde se agrupam os saberes do dito conhecimento científico e a prática [é] que assume o valor da experiência” (p.95). Para além disso, surge outro momento igualmente importante, que se apresenta aqui como uma finalização dessa teoria curricular e da prática pedagógica, refiro-me à reflexão de todo um processo para se chegar à profissionalização. De acordo com Alarcão (1996), é também nesta fase que se integram as estruturas cognitivas do sujeito, a prática reflexiva contextualizada, baseada na cultura profissional e nas variáveis envolvidas.

Observei, aprendi, planifiquei, implementei e refleti, sobre a forma de transmitir conhecimentos às crianças com quem espero, a partir de agora, poder encontrar como docente.

2. Limitações

No decorrer deste meu caminho foram várias as limitações que encontrei, e que por vezes foi difícil de gerir da melhor forma. No entanto, considero que a superação dessas mesmas limitações e dificuldades que encontramos, são fatores que nos dão mais experiência, mais conhecimento e mais vontade de caminhar em busca dos nossos objetivos.

Uma limitação que não posso deixar de mencionar, prende-se com o fator tempo. Frequentei sempre a Escola Superior de Educação João de Deus em horário pós-laboral, e mantive sempre funções profissionais com horário completo, apenas faltando para realizar as horas de estágio profissional. Neste aspeto, esta foi uma etapa difícil. Também considero que dar resposta a

A maior limitação na realização deste relatório está associada à dedicação que o mesmo justificou ter, mas que nem sempre foi possível conciliar, por motivos pessoais e familiares.

3. Novas pesquisas

Todo o trabalho que desenvolvi neste Relatório e no decorrer do Mestrado, despertou o meu interesse e a reflexão sobre a importância científica da educação. Também me suscitou uma motivação crescente para o exercício da profissão a que este me habilita.

Por motivos pessoais optei por interromper o meu inicial objetivo que era o Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, no entanto apresento desde já o meu desejo em prosseguir estes estudos e realizar numa fase posterior essa valência, pois não deixou de fazer parte do meu projeto pessoal.

Gostaria de alargar os meus conhecimentos e realizar um estudo referente à articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico: os contributos da Formação Pessoal e Social nas crianças.

O processo educativo é um processo contínuo, começa quando a criança nasce, sendo os pais os primeiros intervenientes nesse processo. Surge assim a Educação Pré-Escolar e numa outra fase a entrada para o 1.º Ciclo, considero que a colaboração entre professores e educadores é essencial para promover a área da formação pessoal e social. Através do desenvolvimento de atividades conjuntas, podemos favorecer a socialização da criança, contribuindo para a sua entrada na escolaridade obrigatória sem “medos” e “receios”.

A frequência em Educação Básica formando educadores e professores coloca os docentes num contexto mais reflexivo sobre essa articulação, pois contactam com ambas as realidades ao longo do seu estágio profissional e percebem com mais facilidade quais as principais fragilidades, passíveis de serem trabalhadas, para que haja uma boa transição por parte das crianças, favorecendo a continuidade educativa na sua formação pessoal e social.

Referências Bibliográficas

- . Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- . Alarcão, I. (2001). *Do olhar supervisivo ao olhar sobre a supervisão*. In M. Rangel (org.) *Supervisão Pedagógica. Princípios e Práticas*. Campinas: Papyrus Editora
- . Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- . Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- . Albaum, G. (1997). The Likert scale revisited: An alternate version Market Research Society. *Journal of the Market Research Society*; Apr, 39, 2, pp 331-335
- . Alegria, M. et al. (2001). *A Prática Pedagógica na formação inicial dos Professores*. Lisboa: Areal Editores.
- . Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recurso lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- . Andrade, C. (1999). *A Palavra Mágica: A senha do mundo*. São Paulo: Edições Record
- . Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- . Azevedo, M. (2008). *Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação escrita*. 6.^a Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- . Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Predições. 1.^a Edição
- . Bassedas, E. et al. (1999). *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*. Artmed
- . Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda.
- . Bettelheim, B. (1988). *Psicanálise dos contos de fadas*. Porto: Bertrand Editora.
- . Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria dos métodos*. Porto: Porto Editora.
- . Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. (2001). *A motivação do aluno*. Petrópolis: Editora vozes
- . Cachapuz, A., Praia, J., Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Lisboa: ME.
- . Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- . Canário, R. (1999). *A escola o lugar onde os professores aprendem*. *Cadernos de educação de infância*, 52.
- . Castellar, S. (2000). *A alfabetização em geografia*. Espaços da Escola.
- . Chauvel, D., Wach, D. (2007). *Brincar com a matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.
- . Convenção sobre os Direitos da Criança.
http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf Acedido a 5 de janeiro de 2011.
- . Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança - do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- . Cunha, N., Nascimento, K. (2008). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis: Vozes
- . Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho.
- . Deus, J. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins- -Escolas João de Deus
- . Eisner, E. (1985). *Learning and teaching the was of knowing*. Chicago: Iniversity of Chicago Press.
- . Estrela, A e Nóvoa, A. (1993). *Avaliação em Educação: Novas Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

- . Estrela, A. (2002). *Teoria e prática de observação de classes*. Uma estratégia de formação de professores. Porto: Porto Editora.
- . Federação Portuguesa de Columbofilia: <http://www.fpcolumbofilia.pt/Ser.htm>. Acedido a 05 de janeiro de 2012.
- . Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- . Figueiredo, M. (2005). *Ideias para a Construção de Projectos*. Lisboa: Bola de Neve.
- . Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- . Formosinho, J. (1998). *O desenvolvimento profissional das educadoras de infância*. Um estudo de caso. Dissertação de doutoramento em estudos da criança. Braga. Universidade do Minho.
- . Freire, P. (1976). *Pedagogia e Autonomia*. São Paulo: Artmed.
- . Gardner, H. (1994). *Creating Minds*. New York: Basic Books.
- . Gil, A. (2006). *Didática do ensino superior. Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Edição, São Paulo: Atlas.
- . Hadji, C. (1994). *Avaliação: as Regras do Jogo*. Porto: Porto Editora.
- . Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . Hohmann, M., Post, J. (2004). *Educação de bebés em infantários*. Cuidados e primeiras aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . Huizinga, J. (1996). *Homo ludens: o jogo como elemento de cultura*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP.
- . Jolibert, J. et al. (1989). *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre
- . Kamii, C. (2009). *A teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- . Kishimoto, T. (Org.) (1999). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez Editora
- . Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei N.º 5/97, de 10 de Fevereiro)
- . Leite, L. (2001). *Contributos para uma utilização mais fundamentada do trabalho laboratorial no ensino das ciências*. In Caetano, H. & Santos, M. (Org.). *Cadernos Didáticos de Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- . Machado R. (2003). *Minicurso - Explorando o Geoplano*. In: II Bienal da Sociedade Brasileira de Matemática, Disponível em <<http://www.bienasbm.ufba.br/M11.pdf>>. Acedido em 15 set. 2011.
- . Magalhães, V. (2008). *A Promoção da leitura literária na infância: "Um mundo de verdura" a não perder*. In O. Sousa & A. Cardoso (Ed.). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- . Magina, S. et al. (2001). *Repensando adição, subtração: contribuições da teoria dos campos conceituais*. Gtirana. 1ª ed. São Paulo: PROEM.
- . Malaguzzi L. (1999) *Histórias, idéias e filosofia básica*. In: Edwards, C et al. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: artmed, 1999.
- . Maluf, A. (2004). *Brincadeiras para Sala de Aula*. Petrópolis, RJ: Vozes,
- . Marques, R. (1991). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler*. Um Guia Para Pais e Educadores (4ª Ed.). Lisboa: Texto Editora.
- . Martins, I. P. et al. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental*. Formação de professores. Lisboa: Ministério da Educação.
- . Mata, L. (2006). *Literacia familiar. Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

- . Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- . Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- . Ministério da Educação Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007
- . Oliveira, I. & Serrazina, L. (2002). *A reflexão e o professor como investigador*. In: Ponte J. P. *Reflectir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: Quinta Dimensão.
- . Pacheco, J. (1996). *Currículo: teoria e prática*. 2ª Edição. Lisboa: Porto Editora.
- . Pacheco, J. (2006). *A formação inicial de professores no contexto das políticas curriculares*. In *Formação de professores de línguas estrangeiras: reflexões, estudos e experiências*. Porto: Porto Editora.
- . Pais, L. C. (2000). *Uma análise do significado da utilização de recursos didáticos no ensino da geometria*. CD- 23.ª ANPEd.
- . Papalia et al. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- . Pennac, Daniel (1999). *Como um romance*, Porto: Edições ASA
- . Pérez, M. R. & López, E. (1994). *Currículum y enseñanza – una didáctica centrada en procesos*. Madrid: Editorial EOS.
- . Piaget, J. (1976). *Psicologia e Pedagogia*. Trad. Por Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- . Pires, C. (2007). *Educador de Infância, teorias e práticas*. Porto: Profedições;
- . Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Porto: Porto Editora.
- . Portugal, G. (2001). *Ser Educador de Infância: Ideias para a Construção do Conhecimento Pedagógico*. In Tavares, J. e Brzezinski, I. (Org.) *Conhecimento Profissional de Professores – a praxis educacional como paradigma de construção*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Editora Plano. Relógio D'Água.
- . Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.

Referências Bibliográficas

- . Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- . Ribeiro, O. (1998). *Línguas Estrangeiras no Jardim de Infância: Porquê? Com que finalidades? Como?* APEI - Cadernos de educação de infância, n.º 46.
- . Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Lisboa: Edições ASA.
- . Roldão, M. (1999). *Gestão Curricular. Fundamentos e práticas*. DEB.
- . Ruivo, M. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciências de la Educacion.
- . Ryngaert, J. P. (1981). *O jogo dramático no meio escolar*. Coimbra: Centelha.
- . Sá-Chaves, I. (2000). *Formação, conhecimento e supervisão*. Universidade de Aveiro: Aveiro.
- . Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de atuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- . Sant'anna, I (1995). *Porque avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos*. 9ed. Petrópolis/RJ: Vozes,.
- . Santos Guerra, M.A. (2001). *A escola que aprende*. Porto: Asa.

- . Saraiva, M. (2003). *Práticas Educativas nos Jardins-Escolas João de Deus: estudo exploratório 1940-1989*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.
- . Serra, M. (2004). *Currículo na educação pré-escolar e articulação curricular com o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Coleção Educação. Porto: Porto Editora.
- . Serrazina, M. & Matos J. (1996). *O Geoplano na Sala de Aula*. Lisboa: Associação dos Professores de Matemática.
- . Serrazina, M. (1991). *Aprendizagem da Matemática: a Importância da Utilização dos Materiais*. Noesis nº 21.
- . Silva, M. (2002), *Orientações curriculares para a educação pré-escolar, (2ª ed.)*, Lisboa: Ministério da Educação.
- . Sim-Sim, I. (1998). *Do uso da linguagem à consciência linguística*. In I. Sim-Sim *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- . Sim-Sim, I. (2002). *A Formação para o ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. INAFOP: Porto Editora.
- . Sousa, A. (1989). *A expressão dramática: imitação, mímica, expressão oral, improvisação e dramatização*. Lisboa: Básica Editora.
- . Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.
- . Strecht-Ribeiro, O. & Roso, A. (2001). *Sensibilização às Línguas Estrangeiras na Educação Pré-Escolar: Representações dos Educadores de Infância*. In Bárrios, A. (Org.). *Da Investigação às Práticas – Estudos de Natureza Educacional*. Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da ESE de Lisboa.
- . Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluacion. Guia practica para profesores*. Madrid: Narcea S. A.
- . Turrioni, A. (2004). *O laboratório de educação Matemática na formação inicial de professores*. Dissertação de Mestrado. UNESP, Rio Claro.
- . Vasconcelos, T. (2001). *Repensando o papel da pedagogia na formação. Contributos para uma reconceptualização da formação de docentes*. In T. Pinto (Coor.). *A profissão docente e os desafios da coeducação: perspectivas teóricas para práticas inovadoras*. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica, Lda.
- . Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). *Literatura infantil, brinquedo e segredo. Malasartes, cadernos de literatura para a infância e a juventude, n.º 10*. Lisboa.
- . Veríssimo, M., & Santos, A. (2008). *Desenvolvimento social: Algumas considerações teóricas*. *Análise Psicológica*, XXVI.
- . Viana, F. & Teixeira M. (2002). *Aprender a ler – da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.
- . Vilhena, G. e Silva, M. (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- . Zabalza, M. (1994). *Diário de aula – Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto Editora.
- . Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. São Paulo: Artmed.
- . Zabalza, M. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.
- . Zabalza, M. (2001). *Didática da educação infantil*. Porto: Edições ASA.